



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VANUSA FOGAÇA DE FREITAS PRADO

**PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM
PRODUÇÕES ORAIS E ESCRITAS DE ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL II:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Londrina
2018

VANUSA FOGAÇA DE FREITAS PRADO

**PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM
PRODUÇÕES ORAIS E ESCRITAS DE ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL II:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Dissertação de Mestrado Profissional (Profletras) apresentada ao Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Dircel Aparecida Kailer

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

V283 Prado, Vanusa Fogaça de Freitas.
Processos fonético-fonológicos em produções orais e escritas de alunos do ensino fundamental II: uma proposta de intervenção / Vanusa Fogaça de Freitas Prado. - Londrina, 2018.
177 f. : il.

Orientador: Dircel Aparecida Kailer.
Dissertação (Mestrado Profissional em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística Educacional; - Tese. 2. Oralidade; - Tese. 3. Escrita; - Tese. 4. Ensino Fundamental; - Tese. I. Kailer, Dircel Aparecida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. IV. Título.

CDU 8

VANUSA FOGAÇA DE FREITAS PRADO

**PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM PRODUÇÕES
ORAIS E ESCRITAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

II:

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Dissertação de Mestrado Profissional (Profletras) apresentada ao Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof^a Dra. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dr.^a Joyce Elaine de Almeida Baronas
Universidade Estadual Londrina - UEL

Prof^a Dr^a Maria Isabel Borges
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 26 de abril de 2018.

Ao meu esposo e as minhas filhas,
Julia e Rafaela, amores da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força e perseverança para vencer mais essa etapa.

À minha professora orientadora Dircel Aparecida Kailer pela orientação, acolhimento, apoio e compreensão.

À Prof.^a Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas e Prof.^a Dra. Maria Isabel Borges pelas valiosas contribuições no exame de qualificação, que muito contribuíram para o resultado final deste trabalho.

Ao Programa PROFLETRAS (Programa de Mestrado Profissional em Letras), por possibilitar meu aprimoramento profissional e pessoal.

Aos professores do PROFLETRAS, por todo aprendizado.

Aos colegas da turma de 2016/2018 do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Aos meus familiares por todo apoio e compreensão, em especial, ao meu esposo, as minhas filhas e a minha irmã, amiga de todos os momentos.

Aos meus alunos do 6º ano pela colaboração na realização das atividades de implementação da proposta didática.

A todos, obrigada pelo carinho!

“DESISTIR...

**eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério;
é que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas,
mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais
estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.”**

Cora Coralina

PRADO, Vanusa Fogaça de Freitas. **Processos fonético-fonológicos em produções orais e escritas de alunos do ensino fundamental II: uma proposta de intervenção.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras – PROFLETRAS), Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina – PR, 2018.

RESUMO

A intenção de desenvolver esta pesquisa surgiu a partir de algumas indagações sobre a acentuada presença de marcas características da fala nas produções escritas de 28 alunos de uma turma do 6.º ano de um colégio estadual situado em uma região periférica da cidade de Londrina – PR. Diante disso, o presente estudo, pautado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2005), tem como objetivos : a) identificar os processos fonético-fonológicos recorrentes na fala desse grupo de 28 alunos; b) averiguar quais marcas da oralidade (processos fonético-fonológicos) estão presentes nos textos escritos desses alunos; c) categorizar os desvios dos alunos conforme os contínuos de Bortoni -Ricardo (2005); d) desenvolver atividades de intervenção sobre os processos fonético-fonológicos mais recorrentes nas produções escritas dos alunos. Sendo assim, primeiramente, foi feito um levantamento dos processos fonético-fonológicos mais recorrentes na fala desses alunos, por meio da gravação de um fato narrado oralmente; em seguida, foi realizado o mesmo levantamento em um texto relatado de forma escrita. Após os dois levantamentos, foram desenvolvidas atividades de intervenção com o objetivo de refletir sobre o uso da fala e da escrita, principalmente com relação aos traços graduais, buscando minimizar as marcas desses traços nas produções escritas dos alunos. O estudo foi analisado com base nos pressupostos teóricos de Bortoni-Ricardo (2005), Cagliari (2008), Marcuschi (2008), Silva (2009), dentre outros estudiosos que abordam a oralidade e a escrita da Língua Portuguesa, com o objetivo de proporcionar uma maior reflexão a importância de se trabalhar os aspectos da fonética, da fonologia e da variação linguística, visando à melhoria das práticas de escrita dos alunos. Foi possível perceber, ao analisar os textos que foram produzidos após a aplicação da proposta de intervenção, quantos aos processos fonético-fonológicos, de modo geral, os alunos apresentaram uma evolução, juntamente com uma melhora do relacionamento entre professor/alunos. No entanto, ainda existem outras várias fragilidades com relação à escrita que precisam ser superadas ao longo da caminhada escolar desses alunos.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional. Oralidade. Escrita. Ensino Fundamental.

PRADO, Vanusa Fogaça de Freitas. **Phonological phonetic processes in oral and written productions of elementary school students II: a proposal for intervention.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras – PROFLETRAS), Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina – PR, 2018.

ABSTRACT

The intention to develop this research arose from some inquiries about the marked presence of characteristic marks of speech in the written productions of 28 students of a group of the 6th year of a state college located in a peripheral region of the city of Londrina–PR. In light of this, the present study, based on the theoretical-methodological assumptions of Educational Sociolinguistics (BORTONI-RICARDO, 2005), aims to: a) identify recurrent phonological-phonological processes in the speech of this group of students; b) find out which marks of orality (phonological-phonological processes) are present in the written texts of these students; c) develop intervention activities on the most recurrent phonological-phonological processes in students' written productions. In that way, first, a survey of the most recurrent phonetic-phonological processes was made in the speech of these students, through the recording of a fact narrated orally; then the same survey was carried out in a text reported in written form. After the two surveys, intervention activities were developed with the purpose of reflecting on the use of speech and writing, mainly in relation to the gradual traits, seeking to minimize the traces of these traits in students' written productions. The study was analyzed with the theoretical assumptions of Educational Sociolinguistics, through the category of errors presented by Bortoni-Ricardo (2005), besides Cagliari (2008), Marcuschi (2008), Silva (2009), among other scholars that orality and the writing of the Portuguese language. This study was developed with the aim of providing a greater reflection on the importance of working on aspects of phonetics, phonology and linguistic variation, aiming at improving the students' writing practices, a fact that was possible to understand when analyzing texts that were produced after application of the intervention proposal. As for the phonetic-phonological processes, in general, the students presented an evolution, together with an improvement in the relationship between teachers / students. However, there are still other weaknesses in writing that need to be overcome along the school walk of these students.

Key words: Educational sociolinguistics. Orality. Writing. Elementary School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	–	Contínuo de urbanização.....	23
Figura 2	–	Contínuo de oralidade-letramento.....	24
Figura 3	–	Contínuo de monitoração estilística	24
Figura 4	–	Tira de Fernando Gonsales.....	75
Figura 5	–	Jogo da Memória	78
Figura 6	–	Lista de atividades	79
Figura 7	–	Tira cômica do Glauco	81
Figura 8	–	Proposta de produção textual	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Traços descontínuos e graduais na fala/escrita de alunos da 6ª série	52
Gráfico 2 - Ocorrências de traços graduais e descontínuos de acordo com o sexo masculino/ feminino	64
Gráfico 3 - Ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com a faixa etária.....	65
Gráfico 4 - Ocorrências registradas de acordo com a origem familiar	66
Gráfico 5 - Ocorrências de variáveis linguísticas – verbo e não – verbo	67
Gráfico 6 - Quantidade de processos fonético-fonológicos identificados nas produções escritas tanto na 1ª quanto na 2ª coleta	88
Gráfico 7 - Ocorrências de traços graduais e descontínuos presentes nos textos coletados na 1ª e 2ª coleta	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios para análise dos dados coletados.....	49
Quadro 2 - Lista dos processos fonético-fonológicos de acordo com os traços graduais e descontínuo	51
Quadro 3 - Processos fonético-fonológicos que foram observados na pesquisa.....	54
Quadro 4 - Processos fonético-fonológicos identificados na 1ª e na 2ª coleta dos dados nas produções textuais escrita	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COHAB	Companhia de habitação EF: Ensino Fundamental
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto político pedagógico
P 1, P2, ...P28	Participante 1, participante 2, participante 3... participante 28

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1	Ensino de Língua Portuguesa e algumas implicações	18
1.2	Contribuições da Sociolinguística	22
1.2.1	Variação linguística e ensino	25
1.2.2	Variação linguística e o erro	27
1.3	A oralidade e a escrita	30
2	AS CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM	34
2.1	Fonética	34
2.2	Fonologia	35
2.3	Consciência fonológica	36
2.4	Processos Fonológicos	37
2.4.1	Os processos fonológicos de supressão	38
2.4.2.	Processos fonológicos de adição	38
2.4.3.	Processos fonológicos de transposição	39
2.4.4.	Processos fonológicos de substituição	39
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1	Histórico e perfil da comunidade	43
3.2	Campo de pesquisa	44
3.3.	Perfil da turma	46
3.4.	Procedimento de coleta do <i>corpus</i> para análise	46
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	49
4.1	A presença dos traços descontínuos e graduais na fala e na escrita de alunos da 6ª série	51

4.2.	Análise dos processos fonético-fonológicos	53
4.2.1	Os principais processos fonético-fonológicos graduais	56
4.2.2.	Os principais processos fonéticos-fonológicos descontínuos.....	60
4.3	Análise dos fatores extralinguísticos relacionados à pesquisa	63
4.3.1	A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com o sexo masculino/feminino	63
4.3.2	A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com a faixa etária.....	65
4.3.3	A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com a origem familiar.....	66
4.3.4	A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com as variáveis linguísticas.....	67
5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA	69
5.1	Uma proposta de trabalho com os processos fonético- fonológicos.....	70
5.2	Relato reflexivo a partir da aplicação d proposta de intervenção.....	84
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	87
6.1	Traços contínuos e graduais presentes nas produções escritas	88
6.2	Análise comparativa das principais ocorrências dos processos fonético- fonológicos.....	90
6.2.1	Análise dos principais processos fonético-fonológicos identificados nas duas produções escritas dos participantes desta pesquisa.....	93
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	115
	ANEXOS	119
	Anexo 1 - Registro das atividades -Proposta de intervenção.....	120
	Anexo 2 - Questionário socioeconômico.....	121
	Anexo 3 - Termo de confiabilidade e sigilo	124
	Anexo 4 - Textos produzidos pelos participantes da pesquisa	126

INTRODUÇÃO

A escrita e a oralidade são essenciais para a comunicação humana, pois possibilitam a interação social. Contudo, são duas modalidades com características próprias, tendo em vista que apresentam uma variação determinada por fatores de ordem linguística, histórica e social.

Compreendemos que tanto a fala quanto a escrita devem ser determinadas pelo uso adequado da língua de acordo com as práticas sociais em que ocorrem fato este que nos levou a observar os processos fonético-fonológicos mais recorrentes na fala e na escrita de 28 estudantes do 6º ano de uma escola pública da cidade de Londrina- PR.

O interesse em investigar as marcas da oralidade na escrita surgiu pelo fato de observarmos que, frequentemente, muitos alunos têm dificuldades para diferenciar aspectos linguísticos que são comuns na oralidade, como, o apagamento do R (comer ~ comê, sair ~ sai), a monotongação (beijo ~ bejo) ou a ditongação (dez ~ deiz). Essas construções, no entanto, não devem ser utilizadas da mesma forma em muitas práticas escritas. Além dessa observação, também verificamos que alguns alunos não conseguem diferenciar processos linguísticos que são marcados mesmo em algumas práticas orais coloquiais, tais como: o rotacismo (problema ~ probrema, calça ~ carça), a iotização (trabalho ~ trabaio) ou a palatalização (antônio ~ antonho).

Neste sentido, tomando como base a Sociolinguística Educacional e outros estudos que abordam a referida questão (CAGLIARI, 1996; MARCUSCHI, 2001; SILVA, 2003; CYRANKA, OLIVEIRA, 2014, dentre outros), acreditamos que a investigação dessas marcas da oralidade nas produções escritas dos alunos, aliada a uma proposta de intervenção pautada na realidade do referido grupo, proporcione importantes contribuições para um ensino de Língua Portuguesa livre de preconceitos e mais efetivo quanto ao seu propósito.

Tendo em vista que a escrita, em relação à fala, segue padrões mais rígidos, é necessário deixar explícito ao aluno que, nesta modalidade da língua, o tratamento dispensado aos desvios não é o mesmo de quando se trata da fala. Sendo assim, cabe ao professor ter um olhar mais cuidadoso quanto aos desvios ortográficos (marcas da oralidade na escrita/ processos fonético-fonológicos) presentes nos textos dos alunos.

Ao observar a relação direta entre a linguagem e a sociedade, assim como as relações que se estabelecem entre a oralidade e a escrita, ainda chama-nos a atenção as dificuldades de muitos alunos para grafar as palavras, por se apoiarem constantemente nas práticas de oralidade como base para sua escrita.

Portanto, o professor deve sempre estar atento aos problemas/desvios¹ encontrados na escrita dos estudantes, buscando realizar uma intervenção positiva e produtiva, para que os alunos possam integrar as diversas práticas sociais em que a escrita convencional é exigida.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), a Sociolinguística rejeita a ideia de erro no repertório de um falante nativo de uma língua, uma vez que todo falante é competente em sua língua. No entanto, na escrita é diferente, pois trata-se de uma convenção, possui regras definidas e normatizadas. Assim, principalmente no meio escolar, as transgressões a essas regras são socialmente avaliadas de forma muito negativa. “Na língua escrita o chamado erro tem uma outra natureza porque representa a transgressão de um código convencionado e prescrito pela ortografia.” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 273)

Nesse sentido, foi realizada uma análise das produções orais e escritas dos alunos para observar quais processos fonético-fonológicos são mais recorrentes e criar estratégias pedagógicas para suprir essa demanda. Sabemos que tanto a fonética quanto a fonologia são áreas que ainda são pouco discutidas na formação do professor de Língua Portuguesa e, na maioria dos casos, a influência da fala na escrita não costuma ser reconhecida, sendo relegada ao estigma de erros de grafia nas aulas de língua portuguesa.

Além de abordar as questões fonéticas e fonológicas, o estudo da variação linguística é fundamental no processo de ensino e aprendizagem da escrita. A língua é variável e está diretamente ligada ao nível de letramento ao qual o indivíduo foi submetido, considerando as suas práticas sociais, as suas vivências de leitura e de escrita, a sua comunidade de origem e os variados eventos sociais nos quais ele está inserido.

Com base nos estudos de Cagliari (1996) e Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2011), observamos que os desvios de escrita refletem o uso real que os indivíduos fazem da sua língua materna na fala e, por isso, muitas marcas da oralidade

¹ Neste estudo, ao invés de utilizarmos o termo “erro”, usaremos “marcas de oralidade”, “desvios ortográficos” ou “processos fonético-fonológicos”, a fim de evitar o preconceito linguístico no ambiente escolar.

aparecem impressas nos textos dos alunos. O escritor aprendiz constrói hipóteses fundamentadas nos usos que ele faz da língua oral no momento de grafar as palavras. Entretanto, pelo caráter relativamente arbitrário da ortografia, essas hipóteses nem sempre estão de acordo com as regras estabelecidas pelo nosso sistema de escrita.

Muitos dos problemas ortográficos que se esperam superados por alunos nos anos finais do Ensino Fundamental II ainda persistem, comprometendo o desempenho nas operações linguísticas necessárias ao sentido e à significação da leitura e da escrita. Segundo Busse (2013), independentemente do nível de escolaridade, os alunos ainda revelam hipóteses sobre regras ortográficas e de organização da escrita que comprometem o desenvolvimento e a compreensão do texto.

Portanto, o objetivo principal, nesta pesquisa, é compreender a realidade linguística de alunos do 6º ano com vistas a elaborar uma proposta de intervenção.

Além disso, são elencados estes objetivos específicos:

a) identificar os processos fonético-fonológicos recorrentes na fala de 28 alunos;

b) averiguar quais marcas da oralidade (processos fonético-fonológicos/desvios ortográficos) estão presentes nos textos escritos desses alunos;

c) categorizar os desvios dos alunos conforme os contínuos de Bortoni-Ricardo (2005);

d) desenvolver propostas de atividades de intervenção sobre os processos fonético-fonológicos mais recorrentes nas produções orais e escritas dos alunos;

e) refletir sobre o preconceito linguístico e como abordá-lo em sala de aula.

Assim, esta pesquisa encontra-se organizada em seis capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro e no segundo capítulos, temos a apresentação dos fundamentos teóricos da pesquisa, os quais se estruturam em torno do ensino da Língua Portuguesa, da Sociolinguística e da Fonética/Fonologia

Os princípios metodológicos do trabalho, as discussões sobre a abordagem e o tipo de pesquisa são apontadas no terceiro capítulo. Também apresentamos a formação histórica e cultural da localidade em que a comunidade

escolar e linguística está inserida, além de uma descrição dos procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

No quarto capítulo, analisamos os dados coletados, detalhando os desvios fonético-fonológicos encontrados nas produções textuais orais e escritas que foram previamente selecionados e quantificados através do programa Goldvarb X.

No quinto capítulo, apresentamos a proposta de intervenção didática, elaborada a partir do resultado da coleta de dados, com a descrição das atividades que foram pautadas em procedimentos de leitura, de fala e de escrita, nas suas diferentes manifestações. Assim, os alunos puderam observar a dicotomia entre a fala e a escrita e desenvolver a consciência fonológica.

Ao encerrar as atividades da proposta de intervenção, realizamos uma nova coleta de dados com o objetivo de comparar com os dados da primeira, a fim de que fosse possível mensurar a apropriação dos alunos em relação aos principais processos fonético-fonológicos identificados no início da pesquisa.

Nas considerações finais apresentamos uma reflexão sobre a pesquisa e a aplicação da proposta didática, bem como os resultados obtidos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam o desenvolvimento desta pesquisa. Para isso, abordamos alguns conceitos que envolvem a oralidade e a escrita, juntamente com a fonologia e a variação linguística. Além disso, procuramos relacionar essas questões com a prática de ensino de Língua Portuguesa.

1.1 Ensino de Língua Portuguesa e algumas implicações

A linguagem, fundamental à formação humana, manifesta-se de várias formas desde os primeiros indícios de vida. A aquisição de uma língua é um dos fatores primordiais para a inserção do indivíduo nas práticas sociais de uma comunidade, a qual ocorre através das mais diversas interações sociais.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1986, p.123)

Para Cagliari (2008, p.18), a língua se institui socialmente e sobrevive graças às convenções sociais que são admitidas a ela, pois “as pessoas falam da mesma maneira como seus semelhantes falam e por isso se entendem”. Consoante à afirmação de Cagliari (2008), podemos refletir sobre a importância da linguagem na sociedade, para assim considerar relevante o estudo das relações que se estabelecem entre as modalidades da língua – a oral e a escrita – no ensino de Língua Portuguesa.

Por meio da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1961) que propagou a ideia de que “a educação é direito de todos e será dada no lar e na escola”, iniciou-se a democratização escolar com a inserção dos filhos dos trabalhadores na sala de aula. Esse fato gerou um choque cultural, pois a escola, que era composta de alunos pertencentes à classe média letrada, recebeu os filhos da classe trabalhadora iletrada. Apesar da chegada dessa nova classe ao ambiente escolar, o ensino de língua materna não foi democratizado,

haja vista que ainda era baseado no português europeu, conforme aponta Mattos e Silva.

A escola brasileira, falsamente democratizada nas últimas décadas, no que diz respeito ao ensino de língua materna, persegue, no geral, a tradição, normativo-prescritiva cujo modelo é um português padrão idealizado, fundado originalmente no português europeu. (MATTOS, e SILVA, 2004, p.135)

De acordo com Cagliari (2008), nas aulas de Língua Portuguesa o professor deve, não somente ensinar como a língua funciona, mas também apresentar ao aluno as diversas possibilidades de comunicação, para assim ampliar ao máximo suas habilidades de uso (oral e escrita) nas mais diversas situações.

Segundo os PCNs, as aulas de Língua Portuguesa devem abordar tanto a fala quanto a escrita, promovendo a reflexão sobre as diferentes situações comunicativas. Assim, cabe à escola promover a ampliação do conhecimento do aluno, tornando-o capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos (orais e escritos) eficazes nas mais variadas situações.

Cagliari (1996) defende que

A escola deve respeitar os dialetos, entendê-los e até mesmo ensinar como essas variedades da língua funcionam, comparando-as entre si; entre eles devem estar incluídos o próprio dialeto de prestígio, em condições de igualdade linguísticas. A escola também deve mostrar aos alunos que a sociedade atribui valores sociais diferentes aos diferentes modos de falar a língua e que esses valores, embora se baseiem em preconceitos e falsas interpretações do certo e do errado linguísticos, têm consequências econômicas, políticas e sociais muito sérias para as pessoas. (CAGLIARI, 1996, p. 83).

Dessa forma, as aulas de Língua portuguesa devem oferecer condições para que o aluno amplie suas competências comunicativas. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), o educador deve apresentar a norma dita padrão sem desmerecer o conhecimento linguístico do aluno. Para isso, ao ensinar a norma culta, a proposta não deve ser de que o aluno substitua uma variedade por outra, mas sim de capacitá-lo a dominar outras variedades, adequando sempre ao contexto de uso.

De acordo com Vieira,

é absolutamente necessário que as aulas de Língua Portuguesa propiciem reflexões sobre as estruturas que não são do conhecimento do aluno por motivo de não pertencerem à variedade que ele domina, que contém estruturas consideradas típicas da variedade popular (no sentido de pertencente a comunidades menos escolarizadas) e falada (praticada normalmente nos gêneros textuais da fala espontânea). (VIEIRA, 2011, p. 92),

Assim, durante a aula, o professor aborda a oralidade, a escrita e a leitura, buscando ampliar o conhecimento do aluno por meio do contato com a linguagem nas diferentes esferas sociais.

No entanto, em alguns casos, a escola apresenta um posicionamento oposto, pois tem dado maior ênfase à escrita, deixando de lado a oralidade, haja vista que esta é pouco discutida e valorizada. De acordo com Travaglia (2003), o professor deve desenvolver a competência comunicativa dos alunos ao invés de apenas mostrar-lhes as regras gramaticais.

É perceptível que, no espaço escolar, ainda haja uma prática de ensino baseada em exercícios descontextualizados de gramática, apesar de já existir um consenso em relação a um trabalho mais reflexivo com a língua.

Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas. (ANTUNES, 2003, p.193)

Apesar das inúmeras discussões pautadas nos documentos oficiais, é possível perceber que a realidade ainda não mudou, pois, na maioria das vezes, a escola impõe o padrão normativo da língua sem considerar as variedades já internalizadas dos alunos. Com essa prática, os professores contribuem com a propagação do preconceito linguístico, da marginalização e anulação desses falantes na sociedade.

O reconhecimento da norma culta real não deve servir de base para um novo tipo de prescrição e repressão linguísticas. É preciso adotar a posição do convívio democrático e tranquilo entre as formas tradicionalmente padronizadas e as formas inovadoras já incorporadas à atividade linguística dos falantes urbanos. Não vamos praticar uma prescrição às avessas: rejeitar as formas tradicionais para aceitar exclusivamente as inovadoras. Na prática linguística falada e escrita, existe lugar para todas elas. (BAGNO, 2013, p. 205)

Sabemos que o ser humano se apropria da fala logo no início da vida, pois é um ato natural. Assim, ao chegarem à escola, os alunos já conseguem se

comunicar de acordo com a variedade linguística do grupo que convivem. Com isso, a função da escola é fazer com que o aluno reflita e desenvolva sua competência linguística, principalmente, no momento em que começa a adquirir a modalidade escrita da língua. Para tanto, deve-se valorizar a fala do aluno, e, ao mesmo tempo, ampliar o seu repertório linguístico, levando-o a refletir sobre a constante evolução da língua. Dessa forma, ao adotar essa postura, o professor poderá minimizar o preconceito linguístico em sala de aula, fazendo com que o aluno se reconheça e se torne pertencente a esse grupo.

Consoante a essa afirmação, os PCNs apontam que as aulas de Língua Portuguesa devem desenvolver a criticidade do estudante, as múltiplas possibilidades de expressão linguística e sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos, distanciando-se da pura e simples memorização mecânica de regras gramaticais. Assim, o aluno poderá ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser utilizadas nas diversas situações de uso da língua com que se deparará socialmente. Segundo Gnerre (1991), a “[...] linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder, **(mas)** ela também se constitui o instrumento imprescindível para romper o bloqueio.” (GNERRE, 1991, p. 16, grifo do autor).

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná,

Se a escola, constitucionalmente, é democrática e garante a socialização do conhecimento, deve, então, acolher alunos independentemente de origem quanto à variação linguística de que dispõem para sua expressão e compreensão do mundo. (PARANÁ, 2008, p.55).

Assim, as próprias Diretrizes Curriculares apontam para a necessidade de que o professor deva oferecer um tratamento especial à variação linguística em sala de aula, ao destacar que tanto a norma-padrão quanto as outras variedades são iguais quanto à lógica e à estruturação. Na próxima seção, abordaremos a questão da variação com base nos estudos da Sociolinguística.

1.2 Contribuições da Sociolinguística

A Linguística é constituída de diversas ramificações e uma delas é a Sociolinguística. Essa vertente teve sua origem por volta da década de 1960, nos Estados Unidos.

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra. Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem. (BAGNO, 2007, p. 38).

A Sociolinguística também apresenta duas vertentes: a Sociolinguística Interacional e Sociolinguística Variacionista. O estudo da primeira concentra-se nas investigações sobre a linguagem na comunicação entre as pessoas e o contexto ao qual essa comunicação se desenvolve, observando, assim, como o indivíduo reage às situações de interação face a face dentro de certo ambiente social. Já a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) tem como uma de suas preocupações a análise da variação linguística que ocorre, dentre outras formas, de acordo com o meio social no qual o indivíduo está inserido e o contexto de produção. Convém destacar que, nesta pesquisa, são seguidos os preceitos da segunda vertente, pois um dos objetivos é observar qual é a variedade linguística presente no ambiente escolar em questão.

Segundo Camacho (2013, p. 19), a Sociolinguística “incrementou, nas últimas três décadas, uma nova compreensão da natureza ao mesmo tempo variável e mutável da linguagem”. Nesse sentido, tornou-se uma ciência cujos estudos incidem sobre questões referentes à língua, à cultura e à sociedade, os quais, por sua vez, são realidades que se inter-relacionam e são interdependentes.

Labov (1972) foi um dos precursores na criação da Teoria Variacionista, vertente da Sociolinguística que dá ênfase à descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos ocorridos dentro de um contexto social, a qual especifica os itens essenciais a serem analisados, as variações e as mudanças ocorridas na fala de acordo com as práticas socioculturais. Nesse sentido, é possível associar

“pior” e “inferior” ao falar rural e, principalmente, de construir crenças positivas nesses falantes sobre as suas próprias manifestações verbais.

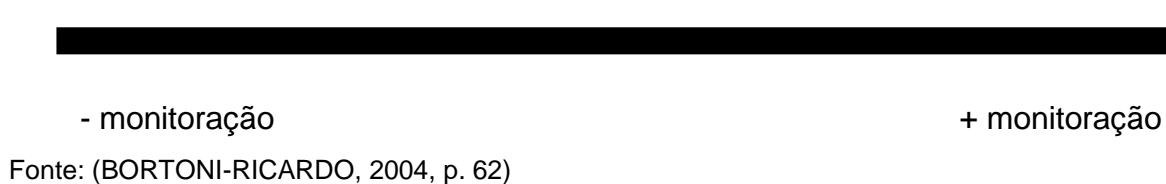
O segundo contínuo é o de oralidade/letramento, que também não apresenta fronteiras muito marcadas, havendo possibilidades de sobreposições, quando um falante alterna, em seu discurso, enunciados que apontam para a oralidade, com outros que figuram um evento de letramento².

Figura 2 – Contínuo de oralidade-letramento



O último contínuo de que trata a autora, contínuo de monitoração estilística, aponta as diferenças linguísticas que vão desde interações totalmente espontâneas até as previamente planejadas pelo falante, considerando o seu interlocutor, o ambiente e o grau de formalidade.

Figura 3 – Contínuo de monitoração estilística.



Portanto, para a Sociolinguística, há traços linguísticos que marcam uma determinada comunidade em um determinado contexto histórico e social, passando a compreender a língua como um fenômeno heterogêneo e constantemente exposto à variação, conforme abordaremos a seguir.

² Para Bortoni-Ricardo, os eventos de letramento são “eventos mediados pela língua escrita” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.62). A autora também classifica os eventos de oralidade como aqueles em que “não há influência direta da língua escrita” (BORTONIRICARDO,2004, p. 62).

1.2.1 Variação linguística e ensino

O ensino de língua materna deve considerar a variação linguística presente no ambiente escolar, ao invés de focar o ensino somente na norma-padrão, uma vez que, ao chegar à escola, o aluno traz uma bagagem linguística que já domina. Dessa forma, para que o preconceito linguístico não seja disseminado, é necessário que a variedade linguística do aluno seja respeitada e valorizada.

Devido a esse distanciamento entre o que é ensinado na escola e o que é falado, as pesquisas em Sociolinguística foram aplicadas com o objetivo de respeitar as diversas variedades presentes no ambiente escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) também fazem uma referência a esse processo de transformação no perfil dos alunos.

As transformações educacionais realmente significativas – que acontecem raramente – têm suas fontes, em primeiro lugar, na mudança das finalidades da educação, isto é, acontecem quando a escola precisa responder a novas exigências da sociedade. E, em segundo lugar, na transformação do perfil social e cultural do alunado: a significativa ampliação da presença, na escola, dos filhos do analfabetismo – que hoje têm a garantia de acesso, mas não de sucesso – deflagrou uma forte demanda por um ensino mais eficaz (BRASIL, 1997, p. 21)

Pautado nos estudos sobre a linguagem, o ensino de Língua Portuguesa passou por diversas transformações para se tornar democrático, considerando que o repertório linguístico do aluno está de acordo com o seu contexto sociocultural.

Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008), a escola deve tomar como ponto de partida o conhecimento linguístico do aluno para promover situações que o incentive a falar, ou seja, fazer uso da variedade de linguagem que ele emprega em suas relações sociais. Essas diferenças de registro não podem, científica e legalmente, ser objeto de classificação, sendo importante a adequação do registro nas diferentes instâncias discursivas.

No entanto, mesmo após os PNCs proporem um trabalho heterogêneo da língua, o uso de uma prática pedagógica tradicional é muito comum. Ainda existem muitas escolas que se baseiam no ensino da língua da cultura dominante, conduzindo suas práticas em direção ao que é prescrito pela gramática normativa,

tornando errado tudo o que se afasta dessa norma. Dessa forma, promovem a ideia equivocada de que, para falar e escrever bem, é preciso saber a nomenclatura gramatical. (BORTONI-RICARDO, 2006)

É importante considerar que a variação existe porque as línguas são fatos sociais que ocorrem num dado tempo e espaço e possuem funções definidas. Assim, não é possível falar em erros e acertos, e sim em inadequação ou adequação linguística, pois, antes de optar por uma determinada variedade, faz-se necessário levar em consideração alguns fatores, como a situação de enunciação, a modalidade que será utilizada, o assunto, a identidade do interlocutor e a intencionalidade discursiva.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1998), devido à heterogeneidade da língua, quando o aluno ingressa na escola, ele já domina pelo menos uma dessas variedades, aquela que ele adquiriu enquanto falante pertencente a uma comunidade linguística. Normalmente, ele consegue discernir que algumas expressões da língua podem ser mais ou menos adequadas para determinada situação.

Por isso, é possível que o aluno já perceba que algumas expressões ou modos de falar causam um estranhamento, fato que gera o preconceito linguístico. Em contrapartida, a escola deve combater todas as formas de discriminação por conta da variedade linguística, tendo como base que a língua é um diversificado instrumento de comunicação de uma sociedade heterogênea.

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele [...] Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. (BAGNO, 2009, p. 24).

Para Camacho (1988) a função da escola pública não é somente privilegiar a norma-padrão, mas fazer com o que aluno perceba que cada variação tem um momento adequado de uso. A escolha de determinada forma linguística ao invés de outra está diretamente relacionada ao seu interlocutor, considerando a faixa etária, o sexo e a condição socioeconômica, entre outras.

Bortoni-Ricardo (2006) afirma ser essencial a criação de uma metodologia de ensino que se sensibilize e respeite as diferenças sociais, linguísticas e culturais trazidas pelos alunos para o ambiente escolar. Assim, de acordo com essa autora, deve-se respeitar e valorizar a variedade apresentada pelos alunos,

sem, contudo, negar-lhes a oportunidade de aprender as variedades de prestígio, tendo em vista que a língua é um dos bens culturais mais relevantes para a ascensão social.

Para Bagno (2002), as aulas de Língua Portuguesa devem apresentar um olhar mais democrático ao incluir cada vez mais variedades em seu planejamento, para que a sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório de pesquisa de uma língua em constante transformação. Por isso, a escola precisa ter as variedades linguísticas como base de sua metodologia de ensino de língua materna, além de considerar os contextos sociais nos quais os alunos estão inseridos.

Cabe ao professor de Língua Portuguesa, portanto, orientar a sua prática pedagógica pelo olhar da Sociolinguística, pois é preciso trabalhar, com os alunos o preconceito linguístico, esclarecendo-os acerca da diversidade linguística e do preconceito que circulam as práticas de interação, tornando a aula de língua materna mais democrática e coerente com a sociedade atual. (BAGNO, 2009)

1.2.2 Variação linguística e o erro

É muito comum, no ensino fundamental, encontrar diversos problemas ortográficos que já deveriam ter sido solucionados nas séries iniciais. No entanto, muitos alunos ainda carregam uma série de dificuldades que envolvem o processo de aquisição da escrita, uma vez que a relação com a oralidade é bem recorrente.

Como esta pesquisa tem por objetivo analisar os processos fonético-fonológicos das produções textuais (orais e escritas) dos alunos do 6º ano, é importante ressaltar que a variação na língua escrita é vista de outra forma, pois, nesse caso, trata-se de uma transgressão de um código que não prevê variação.

Na modalidade escrita a variação não está prevista quando uma língua já venceu os estágios históricos da sua codificação. A uniformidade de que a ortografia se reveste garante sua funcionalidade. Toda variação fonológica de um discurso oral (inclusive e principalmente a de natureza regional) se reduz a uma ortografia fixa e invariável, cuja transgressão não é uma opção aberta para o usuário da língua. Assim, o texto escrito pode ser lido e entendido por falantes com os mais diferentes antecedentes regionais. Estamos, pois, diante de dois estatutos bem distintos. Ensinamos nossos alunos a usar os recursos da variação oral para tornar sua fala mais competente, preservando, contudo, suas características sociodemográficas, e ensinamos nossos alunos a usar a ortografia: a grafia normatizada, fixada, canônica". (BORTONIRICARDO, 2006).

Assim, para facilitar o processo de aprendizagem, é importante que seja feita uma distinção funcional com relação aos desvios da ortografia, pois sabemos que muitos partem do domínio da oralidade no momento da aprendizagem da escrita. Mas também temos desvios provenientes do aspecto fixo da escrita, que pode ser atribuído a um sistema arbitrário de convenções, cujo aprendizado é lento e depende da familiaridade que cada leitor vai adquirindo com a língua escrita.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006), a Sociolinguística encara o “erro” na fala como uma questão de inadequação ao contexto de fala, pois é visto como uma das diversas maneiras possíveis de se falar. Já na escrita, de acordo com a mesma autora, o termo “erro” é utilizado, uma vez que a escrita não aceita nenhuma variação, fato que é recorrente na fala.

Dessa forma, durante a aquisição da língua materna, o aluno adquire as convenções da linguagem escrita e a sua ortografia irá evoluindo conforme a familiaridade com tais situações. Além disso, como o aluno adquire primeiramente a fala, a tendência é que haja influência na escrita, pois representa a palavra da mesma forma que pronuncia.

Bortoni-Ricardo (2006) destaca que o professor alfabetizador precisa fazer a distinção entre problemas na escrita e na leitura que decorrem da interferência de regras fonológicas variáveis e outros que se explicam simplesmente pela falta de familiaridade do alfabetizando com as convenções da língua escrita.

Analisar a realidade linguística da criança é fundamental para que se comece a pensar nas diversas variedades presentes em sala de aula, além de que o conhecimento dessa variedade permitirá ao professor entender os “desvios ortográficos”, identificando, através deles, a hipótese estabelecida pelo aluno.

Ao fazer uma análise dos desvios presentes na escrita, Bortoni-Ricardo (2005) defende que os “erros” cometidos pelos alunos são sistemáticos e previsíveis, quando são conhecidas as suas características dialetais. Em seu estudo, a autora apresenta quatro categorias de “erros”, com base em uma análise sociolinguística. Para tanto, ela distingue os erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de escrita dos erros decorrentes da influência da fala na escrita:

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita;
2. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado;
3. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais;
4. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas; (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 54).

Na primeira categoria, identificamos as dificuldades dos alunos em relação às convenções da escrita; enquanto na segunda, é possível traçar o perfil sociolinguístico dos alunos, por meio das marcas dialetais que eles transpõem para a escrita. A partir dessa categorização, podemos definir qual o desvio que o aluno apresenta, para que o professor crie condições para a organização de um trabalho pedagógico voltado para os problemas apresentados, respeitando as especificidades dos alunos.

Como este estudo toma como base de análise as categorias de “erros” apresentadas pela autora em questão, as produções textuais orais e escritas dos alunos são observadas conforme os desvios de escrita decorrentes da influência da fala do aluno (graduais ou descontínuos) e os desvios decorrentes do caráter arbitrário das convenções de escrita. É importante ressaltar que, neste estudo, optamos por não utilizar o termo “erro”, sendo substituído por desvio ou por processo.

Contudo, sabe-se que o domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua. “Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo” (BORTONI-RICARDO, 2006, p.274). Com isso, pode-se afirmar que o processo de aquisição e domínio da escrita é bastante complexo, exigindo dos alunos o conhecimento das regras, muitas vezes, arbitrárias, da língua que está sendo estudada. A escrita, portanto, atua como um fator de unificação linguística, pois busca neutralizar as variantes linguísticas por meio da ortografia.

O estudo da ortografia deve ocorrer através de uma reflexão sobre a forma de escrever, buscando subsídios na sua língua oral e nos conhecimentos adquiridos sobre a língua escrita para construir hipóteses sobre a forma adequada. Desde o início da sua aprendizagem, os alunos vão construindo suas hipóteses e aperfeiçoando seu desempenho na modalidade escrita da língua. Por isso, Bortoni-Ricardo (2004) conclui que o professor deve propiciar uma discussão

com o aluno sobre cada “erro”, de modo que este possa justificar o seu raciocínio ao escolher uma forma ao invés de outra.

Dessa forma, o aluno poderá refletir sobre as suas escolhas, discuti-las com o professor, para que, assim, o processo de adequação dos desvios ortográficos faça sentido, deixando de ser apenas uma questão de “certo e errado”.

1.3 Oralidade e escrita

Ao longo do tempo, a escrita e a fala foram alvo de constante reflexão. Inicialmente eram vistas como atividades dicotômicas, tendo a escrita um lugar de destaque em relação à fala. Mas, com o desenvolvimento dos estudos relacionados à fala e a orientação do trabalho com a modalidade oral em sala de aula – PCNs (BRASIL, 1997) – tanto a fala quanto a escrita passaram a ser concebidas como um conjunto de práticas sociais. A partir desta nova proposta de ensino, diversos pesquisadores³ passaram a investigar a relação fala e escrita, assim como o trabalho com a oralidade em sala de aula.

Em nossa língua encontramos palavras que são escritas do modo como se fala, no entanto, há também muitas outras palavras em que a sua pronúncia difere da escrita. “Essa relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicada pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras.” (CAGLIARI, 2008, p.117). Tal afirmação é facilmente confirmada em nossa prática docente, pois a variação de uma língua se dá tanto entre as modalidades oral e escrita, quanto dentro de uma mesma modalidade por diversos fatores, tais como o grau de formalidade da situação de produção e de uso, a idade, o sexo, a região onde o indivíduo vive, entre outros.

De acordo com Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013), a variação é própria da oralidade, sendo o principal recurso para que “os falantes marquem as suas identidades, seus papéis sociais, seu alinhamento com o interlocutor, enfim, para

³ Ver CASTILHO, A. T. de. A língua falada no ensino de português. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000; MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001; RAMOS, J. M. O espaço da oralidade na sala de aula. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

que amoldem a forma de sua fala à função que essa está desempenhando no processo interaciona⁴.”

O fato de a fala apresentar grande variedade de realizações de um mesmo vocábulo, algumas mais próximas do padrão e outras menos prestigiadas e socialmente estigmatizadas refletem-se constantemente nas produções escritas dos estudantes. É possível perceber, em nossa experiência em sala de aula, que os alunos apresentam muitas marcas da oralidade em seus textos, pois tentam transcrever a sua fala para a escrita, sem perceber ainda que cada modalidade segue padrões de produção diferentes. Também é importante ressaltar que, neste trabalho, nos referimos as situações de transcrição de fala dos alunos do 6º ano de uma comunidade periférica, que é repleta de marcas de informalidade e de variações linguísticas que são socialmente estigmatizadas.

Na visão de Marcuschi e Dionísio (2007), tanto a fala quanto a escrita são modalidades que apresentam variação. No entanto, a escrita segue padrões muito mais rígidos de uso aos quais se permite pouca variação. Em relação às diferenças entre fala e escrita os autores nos esclarecem que:

Considerando que a variação linguística é normal, natural e comum em todas as línguas, pois todas as línguas variam, não devemos estranhar as diferenças existentes entre os falantes do português nas diversas regiões do Brasil. Contudo, a grande variação presenciada na oralidade não se verifica com a mesma intensidade na escrita, dado que a escrita tem normas e padrões ditados pelas academias. Possui normas ortográficas rígidas e algumas regras de textualização que diferem na relação com a fala. Mas isso ainda não significa que não haja variação nos modos de escrever. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p.15)

No Português do Brasil são encontradas palavras que são escritas do modo como se fala. No entanto, há também muitas outras palavras em que a sua pronúncia difere da escrita. Assim, é possível confirmar, na prática docente, que a variação de uma língua se dá tanto entre as modalidades oral e escrita, quanto dentro de uma mesma modalidade por diversos fatores, tais como: o grau de formalidade, da situação de produção e de uso, a idade, o sexo, a região onde o indivíduo vive, entre outros.

Faz-se necessário o estabelecimento de algumas distinções entre a fala e a escrita para a compreensão de como essas modalidades se interligam e se

⁴ Ver: Citação do artigo “O Estatuto do erro na língua oral e na língua escrita”, de Bortoni - Ricardo. Disponível em: <http://stellabortoni.com.br/index.php/component/content/article/47-secao-noticias/4305-revendo-artigo-sobre-o-erro-na-lingua-oral-e-na-lingua-escrita> em 23/8/2018.

dispõem no contínuo que há entre elas, uma vez que, apesar de possuírem uma estreita relação, elas são modalidades diferentes de um mesmo sistema linguístico. Cada uma possui sua especificidade, diferenciando nos seus modos de aquisição, nas suas condições de produção, transmissão, recepção e uso e nos meios pelos quais os elementos de estrutura são organizados.

Por isso, a oralidade, assim como a escrita, pode variar ou ser planejada conforme a norma-padrão, já que os professores devem planejar as aulas de Língua Portuguesa de forma que os estudantes percebam o uso e as diversas possibilidades de cada uma.

Obviamente, um trabalho consistente com a oralidade em sala de aula não diz respeito a ensinar o aluno a falar, nem simplesmente propor apenas que o aluno “converse com o colega” a respeito de um assunto qualquer. Trata-se de identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral. (CAVALCANTE; MELO, 2006, p.183)

Os PCNs também corroboram no sentido de orientar que a escola propicie aos alunos o desenvolvimento de práticas da oralidade em diferentes situações de uso.

Ainda que o espaço da sala de aula não seja um espaço privado, é um espaço público diferenciado: não implica, necessariamente, a interação com interlocutores que possam não compartilhar as mesmas referências (valores, conhecimento de mundo). No entanto, nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. (BRASIL, 1998, p. 25)

De acordo com Marcuschi (2005), a fala está presente nas principais atividades no dia a dia, embora as instituições escolares ainda não realizem um trabalho reflexivo e sistematizado com essa modalidade, quando comparada com as atividades realizadas com a escrita.

Certamente, não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua. Talvez, a melhor maneira de determinar o lugar do estudo da fala em sala de aula seja especificando os aspectos nos quais um tal estudo tem a contribuir. (MARCUSCHI, 2005, p. 24)

Assim, além de analisar a modalidade oral e a escrita, é importante considerar quais os principais fatores que podem gerar essa influência da fala na escrita. Para isso, no próximo capítulo, abordaremos os processos fonéticos e fonológicos mais recorrentes na fala e na escrita do Português Brasileiro.

2 AS CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Ao observar a relação da fala com a escrita, é importante considerar também os estudos da fonética e da fonologia, pois são essenciais para direcionar o ensino/aprendizagem de língua materna.

De acordo com Seara (2015, p.14), “tanto a fonética quanto a fonologia investigam como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala”. Assim, é essencial o estudo de cada uma dessas “subáreas, sem tentar fazer uma distinção simplista de suas funções ou modos de ação,” e sempre considerando as suas especificidades.

2.1 Fonética

Segundo Silva (2003), a fonética é a ciência que estuda os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala. De acordo com a autora, tal estudo é de grande relevância para a aprendizagem da língua materna ou mesmo estrangeira, considerando-se que se tem o som (fone) como objeto de estudo. Para Cagliari (2002), a fonética descreve os sons, explicitando quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala.

O ser humano, ao produzir um som em qualquer língua, utiliza um conjunto de órgãos do corpo humano denominado de aparelho fonador, que é composto pelo sistema articulatório (dentes, lábios, faringe, palato, língua e nariz), do sistema fonatório (laringe) e do sistema respiratório (traqueia, brônquios, músculos pulmonares e pulmões).

De acordo com Silva (2003, p. 23), há várias áreas de atuação da fonética, que dependem do interesse do pesquisador.

Fonética articulatória – compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório;
Fonética auditiva – compreende o estudo da percepção da fala;
Fonética acústica – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte;
Fonética instrumental – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais.

Dentre essas diversas áreas de abordagens, convém destacar a importância do conhecimento da fonética articulatória para o professor de língua materna, pois poderá auxiliar os alunos na compreensão de quais órgãos e de como os sons são produzidos no momento da fala, além de facilitar a aquisição da estrutura do sistema da língua.

É importante lembrar que a Fonética e a Fonologia precisam estar aliadas, uma vez que, ao fazer o levantamento fonético da língua, o pesquisador precisa interpretá-los, Segundo Cagliari (1996), não há como interpretar a realidade linguística sem fazer um levantamento, não havendo sentido em fazer tal pesquisa sem realizar a descrição e a interpretação dos dados coletados.

2.2 Fonologia

A fonologia, segundo Seara (2015, p. 21), “tem por objetivo descrever aquilo que é distintivo, aquilo que tem função na língua.”

Para Silva (2003), a fonologia investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional, com base na organização dos sistemas sonoros, buscando, assim, assimilar que os fonemas possuem características fônicas capazes de diferenciar significados.

A fala é constituída de unidades mínimas de sons. Já na escrita, essas unidades são representadas através de letras que apresentam um único som, não devendo confundir, assim, letra com fonema. Um exemplo é a letra *s*, que, na escrita, pode ter o som de [s] (selo) ou [z] (mesa).

Cagliari (1996) afirma ser uma ilusão pensar na escrita como um reflexo da fala e indica a transcrição fonética como a única forma escrita de se fazer essa relação unívoca entre som e letra.

Sendo assim, a possibilidade de uma mesma letra representar vários sons torna-se um dos grandes complicadores para a aquisição das regras ortográficas pelos estudantes dos mais diferentes níveis escolares. Portanto, é essencial que o professor tenha um conhecimento sistemático dessas variações, mostrando ao aluno as possíveis realizações de cada fonema ao refletir sobre a realização da fala e da escrita.

Seara (2015, p. 33) afirma que é fundamental que o professor

saiba lidar com a variação fonético-fonológica – que sempre vai existir – levando o aluno a compreender essas variações, para relacioná-las aos elementos gráficos da escrita, especialmente no que diz respeito às variações fonéticas que sofrem influências da natureza social. Sua compreensão permite lidar mais adequadamente, por exemplo, com o preconceito linguístico que pode surgir em sala de aula.

Por isso, a proposta deste estudo sobre os desvios fonético-fonológicos das produções orais e escritas dos alunos do 6º ano auxiliará o estudante a compreender, de forma mais eficaz, a diferença entre escrita e fala (pronúncia), valorizando as especificidades de cada modalidade, sem privilegiar uma em contrapartida da outra.

2.3 Consciência fonológica

A consciência fonológica, segundo Capovilla (2003), refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto à habilidade de manipular tais segmentos, de forma que se torne um pré-requisito para a aquisição da leitura e da escrita. Essa consciência deve proporcionar que a criança identifique os fonemas e as letras e ainda a capacidade de articulá-los para formar palavras.

Por intermédio dessa habilidade, o indivíduo realiza combinações que sejam possíveis e tenham sentido funcional. Assim, a consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada, quanto à habilidade de manipular tais segmentos, desenvolvendo-a gradualmente à medida que a criança toma consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de como as palavras, sílabas e fonemas se tornam unidades identificáveis. (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2000)

De acordo com Carvalho e Alvarez (2000), para aprender a linguagem escrita, é necessária a consciência de que o discurso é composto por unidades sonoras mínimas, os fonemas, e que esses podem ser representados graficamente. A habilidade de refletir sobre os sons da língua e operar com eles de maneira objetiva, autônoma e fluente determina as etapas de aprendizagem da língua escrita.

Levar os alunos a compreender o nosso sistema de escrita tem sido um trabalho designado apenas aos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, haja vista que os professores de língua portuguesa, na maioria das vezes, não refletem sobre esse assunto durante a sua formação. Contudo, é

notório que esse professor terá que trabalhar constantemente com os desvios na escrita dos seus alunos, sendo fundamental que se tenha uma formação adequada, compreendendo a distinção entre registro fonológico e registro fonético, além de considerar as diversas variantes dialetais com que se convive.

O professor não pode pressupor que, ao ingressarem no Ensino Fundamental II, os alunos já dominem a escrita de forma plena. Esse fato não tem ocorrido na prática, uma vez que se tem percebido que, ao longo dos anos escolares, as dificuldades em relação à escrita os acompanham.

Diante dessa realidade, Carvalho e Alvarez (2000) apontam a necessidade de que os professores do Ensino Fundamental II considerem que o estudo do sistema fonológico de uma língua não se esgota na fase da alfabetização, mas que devem ser explorados, de forma contínua, por meio de atividades didáticas que envolvam a segmentação das palavras, a rima e a variação linguística. Tais atividades buscam desenvolver a consciência fonológica dos estudantes, pois, como já foi observado nesta pesquisa, há muitos casos de estudantes que ainda apresentam dificuldades em relação a esse conhecimento. Por isso, atividades dessa natureza permitem que tanto o professor quanto o aluno compreendam melhor o funcionamento da língua.

2.4 Processos fonológicos

De acordo com Cagliari (2002), a língua sofre inúmeras mudanças que ocorrem através das diversas interações sociais ao longo do tempo. Essas alterações são inevitáveis e devem ser consideradas de acordo com a adequação ao momento histórico e às necessidades dos falantes. Para esse autor, essas “alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas por regras que caracterizam os processos fonológicos” (CAGLIARI, 2002, p. 99).

Para Coutinho (1962), essas alterações sonoras são denominadas de metaplasmos. Os metaplasmos, segundo ele, “são modificações fonéticas que as palavras sofrem na sua evolução” (COUTINHO, 1962, p. 166). Assim, cada geração altera, de forma inconsciente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfeitamente sensíveis com o passar do tempo. As modificações podem ser de quatro espécies. “Verificamos que elas podem ser motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de fonema e,

ainda, pela transposição de fonema ou de acento tônico”. (COUTINHO, 1962, p. 166).

Segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), os processos fonológicos, são definidos como alterações que os fonemas sofrem quando estes se unem para formar as palavras. Essas mudanças podem alterar ou acrescentar traços articulatórios, eliminar ou inserir segmentos, sendo classificadas conforme cada tipo de alteração. O professor deve estar atento a esses casos, para poder compreender o processo de aprendizado da ortografia, e também, para agir pedagogicamente diante das incorreções.

Na próxima subseção, são elencados alguns dos processos fonológicos que são frequentemente identificados nas produções textuais dos alunos, uma vez que estão diretamente relacionados com a fala e a escrita⁵.

2.4.1 Os processos fonológicos de supressão

Esse processo consiste na supressão de um segmento – consoante, vogal ou de uma sílaba inteira.

I) Aférese: apagamento de segmento inicial de palavra.

Ex: está > tá; José > Zé.

II) Síncope: apagamento de um segmento no meio da palavra.

Ex: compadre > cumpade; bêbado > bebo

III) apócope: apagamento de segmento no final da palavra.

Ex: passar > passá; bobagem > bobage; olhar > olhá.

2.4.2. Processos fonológicos de adição

Os processos fonológicos de adição podem ocorrer por acréscimos de consoantes e de vogais.

⁵Os estudos de Izabel Seara (2015), Bortoni-Ricardo (2004) e Thais C. Silva (2003) foram fonte para a seleção de alguns dos processos fonológicos mencionados e que nortearam a análise de dados desta pesquisa.

I) prótese: adição de um fonema no início da palavra.

Ex: lembrar > alembrar; voar > avoar

II) epêntese: adição de um fonema no meio da palavra.

Ex: asterisco > asterístico; lista > listra

III) paragoge: adição de um fonema no final da palavra.

Ex: mártir > mártire; variz > varize.

2.4.3. Processos fonológicos de transposição

Esse processo ocorre por deslocamento da posição de fonemas em um vocábulo ou por transposição do acento tônico da palavra.

I) Metátese: transposição de um fonema em uma mesma sílaba ou em sílabas diferentes.

Ex: largato > lagarto; cardeneta > caderneta.

II) Hipérese: transposição de um fonema de uma sílaba para outra em um vocábulo.

Ex: nervoso > nevroso; bicarbonato > bicabornato.

III) Sístole: deslocamento, por recuo, do acento tônico de um vocábulo.

Ex: rubrica > rúbrica;

d) Diástole: deslocamento, por avanço, do acento tônico de um vocábulo.

Ex: opto > opito (pí); gratuito > gratuíto;

2.4.4. Processos fonológicos de substituição

Consiste em toda alteração que um fone ou fonema venha a sofrer, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro.

I) Betacismo: transformação do fonema /v/ em fonema /b/.

Ex: assoviar > assobiar; travesseiro > travesseiro; vassoura > bassoura

II) Desnasalação: transformação de um fonema nasal a um fonema oral.

Ex: virgem > virge; homem > home.

III) Dissimilação: transformação de um fonema para diferenciação de um outro semelhante existente no mesmo vocábulo.

Ex: pílula > pírula; privilégio > previlégio.

IV) Rotacismo: transformação do fonema /l/ em /r/ ou /s/ em /r/

Ex: almoço > armoço; aluguel > aluguer; mesmo > mermo (RJ)

V) Lambdacismo: transformação do fonema /r/ em /l/.

Ex: freira > flera (ê); cabeleireiro > cabelelero.

VI) Ditongação: transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo.

Ex: Bandeja > bandeija; caranguejo > carangueijo.

VII) Monotongação: transformação ou redução de um ditongo em uma vogal.

Ex: doutor > dotor; manteiga > mantega.

VIII) Metafonia: alteração do timbre ou altura de uma vogal.

Ex: direito > dereito; diferente > deferente.

IX) Nasalação: transformação de um fonema oral a um fonema nasal.

Ex: até > inté; igual > ingual;

X) Palatização: transformação de um ou mais fonemas em uma palatal:

Ex: avião > avinhão; família > família.

XI) Sonorização: transformação de um fonema surdo, em posição intervocálica, à sua homorgânica sonora.

EX: cuspir > guspir; constipado > gostipado.

XI) Despalatização: transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral.

Ex: docinho > docim; companhia > companhia.

Quando observados esses processos fonológicos abordados, é possível refletir sobre a escrita dos alunos e as diversas possibilidades de realizações que eles recorrem ao produzirem seus textos, sendo pela influência da sua fala na escrita ou também pela evolução da língua ao passar do tempo.

É preciso que certas áreas, como a Fonética e a Fonologia, que ocupam as grades curriculares de vários cursos de graduação, tenham, além do seu valor científico para pesquisas na área de Linguística, uma função no mundo concreto daqueles que estarão em ambientes escolares. (SEARA; NUNES; VOLCÃO, 2015, p.164)

Dessa forma, tais conhecimentos são importantes para que o professor avalie o processo de aprendizagem e depois possa pensar em estratégias facilitadoras para contribuir com a aprendizagem dos alunos. No próximo capítulo, são apresentados os princípios metodológicos que envolvem esta pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa, foi uma abordagem quantitativa/qualitativa através da pesquisa-ação, tendo como foco a reflexão sobre os principais processos fonético-fonológicos presentes nas produções orais e escritas de um grupo de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II. Ao definir a pesquisa-ação como método de trabalho para esta dissertação, levam-se em consideração, através de atividades colaborativas, mudanças na postura dos envolvidos (professor-pesquisador e alunos).

De acordo com Borges (2016), a abordagem metodológica da pesquisa-ação na escola é de extrema valia, pois o professor passa a ser o autor de uma pesquisa que tem como objetivo principal a solução de um problema que foi por ele identificado. Assim, o professor, “como agente, autoavalia sua prática, tendo em vista uma relação de coparticipação com seus alunos, principalmente”. (BORGES, 2016, p.120)

A pesquisa-ação proporciona um processo de reflexão-ação-reflexão através da qual o professor possa refletir sobre sua prática em sala de aula para depois propor meios de melhorá-la. Para Thiollent (2008), os pesquisadores passam a ter condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivos, inclusive no âmbito pedagógico, pois tal pesquisa promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas detectados.

Para Gil

A pesquisa-ação tem características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa ação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático. Diferentemente da pesquisa tradicional, não visa a obter enunciados científicos generalizáveis, embora a obtenção de resultados semelhantes em estudos diferentes possa contribuir para algum tipo de generalização. (GIL, 2010, p.42-43)

Como o estudo foi desenvolvido dentro da própria sala de aula, o professor pesquisador observou a sua prática docente no intuito de enfrentar e, conseqüentemente, a modificar a realidade do ensino de Língua Portuguesa, por meio do estudo, de um lado, dos fenômenos linguísticos relacionados à oralidade e à escrita e, de outro, da intervenção pedagógica pautada no resultado dos dados coletados.

Para Borges (2016) e Tripp (2005), a pesquisa-ação educacional é uma excelente estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, pois podem utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, conseqüentemente, o aprendizado de seus alunos

Conforme já mencionado, a análise dos dados se deu tanto quantitativa quanto qualitativamente. A primeira parte seguiu a abordagem quantitativa, estudando os dados que foram coletados e codificados através do programa GoldVarb X⁶. A partir dos números obtidos pela análise quantitativa, os resultados foram interpretados, discutindo-se os principais processos fonético-fonológicos encontrados nos dados, relacionando-os com fatores sociais que podem ser influência para que determinado fator linguístico seja predominante.

Segundo Labov (2008), os fatos da língua são condicionados por fatores extralinguísticos em constante estado de mudança. Assim, as relações entre a ocorrência da variante e as variáveis independentes, como sexo, idade, escolaridade da família foram observados aos analisar os resultados.

Neste estudo, portanto, as características da pesquisa-ação favorecem uma intervenção para a resolução do problema levantado pela pesquisadora. Por isso, esse método será utilizado como ferramenta para o desenvolvimento de uma proposta de intervenção que visa minimizar o problema que, neste caso, se trata da recorrente presença dos processos fonético-fonológicos na escrita dos alunos.

3.1. Histórico e perfil da comunidade

O jardim União da Vitória está localizado na região sul do município de Londrina, norte do Paraná. Segundo Camponez (2005), o União da Vitória começou a se formar no ano de 1985, a partir da ocupação efetivada por algumas famílias em um terreno da Companhia de Habitação (COHAB) de Londrina. Essas famílias haviam migrado da zona rural do município e instalaram-se em favelas já constituídas na cidade – Favela Nossa Senhora da Paz, Favela Marisa e a Favela do Franciscato. Em agosto de 1985, quinze famílias dessas favelas se deslocaram para ocupar o terreno da COHAB, que, imediatamente, entrou com um processo judicial de reintegração de posse. Ainda no mês de agosto, foi concedida a liminar,

⁶ Pacote gratuito do programa está disponível na internet. Em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em novembro de 2016.

dando ganho de causa a esta Companhia. As famílias, no entanto, se recusaram a sair do terreno.

A prefeitura negociou com o grupo no mês de outubro de 1985 e cada uma das famílias recebeu um lote de terra, que foi liberado para o plantio. Porém, fez parte do acordo que a terra deveria ser destinada apenas à agricultura e não à moradia. Somente uma família, escolhida consensualmente pelo grupo, ficou morando no terreno para cuidar das sementes e dos instrumentos de trabalho. Cinco famílias voltaram para os barracos das favelas de origem e nove ficaram acampadas na margem da rodovia, próximo ao terreno da COHAB, para ficar mais fácil o acesso ao trabalho na terra.

Em 1987, outras famílias de trabalhadores do campo ocuparam o terreno; mas, sob a ameaça de despejo, saíram do local. Em 1992, os moradores do Jardim União da Vitória conseguiram uma reunião com o diretor do Departamento de Urbanismo da Prefeitura e com o chefe do Departamento Social da COHAB para pleitear a legalização dos terrenos, nos quais os seus barracos estavam construídos. No entanto, apenas em 1996, a COHAB começou o processo de cadastramento das 1.577 famílias que já moravam no terreno. Após muitas reivindicações e vários protestos organizados pelos moradores, o local foi liberado e alguns já conseguiram ter acesso à água e à luz elétrica. Tempos depois também construíram uma escola municipal e o posto de saúde para atender a população.

Atualmente, o bairro é dividido em seis partes, União da Vitória I, II, III, IV, V e VI. Algumas destas ainda se encontram em condições infra estruturais bem precárias, outras já bem organizadas. É o maior bairro da cidade, tendo em média dezesseis mil habitantes. O bairro tem visibilidade no município pela sua capacidade de mobilização popular e de enfrentamentos coletivos para dar encaminhamentos aos problemas que surgem no cotidiano (CAMPONEZ, 2005). Mas, apesar de algumas importantes conquistas, a população da região ainda sofre com a falta de saneamento básico, com a violência, além das barreiras do preconceito que precisam vencer ao se relacionarem em sociedade.

3.2. Campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual que está situada na região periférica da zona sul de Londrina. Trata-se de uma escola de

pequeno porte que oferta nos três turnos, turmas de ensino fundamental - anos finais e ensino médio.

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP), o colégio começou a funcionar no ano de 1997. No início, atendia o ensino fundamental II, no período vespertino, nas dependências do CAIC Dolly Jess Torresin. Em 1998, passou a atender também no período noturno, e em 2004, o ensino médio. Em 2009, a Prefeitura de Londrina e o Estado do Paraná fizeram uma permuta de prédio e o colégio mudou suas instalações para as dependências da escola Municipal Barbara Falcovski, local que está até hoje.

A escola possui, atualmente, salas de aula com estrutura precária, uma pequena biblioteca com um acervo desatualizado, uma quadra esportiva, um laboratório de informática, sendo que todas essas instalações carecem de manutenção. O laboratório de informática possui dezoito computadores, mas apenas dois funcionam.

No início de outubro, após uma intensa chuva, o colégio passou por sérios problemas – salas descobertas ou com infiltração, biblioteca com infiltração grave na laje – os quais comprometeram ainda mais o acervo bibliográfico da escola.

Com 780 alunos matriculados nos três períodos, a instituição em questão é a única na região a oferecer o ensino médio. Por isso atende alunos advindos do Jardim União da Vitória (1 ao 6) e bairros vizinhos: Santa Joana, Cristal Dequech e Nova Esperança.

Ainda, segundo o PPP, a comunidade é composta por uma população de perfil econômico menos abastado, predomina a atividade doméstica e/ou comercial. Destaca-se que os alunos do período noturno, em sua maioria, trabalham em diferentes atividades. Também é comum, na comunidade, o trabalho informal ou autônomo em atividades diversas, por exemplo, atividades no ramo da construção civil, pedreiro, carpinteiro, pintor, servente, mestre de obras, entre outras. Quanto ao nível de escolarização, a comunidade possui baixo índice de pessoas com formação na educação básica, ou seja, que tenha concluído o 9º ano. Segundo o levantamento realizado em 2011 para a elaboração do PPP, o índice de analfabetos chega a 12%.

A população que mora nas comunidades atendidas pelo colégio não tem condições adequadas de saneamento básico, de transporte e de urbanismo. Muitas famílias sobrevivem de serviços informais, A renda das famílias que exercem serviços formais é baixa, pois os adultos da comunidade escolar

possuem pouca, ou nenhuma, escolarização, o que os submete a empregos que exigem pouca qualificação. Os programas sociais como Bolsa Família, por exemplo, são parte ou quase a totalidade da renda de muitas famílias. Muitos alunos, devido à carência econômica familiar, são obrigados a trabalhar desde muito cedo e passam a estudar no período noturno. Porém, nem todos suportam a dupla jornada entre escola e trabalho e abandonam os estudos ano após ano. Outros fatores que aumentam os índices de evasão e de desistência são a gravidez na adolescência e a mudança de cidade em busca de melhores condições de vida.

Ao observar os alunos que chegam ao 6º ano, percebemos que apresentam muitas dificuldades para acompanhar a série, fundamentalmente nos conhecimentos prévios e necessários a continuar os estudos. Apesar de toda dificuldade encontrada, nesta comunidade escolar – violência, drogas, falta de estrutura física e familiar – ainda é possível reconhecer que há um comprometimento por parte da equipe escolar em atuar colaborativamente, pois, pelas condições elencadas, a equipe enfrenta dificuldades diversas, as quais impedem a educação de qualidade.

3.3. Perfil da turma

Os participantes da pesquisa são 28 estudantes de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental dos anos finais, com faixa etária de 11 a 13 anos de idade. A escolha por estudantes nesse nível de escolaridade se deu devido à observação, tendo em vista que a maioria deles ainda apresentam muitos desvios de grafia nas suas produções textuais, sendo necessário observar se estes são contínuos ou graduais.

3.4. Procedimento de coleta do *corpus* para análise

Esta pesquisa foi realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola periférica na cidade de Londrina – PR, que é caracterizada pela falta de recursos financeiros, alunos com diversos problemas socioeconômicos e uma linguagem bem marcada, seja por traços graduais e descontínuos.

Para a concretização dos objetivos propostos, foi necessária à coleta de textos produzidos por estudantes do 6º ano. Portanto, o primeiro passo foi submetermos o projeto ao Comitê de Ética da UEL e, somente após aprovação, apresentamos aos participantes os termos de consentimento nos quais esclarecemos os procedimentos da pesquisa e solicitamos a autorização – um à direção da escola e outro para o responsável do aluno participante da pesquisa.

Na sequência iniciamos a coleta dos dados que constituíram o corpus da nossa pesquisa. Inicialmente os alunos foram orientados a conversar com os responsáveis sobre fatos marcantes que envolveram suas famílias. Além desses fatos, eles também deveriam pesquisar histórias familiares que envolvessem lendas ou fatos misteriosos. Tendo em vista que essa proposta ocorreu no mês de agosto, o trabalho com as lendas folclóricas, causos e cultura popular já estavam presentes em nosso planejamento. Assim, foi possível aliar a proposta de pesquisa com o conteúdo trabalhado que deveria ser abordado em sala de aula.

Na semana seguinte, um a um, cada aluno fez os seus relatos familiares para a professora, enquanto os demais alunos realizavam atividades que já haviam sido combinadas. A professora-pesquisadora, com o uso de um gravador, registrou o áudio de todas as conversas, para que posteriormente fossem analisadas. É relevante mencionar, também, que os alunos estavam cientes de que seriam coparticipantes dessa pesquisa, de forma que a única informação que não foi mencionada é que se tratava de um estudo sobre a oralidade e a escrita, pois o conhecimento desse fato poderia alterar os resultados, considerando que haveria assim um maior monitoramento na fala desses alunos.

Após o relato oral ser concluído, fato que durou uma semana, os participantes foram orientados a escrever dois textos, o primeiro sobre um acontecimento familiar e o outro relacionado a uma lenda ou acontecimento misterioso. Assim, na sala de aula, cada aluno escreveu o seu relato sem a interferência da professora-pesquisadora. Na sequência, também foi aplicado um questionário socioeconômico aos alunos para que assim pudéssemos identificar a origem familiar, realidade financeira e as práticas cotidianas. O questionário começou a ser preenchido durante a aula e os alunos levaram para casa para receber ajuda de seus responsáveis.

Com todos os dados coletados, foi feito o levantamento dos principais dos problemas de ortografia que estavam relacionados à transcrição da fala para escrita. Com todos os processos catalogados, dividindo-os em eventos da fala e

da escrita, graduais e descontínuos, foram codificados e quantificados através do programa GoldVarb X. A partir dos números obtidos, elaboramos os gráficos e fizemos a análise de todos os dados com base nas informações obtidas no questionário, buscando assim interpretar e compreender o comportamento linguístico dos participantes deste estudo.

Após a análise dos processos fonético-fonológicos encontrados nas produções orais e escritas, foi elaborada uma proposta de intervenção didática que pudesse minimizar essas dificuldades, com um enfoque principal nas marcas de oralidade presentes na escrita. Ao preparar tais atividades, não almejamos sanar o problema, mas sim melhorar a prática da professora-pesquisadora e, conseqüentemente, diminuir as dificuldades apresentada por esse grupo de alunos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após a coleta dos dados através das produções orais e escritas e aplicação do questionário socioeconômico, todas as informações foram selecionadas e agrupadas de acordo com os critérios pré-estabelecidos, para que pudessem ser submetidas ao programa de análise estatística Goldvarb X⁷.

Para selecionar todas os itens, de acordo com cada critério, primeiramente foi feito um levantamento das ocorrências⁸ apresentadas nos textos orais e escritos de cada participante da pesquisa. Assim, criou-se um quadro com os códigos mais relevantes para a análise, conforme consta a seguir:

Quadro 1 – Critérios para análise dos dados coletados

Traços:	Descontínuos (D)	Graduais (G)
Variáveis:	Escrita (E)	Fala (F)
Processos Fonético-Fonológicos:	Aférese (A)	
	Alçamento (U)	
	Alveolarização	
	Apócope do R final (O)	
	Betacismo (B)	
	Desnasalização (#)	
	Ditongação (G)	
	Epêntese (E)	
	Hipéntese (H)	
	Hipossegmentação (!)	
	lotização (T)	
	Monotongação (M)	
Nasalização (N)		

⁷ O programa GoldVarb X é um pacote ou conjunto de programas computacionais especialmente elaborados para tratar, estatisticamente, de dados relativos à variação linguística.

⁸ Trata-se de cada variante encontrada nos textos orais e escritos de cada participante da pesquisa.

	Neutralização do E para I final (L)	
	Paragoge (P)	
	Redução (D)	
	Rotacismo (R)	
	Síncope (S)	
	Sonorização (&)	
Sexo:	Homem	Mulher
Faixa etária:	1 (11/12 anos)	2 (13/14 anos)
Origem familiar:	Rural	Urbano
Variáveis linguísticas:	Verbo	Não verbo
Escolaridade pai:	Analfabeto (A) Fundamental (F) Médio (M) Superior (S)	
Escolaridade mãe:	Analfabeto (A) Fundamental (F) Médio (M) Superior (S)	

Fonte: própria autora

Os processos fonético-fonológicos selecionados para esta pesquisa foram classificados de acordo com os traços graduais e descontínuos, conforme já abordados neste estudo e apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2 – Lista dos processos fonético-fonológicos de acordo com os traços graduais e descontínuos

Traços Graduais	Traços Descontínuos
Aférese	Betacismo
Alçamento Vogal Posterior	Ditongação
Apagamento do /R/ final	Desnasalização
Apócope	lotização
Monotongação	Hipérese
Síncope	Nasalização
Hipossegmentação	Palatização
Alçamento do /E/	Rotacismo
Sonorização	Sonorização
Paragoge	
Epêntese	
Prótese	

Fonte: própria autora

Assim, a partir desta classificação, os dados foram quantificados pelo programa, analisados e interpretados, com os resultados expostos em tabelas e gráficos, com o intuito de averiguar a maior ou menor incidência das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas. Também é importante ressaltar que, para esta pesquisa, foram consideradas somente as variáveis relacionadas aos processos fonético-fonológicos já mencionados. Desta forma, outros problemas encontrados nas produções textuais – coesão, coerência, desvios de ortografia com relação as convenções da escrita – não foram quantificados.

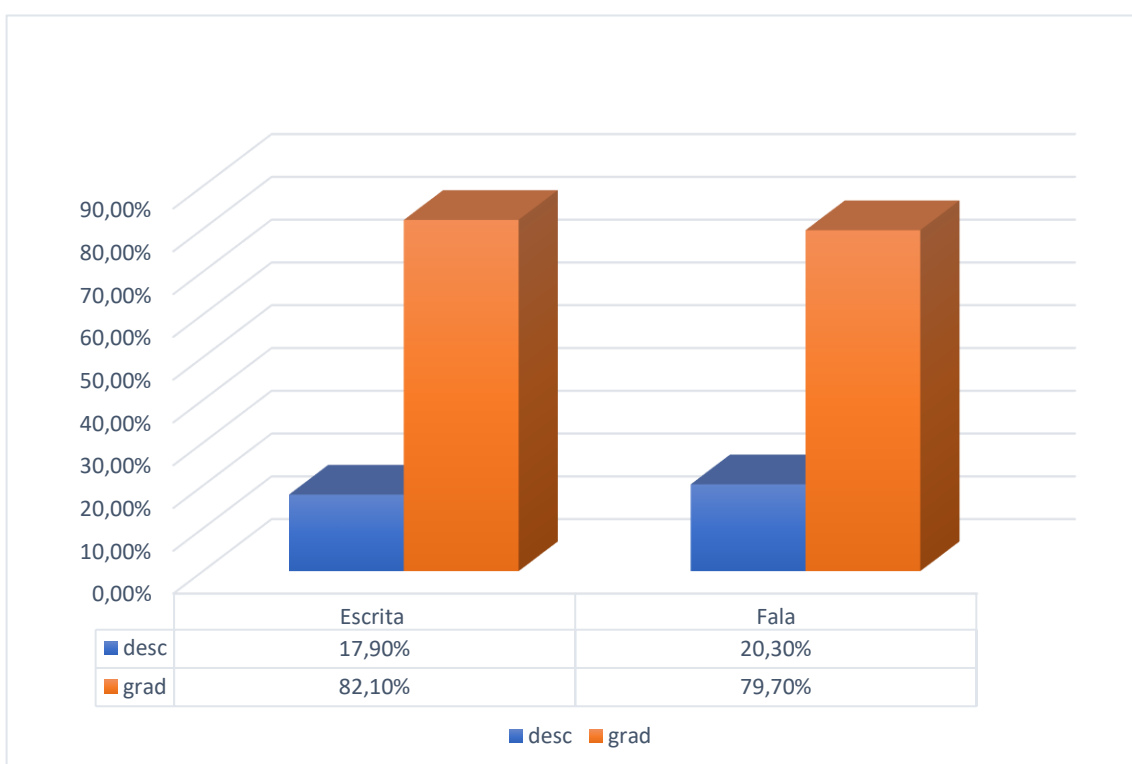
4.1 A presença dos traços descontínuos e graduais na fala e na escrita de alunos da 6ª série

Os primeiros dados coletados referem-se aos traços descontínuos e graduais presentes tanto na fala quanto na escrita dos 28 alunos pesquisados (12 meninos; 16 meninas), totalizando 256 ocorrências⁹. No gráfico 1, observa-se que

⁹ Trata-se do total das variantes orais e escritas que foram levantadas nesta pesquisa.

as maiores ocorrências são de traços graduais, na fala (82,1%), e na escrita (79,7%). Em contrapartida, os traços descontínuos, ao contrário do que se hipotetizava ao iniciar esta pesquisa, apresentaram poucas ocorrências (20,3% na fala e 17,9% na escrita).

Gráfico 1: Traços descontínuos e graduais na fala/escrita de alunos da 6ª série



Fonte: Própria autora

Como mencionado, a primeira hipótese desta pesquisa não se confirmou, pois, no início dos estudos, acreditávamos que os traços descontínuos seriam mais recorrentes neste grupo em questão. No entanto, conforme observamos, essas ocorrências que são mais marcadas, já não são tão recorrentes, principalmente na escrita desses alunos.

Durante a coleta de dados, identificamos algumas variantes descontínuas, como “trabaia”, “muié”, “fio”, “bicicreta”, “prástico”, ocorrendo tanto na fala quanto na escrita, formas essas que são bastante estigmatizadas, principalmente no contexto urbano, segundo Bortoni-Ricardo (2004). Porém, ao finalizarmos o gráfico, percebemos que essas marcas ficaram mais presentes na fala do que na escrita do aluno, levando-nos a identificar uma reflexão sobre a adequação da fala ao contexto de uso.

Com base nestes resultados, podemos acreditar que a escola e, principalmente, os professores de língua portuguesa, estão trabalhando esses processos com maior intensidade, considerando que são bastantes marcados, conforme abordado anteriormente.

Um exemplo disso é a afirmação de Mollica (1998) sobre o rotacismo (planta~pranta, pastel ~paster), pois a autora constata que o seu uso sofre forte estigma, restando poucos vestígios dessa variante na escrita dos alunos de 5ª a 8ª série de uma escola pública que foram os sujeitos de sua pesquisa.

É possível, inclusive, que em comunidades de estratos mais altos na escala social, esse fenômeno não constitua propriamente um problema na alfabetização, uma vez que seus falantes praticamente não o apresentam na língua oral. (MOLLICA, 1998 p.92)

Contudo, conforme observamos, no gráfico 1, até mesmo em comunidades socioeconomicamente menos privilegiadas, como é o caso da escola pesquisada, o rotacismo, detalhado mais à frente, se enquadra como um traço descontínuo e estigmatizado¹⁰, apresentando poucas realizações, sendo mais na fala do que na escrita.

Esse resultado nos leva a comungar da hipótese de Mollica (1998) que aponta que a maioria dos alunos já entendeu a diferença entre as modalidades, falada e escrita e, além disso, de modo geral, sabe qual a variante deverá utilizar no espaço escolar, evitando, principalmente, as variantes mais marcadas, como é o caso do rotacismo, conforme apresentamos na página 54.

4.2. Análise dos processos fonético-fonológicos

A proposta desta pesquisa é observar quais traços, graduais ou descontínuos, são mais presentes tanto na fala quanto na escrita do aluno. Por isso, ao fazer o levantamento dos dados, buscamos elencar todos os processos fonético-fonológicos que apareceram nas produções orais e escritas.

Destacamos que foram observados outros problemas nas produções, como pontuação, desvios decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita (BORTONI-RICARDO, 2005), coesão, coerência.

¹⁰ Considerar as formas que mais geram preconceito ou causam estranhamento, tanto na fala quanto na escrita.

Porém, como não fazem parte de nosso objeto de estudo, não serão discutidos, nem apresentados nesta dissertação.

Primeiramente, conforme já mencionamos, classificamos todas as ocorrências como um traço descontínuo ou gradual¹¹, de acordo com a proposta de Bortoni-Ricardo (2005). Após a referida classificação, observamos quais desses traços estavam presentes na fala e/ou na escrita, conforme apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 3– Processos fonético-fonológicos observados na pesquisa

Processos Fonético-Fonológicos	Traços ¹²	Exemplos ¹³	Escrita		Fala	
			Total de ocorrências	Perc.	Total de Ocorrências	Perc.
Aférese	G	-tá	15	48,6	18	51,4
Apagamento do r	G	Andá-	14	37,5	23	62,5
Monotongação	G	Falô-	10	15,5	51	84,5
Síncope	G	Falano	12	24,5	37	75,5
lotização	D	sandaia	00	00	7	100

¹¹ Ver quadro 2, p. 50

¹² Traços descontínuos (D); traços graduais (G).

¹³ Com o objetivo de exemplificar cada processo fonético-fonológico, será apresentado um exemplo presente nas produções textuais orais e escritas dos alunos. As demais ocorrências desses processos serão abordadas ao longo da discussão e análise dos dados.

Neutralização do E para I final	G	cimitério	5	28,6	10	71,4
Ditongação	D	Creixi	4	33,3	30	66,7
Rotacismo	D	prástico	1	33,3	2	66,7
Betacismo	D	Trabiseiro	2	66,7	1	33,3
Hipértese	D	estrupador	1	50	1	50
Nasalização	D	Inquilibra	1	33,3	2	66,7
Desnasalizaça	D	Homi	1	33,3	2	66,7
Sonorização	D	guspiu	1	50	1	50
Palatalização	D	balango	1	100	0	0
Alçamento da vogal posterior O para U	G	cuzinha	16	53,3	13	46,7

Fonte: Própria autora

Ao analisar o quadro, é possível perceber quais os principais processos foram observados nesta pesquisa, além de identificar quais foram os mais recorrentes, tanto na fala quanto na escrita. Neste caso, daremos mais ênfase aos casos mais recorrentes na escrita, como por exemplo, aférese, apagamento do -r e alçamento do O.

4.2.1 Os principais processos fonético-fonológicos graduais

Ao analisarmos os dados coletados, verificamos que a fala apresentou maior número de processos fonético-fonológicos, sendo a monotongação a mais produtiva deles, com um total de 51 ocorrências. Esse processo também conhecido como redução do ditongo, podendo ser exemplificado pela grafia da sequência ‘ei’ > ‘e’ e da sequência ‘ou’ > ‘o’.

Como observado nesta pesquisa, essa redução do ditongo tem relação direta com o que ocorre na linguagem oral, principalmente em crianças no período da escolarização. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.96), “a monotongação do /ow/ está generalizada na língua oral, inclusive nos estilos monitorados”.

Nos dados coletados, verificamos a recorrência da monotongação em verbos que estão conjugados na 3ª pessoa do singular, pretérito perfeito, assim como ocorrência de “ei” > “e”, como observamos em um trecho de um relato oral transcrito abaixo.

Informante 11:

“Quem me *conto*_ essa história da loira do *banhero* foi a minha avó”.

Mollica (1998), por sua vez, observou que os alunos das séries iniciais que receberam instrução sobre o processo de influência da fala para escrita apresentaram menos ocorrências do que os alunos que não tiveram nenhum tipo de orientação a esse respeito. Isso reforça o nosso objetivo de criar uma proposta de intervenção para trabalhar os processos levantados nas primeiras coletas (fala e escrita).

Em contrapartida, na escrita, o processo mais produtivo foi a aférese (15 ocorrências), fenômeno que consiste na supressão de um fonema no início de um vocábulo (você vai ~cê vai). É importante dizer que esse processo, apesar de não ter sido o mais realizado nos textos orais dos alunos, foi muito recorrente. Ele aconteceu principalmente com o verbo estar que apresentou diversas ocorrências como: “-ta” ou “-tava” tanto na escrita (15 ocorrências) quanto na fala (18 ocorrências). Fato este que mostra que essa variante já é muito comum tanto na

fala como na escrita, mesmo em situações mais monitoradas, como foi o relato dos fatos pelos alunos.

Informante 20:

“Quando eu era menor eu tinha pedido para minha mãe pegar o jogo de panelinha que *estava encima* do guarda-roupa...”

(escrita)

Informante 20:

“Eu queria um brinquedo que *_tava* em cima do guarda-roupa...” (fala)

Ao observar os registros da informante 20, fica evidente que a aluna já identificou que a realização da escrita se difere da fala, pois, no trecho selecionado a aluna conta o fato suprimindo a primeira sílaba do verbo “estava”, caso que não se observa na escrita. Além disso, a mesma informante não apresentou na escrita outros fenômenos que são bem recorrentes na sua fala como, por exemplo, o verbo pegar, que, na escrita, apresenta a marca do infinitivo e na fala tem essa marca suprimida.

No entanto, no exemplo referente à escrita, apesar de não aparecerem todos os fenômenos recorrentes da fala, podemos identificar um processo que é muito comum na fala de alunos neste nível de conhecimento, que é a hipossegmentação da palavra “*encima*”. De acordo com Cunha e Miranda (2008), tal fenômeno ocorre na escrita com a união de palavras cuja forma convencional seria separada. Mas, de qualquer forma, há mais ocorrências de fenômenos na fala do que na escrita da aluna em questão, principalmente se observamos os fenômenos de supressão de letras e/ou sílabas das palavras. Cabe destacar, apesar de não ser nosso objetivo, que a referida aluna a qual cometeu a hipossegmentação já se apropriou da regra gramatical que diz quando usar *m* (antes de *p* e *b*) e *n* (nos demais contextos) na língua portuguesa.

Esses números de realizações da aférese tanto na fala quanto na escrita, reforçam a ideia de que se trata de um processo não marcado, sendo uma variante gradual muito presente no Português Brasileiro (PB), independentemente da classe socioeconômica e cultural, não desperta nenhum tipo de preconceito. Encontramos respaldo para a referida hipótese nos estudos de Garcia (2010), que

realizou uma pesquisa com alunos de três grupos específicos que frequentavam diferentes escolas da cidade de Pelotas/RS: duas públicas, uma de zona urbana e outra de zona rural, e uma particular. Como resultado desse levantamento, a pesquisadora identificou que o processo em questão aconteceu nos três grupos analisados, confirmando assim uma tendência da língua falada do PB.

Outro processo bastante produtivo em nossos dados foi a apócope, com o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo. Verificamos 14 ocorrências na escrita e 23 na fala, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

Informante 2:

[...] “eu gostava de *ajuda_* todo mundo principalmente meu pai” [...] (escrita)

[...] “ajudava ele a *limpá_* as máquina” [...] (fala)

É possível observar nesses dois exemplos que foram produzidos pela informante 2 a presença do apagamento do /r/ tanto na fala quanto na escrita. Isso mostra que a aluna, ao contrário da informante 20, que já foi mencionada, ainda não distinguiu os traços que são próprios da fala e da escrita.

A presença desse processo, tanto na fala quanto na escrita, confirma os resultados de algumas pesquisas sobre a oralidade que destacam a mudança em progresso quanto ao apagamento do /r/ em coda silábica de verbos no infinitivo (CALLOU; LEITE, 1995; MONARETTO, 2000; AGUILERA; KAILER, 2015; ALMEIDA; KAILER, 2015, dentre outros). Assim como, também está de acordo, com a afirmação de Brandão e Callou (2015) de que o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo no PB trata-se de uma mudança linguística.

Outro processo de supressão de segmento encontrados em nossos dados foi a síncope: o apagamento da oclusiva dental /d/ quando presente no grupo “*ndo*”, como: *andando* ~ *andano* ou *comendo* ~ *comeno*. Tal fenômeno era muito comum em falares rurais ou rurbanos. Hoje também é muito comum de ser encontrado em falares urbanos (BORTONI-RICARDO, 2004).

Esse processo fonético-fonológico ocorre, segundo Silva,

quando temos [falãdu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente e /do/ ocorre como a sílaba final. Quando temos [falãnu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente, mas a consoante nasal irá também ocupar a posição de consoante inicial da sílaba final. (SILVA, 1996, p. 61).

Conforme o resultado das análises, encontramos 37 ocorrências (75,5%) desse apagamento na fala e 12 ocorrências (24,5%) na escrita, sendo sempre em verbos no gerúndio, como exemplificamos na sequência.

Informante 4:

[...] “e eu *estol fazeno* atendimento lá agora” [...] (escrita)

“Eu *_tava brincano* na frente da casa da minha vó” [...] (fala)

No trecho selecionado, é possível observar que a aluna realizou o apagamento do /d/ tanto na fala quanto na escrita, mostrando que esse fenômeno é muito recorrente, principalmente na fala dos entrevistados da comunidade investigada.

Esse resultado também foi observado por Vieira (2011) em seu estudo com dois grupos de informantes, homens e mulheres com idade entre 15 e 35 anos e acima de 50 anos, com objetivo de observar a produtividade da assimilação da oclusiva /d/ no falar de Taboco - MS. Segundo a autora, identificou-se uma alta produtividade da assimilação da oclusiva /d/ na comunidade estudada, concluindo que a ocorrência do apagamento do fonema, independe da faixa etária e do nível de escolaridade dos falantes, sendo quase sistemático na língua.

Almeida Baronas e Lini (2011) compararam os dados obtidos em três *corpora* de períodos diferentes: manuscritos do século XIX, textos de alunos de uma escola de Cambé-PR (2008) e dados do falar rural de Paiquerê-PR (2005). Por meio da análise dos dados, as autoras puderam perceber que os fenômenos da neutralização das vogais, a monotongação, a apócope e a ditongação, que são fenômenos comuns no falar rural, estavam presentes nos textos de alunos de escola municipal. Esse fato “pode indicar uma provável relação entre os dois corpora, ou seja, traços do falar rural já não se reduzem a este falar, estando também presentes no texto escrito.” (ALMEIDA BARONAS; LINI, 2011, p.1.079)

Observamos que esses processos recorrentes tanto na fala quanto na escrita (monotongação, aférese, apócope e síncope) resultam da supressão de segmentos. Para Coutinho (1976, p.137), essa supressão acontece “no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras, com as quedas e modificações de fonemas”. Assim, observamos que esses processos fonético-fonológicos ocorrem com mais naturalidade, sendo menos marcados, geralmente não sofrem estigmatização.

A seguir, elencamos os processos fonético-fonológicos descontínuos presentes nos *corpora* desta dissertação.

4.2.2. Os principais processos fonético-fonológicos descontínuos

Com relação aos desvios decorrentes da interferência de regras variáveis descontínuas, observamos que, conforme Bortoni-Ricardo (2005), são, na maior parte, provenientes de variedades rurais e que se apresentam como um traço bem marcado, ocasionando o preconceito linguístico.

Dentre essas variantes descontínuas, a iotização foi o processo mais recorrente nas produções orais dos alunos, com 7 ocorrências (100%) somente na fala. Já na escrita, não tivemos registro, contrariando nossa hipótese e nos levando a inferir, de modo geral, que os alunos já se apropriaram dessa variação. Eles escolhem, assim, a variante mais apropriada para o uso na oralidade e na escrita, uma vez que alguns alunos utilizaram variante somente na fala, que é menos monitorada, evitando-a na escrita. Esse resultado nos leva a refletir que está sendo produtivo o trabalho que é feito com relação a tal variante na escola.

Informante 21:

“Eu moro com a minha mãe e meu pai mora com a mulher dele [...]” (escrita)

“Moro cá minha mãe, meu pai mora cá *muié* dele”. (fala)

Ao observarmos o trecho selecionado, percebemos que o aluno apresenta em sua fala vários processos fonético-fonológicos (no exemplo apresentado, primeiramente, a desnasalização, abaixamento e centralização da vogal posterior

/o/- em: *com ~ cá* e, em seguida, a iotização da lateral palatal e o apagamento do /r/ em: *mulher ~muié*) que não ocorrem na escrita. Isso mostra, como já mencionamos, que ocorre com esses fenômenos, em especial, uma maior reflexão sobre o seu uso, de forma que o aluno mantenha, em sua fala, a sua marca social. Mas, na escrita, já realiza a adequação, seguindo, assim, a convenção ortográfica pré-estabelecida.

Outro traço descontínuo verificado nos dados em análise foi o rotacismo, que se trata de um fenômeno no qual ocorre a troca de uma líquida lateral por uma líquida vibrante como, por exemplo, a alternância do // pelo /r/ em: *bicicleta ~ bicicreta*. Tal variante é marcada em seu uso, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2004), é classificada como traço descontínuo, considerando a sua grande estigmatização, tanto em falares rurais, rurbanos e urbanos.

Nesta pesquisa, encontramos poucas ocorrências do rotacismo. Somente 2 informantes (meninos) apresentaram o fenômeno em discussão em suas produções orais e/ou escritas.

Informante 6

“Quando eu fui la na casa do Sidney *nois* _tava brincando de bicicleta e eu *muntei*” [...] (escrita)

“Quando eu fui na casa do Sidney eu _tava *andano de bicicreta* [...] (fala)

Conforme o trecho destacado, o informante 6 apresentou a variante “bicicreta” somente na fala, não seguindo a mesma representação na escrita.

No entanto, também é possível perceber que o aluno utilizou outras variantes que estão relacionadas com a fala, porém são menos estigmatizadas, como a aférese (*estava ~ tava*) e a síncope (*andando ~ andano*). Além da ditongação (*nós ~ nois*), que é marcada na comunidade escolar, mas muito comum na comunidade na qual o aluno está inserido.

Já o informante 19 não apresentou o mesmo comportamento do informante 6, conforme podemos verificar nos exemplos seguintes.

Informante 19

- a) “O *ermario* estava meio *sorto* eu subi em *sima*¹⁴ dele” [...] (escrita)
- b) [...] “eu fui tenta_ pegá_ o meu copo e daí o ermário _tava meio que *escapano*, quando eu consegui pegá_ o ermário caiu em cima de mim” [...] (fala)
- c) [...] “quando o *ermario* caiu tinha prato copo e o meu copo *quazitudo* era de vidro, mas tinha copo e plástico também. (escrita)
- d) [...] prato, copo de vidro e acho que copo de *prástico tamém*”. (fala)

Esse informante apresentou o rotacismo tanto na fala como na escrita, mas com palavras diferentes. Na fala, ele usou “prástico”, já na escrita produziu plástico. Na escrita utilizou a variante “sorto”, porém na fala utilizou “escapano” como sinônimo.

Neste exemplo, além do rotacismo, o informante apresentou, na fala, vários casos de apagamento do /r/ (tentar ~ tentá, pegar ~ pegá), aférese (estava ~ tava); síncope da oclusiva /d/ (escapando ~ escapano); síncope do /b/ (também ~ tamém) e o alçamento e anteriorização do /a/ em (armário ~ ermário); e, na escrita, hipossegmentação e alçamento do /e/ em (quase tudo ~ quazitudo).

Dessa forma, observamos que o rotacismo não teve uma produção muita significativa em relação a outras variantes, visto que apresentou um número pequeno de ocorrências. Isso nos mostra, mais uma vez, que os traços descontínuos já não estão tão presentes na escrita desse grupo de informantes.

Por fim, destacamos a presença do betacismo, processo de transformação do fonema /v/ em fonema /b/. Nesta pesquisa, esse fenômeno, apesar de não ser muito produtivo, ocorreu tanto na fala quanto na escrita, como podemos verificar nos exemplos subsequentes.

¹⁴ Não abordaremos nesta pesquisa os erros *da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita*.

Informante 8

“Um dia meu irmão estava brincando e eu estava dormindo e ele colocou as pirainha no *trabiseiro* e eu engoli” [...] (escrita)

“Eu era muito pequena e meu irmão foi e *coloco_* a prisilinha no *trabiseiro* e eu comi” [...] (fala)

No trecho selecionado, a informante utiliza a variante /b/ em (travesseiro ~ trabiseiro) tanto na fala quanto na escrita, demonstrando que tal forma da palavra é muito recorrente em seu contexto social.

Após destacar as variantes graduais e descontínuas mais recorrentes nas produções orais e escritas dos alunos, apresentamos as possíveis influências dos contextos extralinguísticos para que uma outra variante em análise tenha ocorrido.

4.3 Análise dos fatores extralinguísticos relacionados à pesquisa

Ao realizar a análise dos processos fonético-fonológicos, além de observar os aspectos internos do funcionamento linguístico, tivemos neste estudo o objetivo de verificar a influência dos contextos extralinguísticos, tais como: tipo de escola, o sexo, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante. Para Tarallo, “é somente através de fatores linguísticos e não linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída” (TARALLO, 2007, p. 62).

Assim, seguindo esse conceito, preparamos para esta pesquisa um questionário socioeconômico¹⁵, aplicado aos informantes com o objetivo de coletar as informações relacionadas aos contextos que foram analisados na sequência.

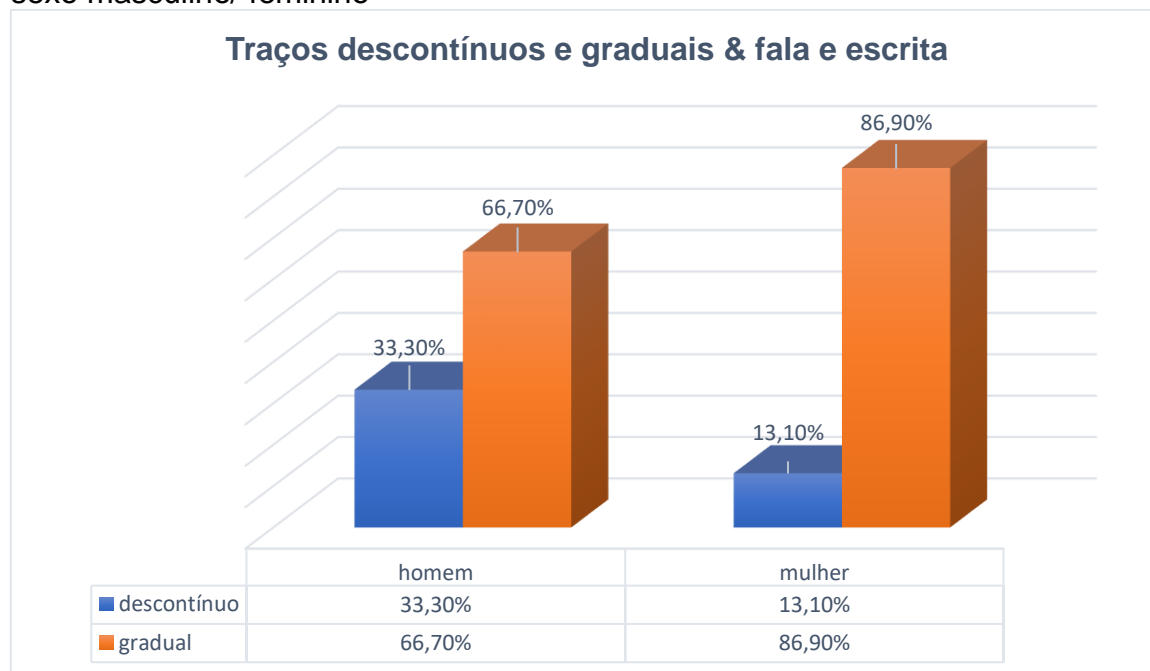
4.3.1 A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com o sexo masculino/feminino

Para compor a pesquisa, foram selecionados 28 alunos/informantes, divididos em 12 meninos e 16 meninas. Dessa quantidade de alunos, foi possível

¹⁵ Ver modelo em anexo 2 – p.122

identificar, conforme o gráfico 2, que os meninos apresentaram mais marcas dos traços descontínuos (33,3%). Em contrapartida, as meninas tiveram somente 13,10% de marcas de traços descontínuos.

Gráfico 2 – Ocorrências de traços graduais e descontínuos de acordo com o sexo masculino/ feminino



Fonte: Própria autora

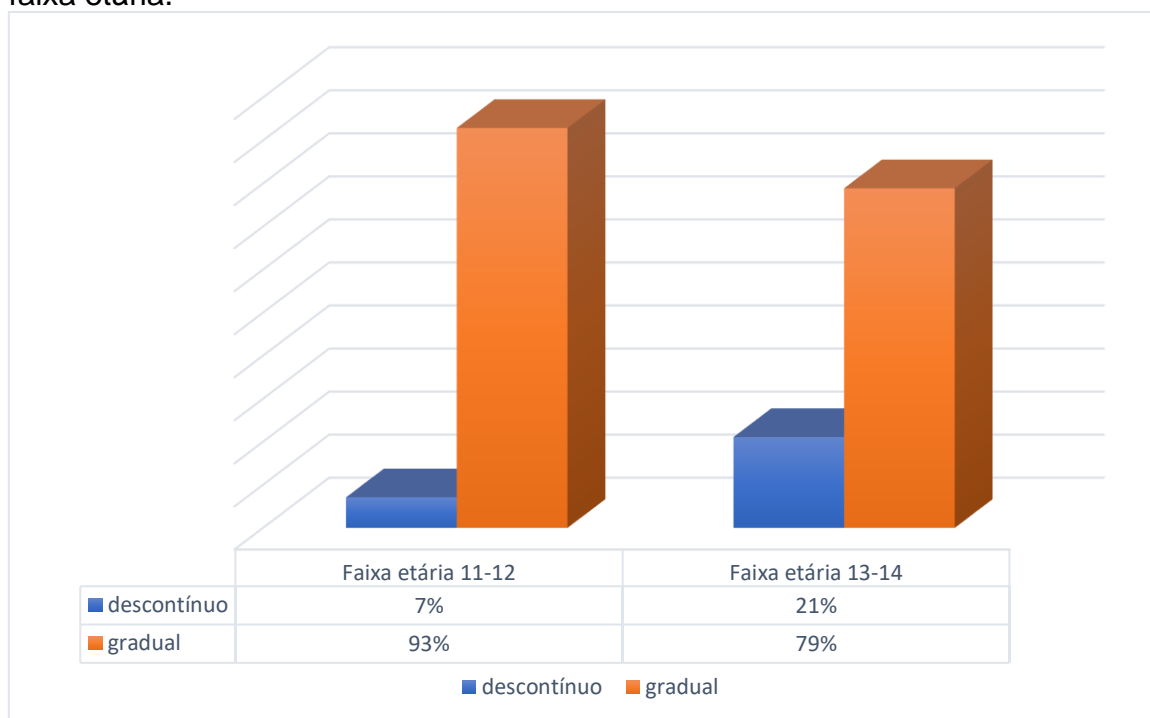
Com relação aos traços graduais, é possível observar que tiveram o maior registro de ocorrências: as meninas produziram 86,9%, enquanto os meninos tiveram 66,70%. Com esses resultados, fica evidente que os traços graduais estão mais presentes na comunidade de fala dos alunos pesquisados, sendo mais produtivos na fala das meninas. Por essa razão, esses traços não são tão marcados como os traços descontínuos, aparecendo com muita frequência na fala e na escrita das meninas e dos meninos.

Diante disso, podemos, ancorados em Labov (1972), dizer que os traços graduais, verificados nesta pesquisa, não são de fato estigmatizados, pois as mulheres, que são as líderes nas formas inovadoras quando essas têm prestígio, são as que mais fazem uso dessas variantes. Já os homens lideram no uso dos traços descontínuos (33%), ou seja, os homens tendem a usar as formas de menor prestígio, se comparados às mulheres (13%).

4.3.2 A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com a faixa etária

Os informantes da pesquisa foram divididos em dois grupos, de acordo com a faixa etária: o primeiro grupo compreende os alunos de 11 e 12 anos; já o segundo grupo envolve os informantes de 13 e 14 anos. Com relação à idade/série – 6ºano – o primeiro grupo é composto por alunos que estão dentro da faixa etária esperada, enquanto o segundo grupo apresenta uma defasagem na idade/série.

Gráfico 3 – Ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com a faixa etária.



Fonte: Própria autora

De acordo com o gráfico 3, observamos que os traços graduais foram mais recorrentes nas duas faixas etárias, evidenciando, assim, que esses informantes, independentemente da idade, apresentam essas variantes de uma forma bem acentuada em suas falas. Os descontínuos, como já analisados, apresentaram um número maior de ocorrências, com 21% nas produções dos alunos do grupo 2 (13 - 14 anos) em relação a 7% do grupo 1 (11 -12 anos). Dessa forma, podemos afirmar que o grupo 1, que está dentro da idade-série, produziram menos ocorrências marcadas (descontínuas).

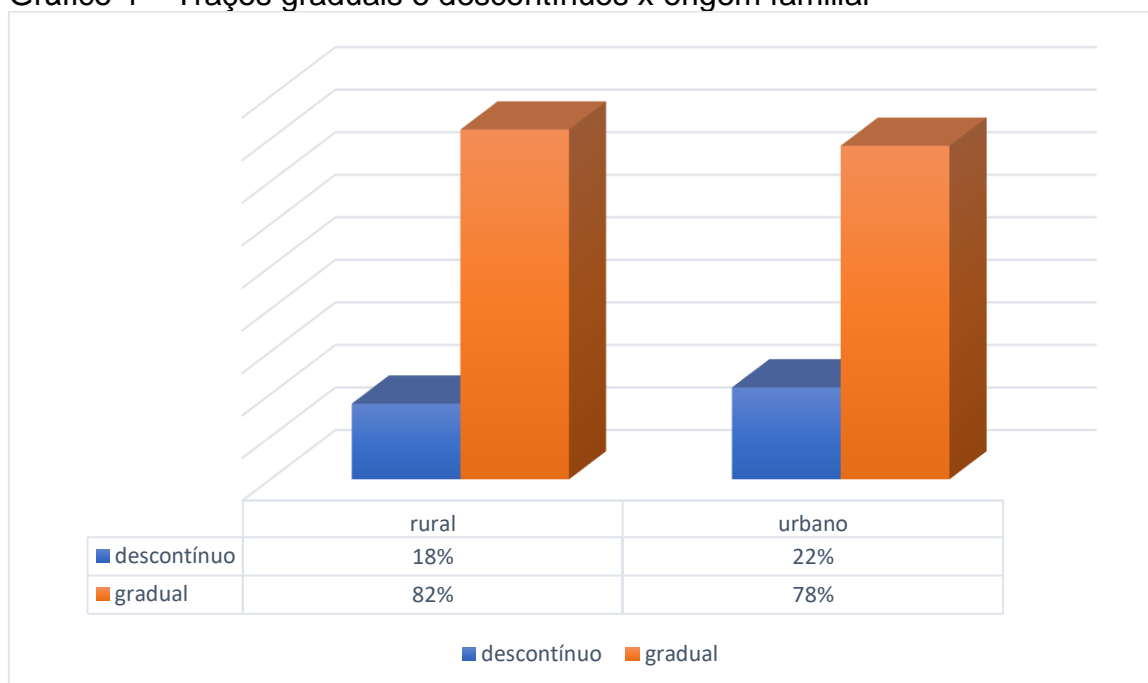
Ao contrário, o segundo grupo de alunos, que, mesmo estando fora da idade-série, ainda não tiveram total apropriação destes traços descontínuos,

reproduzindo ainda as variantes comuns da sua comunidade de fala, sem a devida adequação ao ambiente escolar.

4.3.3 A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com a origem familiar

Outro critério observado ao longo da pesquisa foi a origem familiar, observando se os pais sempre viveram na cidade ou se já residiram na zona rural. Esse critério foi definido com o objetivo de verificar quais as referências do grupo influenciam as escolhas dos informantes deste estudo.

Gráfico 4 – Traços graduais e descontínuos x origem familiar



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o gráfico 4, podemos verificar que, dos alunos que tiveram origem da zona rural, 18% apresentaram traços descontínuos e 82% traços graduais. Com relação aos grupos de origem da zona urbana, ao contrário do que se hipotetizava, as ocorrências com traços descontínuos foram maiores, com 22% de casos, evidenciando, assim, que esses traços estão diretamente relacionados ao contexto observado. No caso, trata-se de uma comunidade periférica, excluída em todos os âmbitos sociais e possuidora de uma linguagem como marca de pertencimento ao grupo.

Os traços graduais foram os mais recorrentes, ficando entre 80% nos dois grupos. Assim sendo, tal traço é muito comum na fala, independentemente de sua

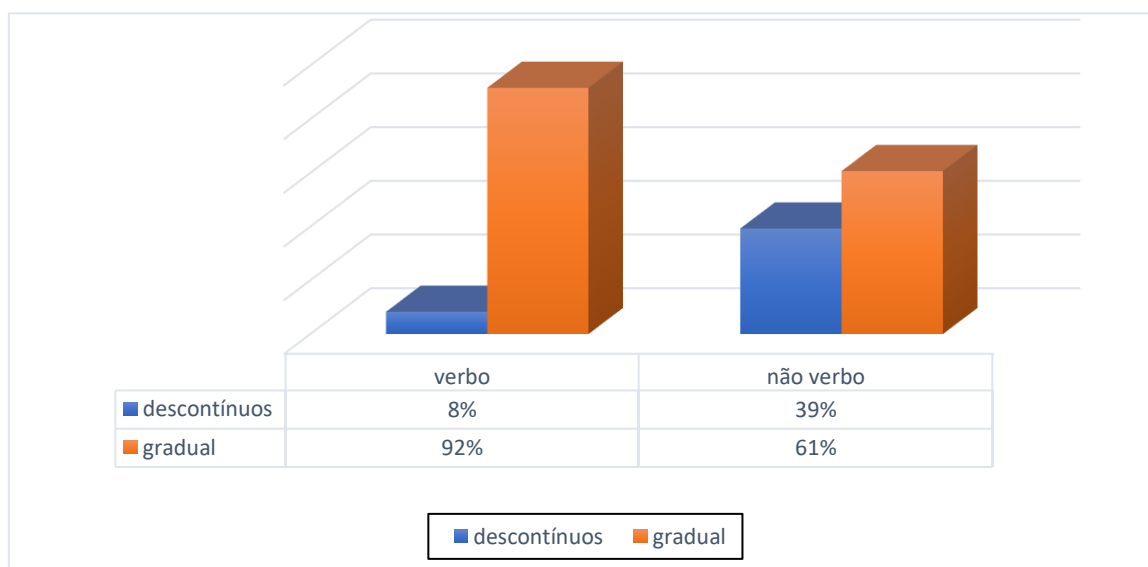
origem, pois já não representa um traço marcado que contribui para o preconceito linguístico.

Por fim, já não podemos afirmar que as ocorrências com traços descontínuos são próprias de falantes de origem rural, mas sim que essa forma também está presente em grupos de falantes com menos condições econômicas, culturais e sociais.

4.3.4 A ocorrência dos processos fonético-fonológicos de acordo com as variáveis linguísticas

O último critério observado durante a análise dos dados foram as variáveis linguísticas definidas em dois grupos – verbo e não verbo – com base nos traços descontínuos e graduais.

Gráfico 5 – Ocorrências de variáveis linguísticas – verbo e não – verbo



Fonte: Própria autora

No Gráfico 5, as maiores ocorrências são de traços graduais presentes nos verbos (92%), uma vez que os principais processos estão relacionados ao apagamento do /r/ final do infinitivo, aférese do verbo *estar* e suas variações, além do apagamento do /d/ em verbos no gerúndio.

Já os traços descontínuos estão mais presentes em palavras que não são verbos (39%), por exemplo, o rotacismo em /bicicreta/ e a iotiação em /muié/. Em verbos, tivemos também a ocorrência da iotização do verbo trabalhar /trabaia/.

A monotongação ocorreu nos dois grupos, tanto em verbos no pretérito perfeito /pego/ e em não verbos como em /banhero/.

Tendo em vista todos os dados analisados neste capítulo, apresentamos, na sequência, uma proposta de intervenção. Nela, são abordadas as principais necessidades encontradas nas produções escritas dos alunos.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Após a análise de todos os dados coletados, foi possível perceber que os principais desvios realizados pelos alunos estão ligados aos traços graduais, principalmente na escrita. Isso direciona à reflexão de que os alunos apresentam uma maior defasagem no processo da escrita, quanto ao uso dos referidos processos que, na oralidade, não apresentam marca de desprestígio social, sendo necessário elaborar um projeto de intervenção que vá ao encontro dessas necessidades.

Assim, apresentamos, a seguir, a proposta de intervenção com o objetivo de viabilizar um trabalho prático com os principais fenômenos fonético-fonológicos classificados como graduais, que foram encontrados tanto nas produções orais quanto nas escritas dos alunos pesquisados. Essa intervenção, contudo, é uma das propostas que o professor pode utilizar em sala de aula para trabalhar a consciência fonológica, sabendo que haverá diversas outras possibilidades que não serão elencadas neste estudo.

O principal critério de seleção das atividades foi o perfil da turma, pois, já no final do ano letivo, é possível dispor de conhecimentos pessoais que podem contribuir para um efetivo aprendizado. Ao selecionar tais atividades, buscou-se abordar o trabalho com a ortografia de forma lúdica, fugindo dos exercícios tradicionais que apresentam somente o certo e o errado, e sim desenvolver uma consciência em relação ao uso da palavra tanto na oralidade quanto na escrita.

As atividades foram elaboradas levando em consideração que é essencial uma reflexão sobre a linguagem falada e escrita, em contextos mais e menos monitorados. Nesse sentido, o aluno possa diferenciar a variedade que rotineiramente usa na sua fala, mas que não deve ser representada na escrita, considerando o contexto de uso¹⁶.

Assim, segue-se a proposta de intervenção. trabalho com a escrita através de uma reflexão sobre a fala, em variados contextos de uso, com vista nos principais desvios fonético-fonológicos identificados por esta professora-pesquisadora. Como já foi mencionado, ao desenvolver tal material não há uma pretensão de criar atividades inéditas, e sim aplicar e comprovar a efetiva

¹⁶ Marcuschi (1997) analisa os contextos de produção, os usos da fala e da escrita nas mais diversas situações do cotidiano.

eficiência destas ao serem aplicadas sistematicamente aos participantes da pesquisa.

5.1 Uma proposta de trabalho com os processos fonético-fonológicos

Com o intuito de organizar o trabalho, as atividades da unidade didática foram divididas por módulos, com o objetivo de direcionar o trabalho com os processos fonético-fonológicos mais recorrentes nas produções textuais, assim como, abordar a variação linguística e os contextos de uso da fala e da escrita.

É importante observarmos que essa proposta foi elaborada especificamente para minimizar as defasagens identificadas através desta pesquisa. No entanto, não há nenhum impedimento de que tais atividades sejam adequadas para outras séries, pois o trabalho com a oralidade e a escrita deve ocorrer continuamente ao longo dos anos escolares, conforme os PCNs (BRASIL,1998).

Inicialmente, essa proposta de intervenção estava prevista para ser aplicada no mês de setembro; mas, devido a alguns acontecimentos que não estavam no cronograma (eventos da escola, liberação do Comitê de Ética), houve a necessidade de alterar as datas e a proposta foi aplicada em novembro, já no final do ano letivo. Dessa forma, algumas atividades tiveram que ser readequadas para que fossem realizadas ao longo do mês de novembro, pois, em dezembro, grande parte dos alunos, principalmente os aprovados, já não frequentam mais as aulas. Além disso, ainda deveriam ser realizadas as avaliações finais para o encerramento do ano letivo.

Assim, a unidade didática foi organizada em três módulos com cinco aulas cada um, de forma que facilitasse a adequação dos conteúdos e que fosse concluído ao longo de três semanas.

Na sequência apresentaremos a proposta didática com todas as atividades que foram trabalhadas em cada módulo, seguindo de um breve comentário sobre como aconteceu esse trabalho em sala de aula, assim como, uma reflexão sobre a efetivação de cada proposta.

UNIDADE DIDÁTICA – 6º ANO E.F.
Aulas previstas: 20 h/a de 50 minutos.
I. Conteúdo estruturante: Discurso enquanto prática social.
II. Conteúdo específico: <ul style="list-style-type: none">- Variação Linguística (fala e escrita);- Contexto formal e informal;- Variante de maior/menor prestígio social;- Processos fonético-fonológicos recorrentes na fala: processo de ditongação, monotongação, alçamento das vogais átonas (pretônicas e postônicas), aférese, síncope do /U/ e do /D/.
III. OBJETIVOS: <p>Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none">- Proporcionar ao aluno o contato com as diversas variedades da língua materna, valorizando cada uma delas, para, assim, combater o preconceito que existe em relação às formas menos prestigiadas. <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Abordar os processos fonético-fonológicos mais recorrentes na produção escrita dos alunos;- Perceber o uso das variantes de menor/maior prestígio;- Adequar a fala/escrita ao seu interlocutor e ao contexto de uso;- Trabalhar a conscientização do uso da linguagem a fim de amenizar o preconceito linguístico;

IV. METODOLOGIA:

A metodologia aplicada durante o processo de construção do projeto foi diversificada, buscando a conscientização do tema abordado por meio da criatividade e do trabalho em grupo.

As aulas serão divididas em quatro módulos, com 5 aulas cada um, conforme o conteúdo e cronograma que será apresentado a seguir.

1º módulo: Aula I

Nesta primeira, apresentamos a temática “variação linguística”, fazendo um levantamento dos conhecimentos que os alunos têm sobre o assunto. Também abordaremos a linguagem falada e escrita e as suas características, assim como a variação de acordo com a idade, sexo, região e classe social, aproveitando os exemplos levantados pelos alunos.

Aulas II e III

Na segunda aula, apresentamos a proposta de trabalho com a música “Trem bala¹⁷”, composição e interpretação de Ana Vilela, com o objetivo de verificar quais os principais processos fonético-fonológicos apresentados na fala da cantora. A partir disso, o aluno perceberá que as marcas que estão presentes na fala, independentemente da formalidade, não são representadas na forma escrita.

Ao trabalhar com essa música, podemos refletir sobre a ocorrência de alguns processos fonético-fonológicos como a ditongação, a monotongação, o alçamento das vogais átonas (pretônicas e postônicas) e o apagamento do -R em verbos no infinitivo.

A partir da letra, podem ser exemplificadas as características da linguagem falada e escrita que foram apresentadas na aula anterior e discutir os processos recorrentes.

¹⁷ Será apresentado o vídeo disponível no Youtube:
<<https://www.youtube.com/watch?v=sWhy1VcvvgY>>. Acesso em: 25 de out. 2017

Trem bala¹⁸**Ana Vilela** (composição e interpretação)

Não é sobre ter todas as pessoas
do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar
alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais
do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida
que cai sobre nós

É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito, é
saber sonhar
Então fazer valer a pena
Cada verso daquele poema sobre
acreditar

Não é sobre chegar
No topo do mundo e saber que
venceu
É sobre escalar e sentir que o
caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros
corações
E assim ter amigos contigo em
todas as situações

A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se
fosse assim?

Compositor: Ana Carolina Vilela Da Costa
Letra de Trem - Bala © Sony/ATV Music Publishing LLC

Por isso eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe
para perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro
é capaz de comprar
E sim sobre cada momento, sorriso
a se compartilhar
Também não é sobre
Correr contra o tempo para ter
sempre mais
Porque quando menos se espera a
vida já ficou para trás

Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais
enquanto estão aqui
Que a vida é trem bala parceiro
E a gente é só passageiro prestes a
partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá

Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais
enquanto estão aqui
Que a vida é trem bala parceiro
E a gente é só passageiro prestes a
partir

1ª atividade:

Após ouvir a música, atente-se às marcas presentes na fala da cantora
que não são representadas na escrita, classificando-as no quadro abaixo:

¹⁸ Letra disponível na página oficial da compositora e intérprete
<<https://www.youtube.com/watch?v=sWhy1VcvvgY>>. Acesso em: 25 out. 2017

Palavras com marcas da fala	Palavras conforme a norma-padrão escrita
<ol style="list-style-type: none"> 1. Passagero 2. Parcerro 3. Dinhero 4. Tráís 5. Inquanto 6. Faze 7. Qui 8. Sabe 9. Compra 10. Genti 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Passageiro 2. Parceiro 3. Dinheiro 4. Trás 5. Enquanto 6. Fazer 7. Que 8. Saber 9. Comprar 10. Gente

2ª atividade:

Em grupo, reflita com os colegas e identifique outras palavras¹⁹ que apresentam variação da fala para a escrita.

Formas próprias da fala	Formas próprias da escrita
<ol style="list-style-type: none"> 1. Leiti 2. Falano 3. Tá 4. Nós 5. Pidiu 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leite 2. Falando 3. Está 4. Nós 5. Pediu

¹⁹ Nessa atividade, foram apresentados alguns dos vários exemplos selecionados pelos alunos, de acordo com a realidade linguística vivenciada por eles.

Aulas IV e V

Nas duas últimas aulas deste módulo, buscamos, no primeiro horário, retomar o contexto da linguagem falada e escrita, refletindo sobre a questão do uso, de acordo com um contexto mais ou menos monitorado. Também abordamos a questão das variações linguísticas que são estigmatizadas, para que se reflita sobre o preconceito linguístico.

Na última aula, realizamos uma atividade reflexiva usando a tira cômica do Fernando Gonsales que foi adaptada do livro *Português – Linguagens – 6º ano*²⁰, livro didático utilizado na turma pesquisada. Optamos por adaptar uma atividade do livro didático pela facilidade de acesso ao material, tanto pelos alunos quanto pelos professores, pois, em muitos casos, o acesso a outros materiais é muito restrito. Assim, cabe ao professor adaptar e ampliar as atividades propostas no livro didático, conforme a sua realidade escolar.

Atividade I: Analise a tira cômica, reflita sobre a linguagem empregada relacionando-a com o tema abordado na aula anterior e depois responda as questões:

Figura 4 – Tira de Fernando Gonsales



Fonte: Livro didático: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português-linguagens*. Vol. 6, 6º ano do ensino fundamental. Ensino fundamental II. São Paulo: Atual, 2015. p.39.

²⁰ Livro didático: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português-linguagens*. Vol. 6, 6º ano do ensino fundamental. Ensino fundamental II. São Paulo: Atual, 2015. p. 39.

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa, considerando o contexto de produção. No primeiro quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.

a) Que palavras são essas? (Bicicreta, crocrete, cardeneta.)

b) Como provavelmente ela diria essas palavras? (Bicicleta, croquete e caderneta.)

c) Qual dessas palavras lhe causou um maior estranhamento? Por quê?

(Neste item, os alunos devem refletir sobre a sua fala e relacioná-la com o contexto da tira.)

2. No segundo quadrinho, a fala do comerciante também nos chama atenção. Por qual motivo? (Observar que a fala do personagem também apresenta formas marcadas: argum; pobrema.)

b) Há alguma relação entre a fala do homem e a fala do papagaio? (O professor deve orientar os alunos sobre as formas estigmatizadas presentes nas falas dos dois personagens.)

3. Os modos do uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. No caso da tira cômica, qual foi o julgamento realizado pela mulher? (O professor deve discutir sobre os processos fonético-fonológicos mais marcados e o preconceito linguístico, conforme já mencionado neste estudo.)

4. Com essa tira cômica, podemos perceber que, em alguns casos, de acordo com o contexto de comunicação, a forma como falamos pode denotar um menor prestígio social, causando um julgamento negativo. Relacione a variação presente no texto com as variações encontradas na música apresentada na aula anterior e responda: (O objetivo desta atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre a linguagem e os processos fonético-fonológicos que são mais ou menos marcados).

a) Podemos estabelecer uma relação entre essas variações?

b) Ambas apresentam um julgamento negativo? Justifique.

c) Após sua análise, qual variação é mais estigmatizada? Por quê?

2º módulo – 5 aulas

Neste módulo, foram abordadas atividades para trabalhar a consciência fonológica e a ortografia por meio de atividades lúdicas. As propostas apresentadas a seguir foram preparadas com o objetivo de tornar mais dinâmico o trabalho com a ortografia, evitando, assim, atividades de repetição sem nenhuma reflexão sobre os usos da língua. Também é importante salientar que o material pedagógico utilizado nestas atividades faz parte dos recursos pedagógicos disponíveis no ambiente escolar, mas que são pouco utilizados pelos professores.

Aulas I e II

A proposta de trabalho, nessas duas aulas, foi com o jogo de palavras²¹, usando as letras do alfabeto e figuras selecionadas. Os alunos, em equipes, dentro do tempo determinado, escreveram o nome das 6 figuras que cada grupo receberá. As figuras foram selecionadas com base nos processos fonético-fonológicos mais recorrentes, conforme já observado no capítulo quatro desta dissertação. Ao final da atividade, cada grupo compartilhará a forma como escreveu o nome das figuras, fazendo uma reflexão sobre o processo da escrita.

Com esta atividade, de modo geral, esperávamos que o aluno refletisse sobre a relação fala/escrita, buscando trabalhar, com maior ênfase, a ortografia das palavras que apareceram com maior incidência nas produções textuais selecionadas nesta pesquisa. Além disso, o trabalho em equipe também

²¹ Ver Anexo 1 – p.120

proporcionou uma maior integração com as regras ortográficas, uma vez que eles discutiram qual a forma adequada para grafar cada palavra.

Aulas III e IV²²

Nessas duas aulas, os alunos confeccionaram o “Jogo da memória”, seguindo a temática dos verbos. Em duplas, eles receberam uma cartela com 15 pares de palavras indicando ações em diferentes tempos verbais, conforme o exemplo abaixo. Além de montar o jogo, cada dupla definiu as regras para jogá-lo.

Figura 5 – Jogo da Memória

Falou	Fala	Falaremos	Falando	Falar
Falou	Fala	Falaremos	Falando	Falar
Está	Estava	Estou	Trabalhando	Ficou
Está	Estava	Estou	Trabalhando	Ficou
Brincando	Pegou	Comprar	Ganharam	Saindo

²²As atividades destas aulas foram adaptadas do *site*: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=58562>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

Brincando	Pegou	Comprar	Ganharam	Saindo

Fonte: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=58562>>. Acesso em: 02 nov. 2017. Adaptado.

Após a montagem e organização do jogo, os alunos interagiram com as outras equipes, de forma que todos conhecessem os jogos de seus colegas. Assim, todos os alunos tiveram contato com as formas verbais, conteúdo que, apesar de já ter sido explorado no 3º bimestre, apresentaram diversas ocorrências de marcas de oralidade nas suas produções textuais, principalmente com relação ao apagamento do /R/ das formas verbais do infinitivo e à síncope de segmentos dos verbos no pretérito perfeito ou no gerúndio.

Aula V

Na última aula deste módulo os alunos, ainda continuaram trabalhando com a grafia do tempo verbal. Dessa forma, eles elaboraram um pequeno texto no qual foi apresentado uma lista de atividades que já foram realizadas (passado) e outra lista com atividades que eles devem realizar (futuro).

Assim, buscamos com esse exercício a escrita dos tempos verbais, principalmente os verbos no pretérito perfeito, que apresentaram uma grande incidência nas produções textuais analisadas. Ao final da atividade, os alunos expuseram para os colegas a sua lista de atividades e, neste momento, a professora aproveitou para fazer uma nova reflexão sobre a grafia dos verbos.

Figura 6 – Lista de atividades

<p>Atividade</p> <p>Faça uma lista com seis atividades que você fez ontem.</p> <p>Ontem eu:</p>

Agora, faça uma lista com seis atividades que você fará amanhã.

Amanhã eu:

Fonte: Própria autora

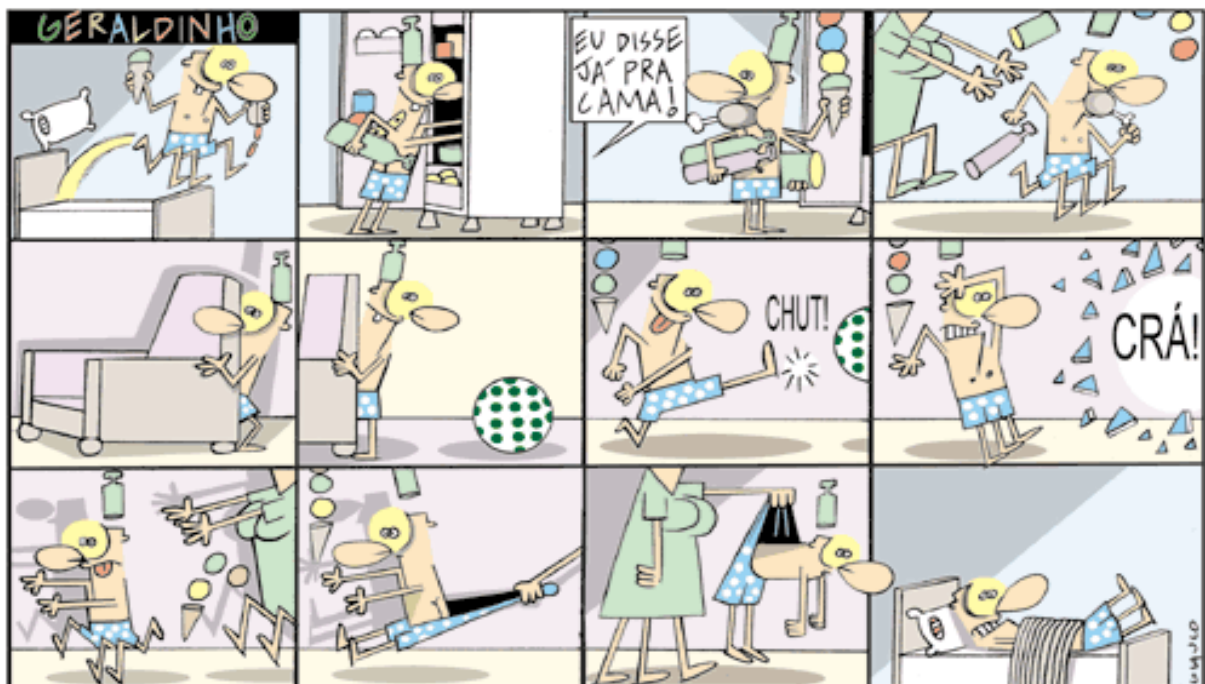
3º módulo: 5 aulas

Esse último módulo da proposta de intervenção teve como foco principal a prática da escrita, especialmente a ortografia, de forma que o aluno pudesse praticar a sua linguagem escrita através da produção textual. No primeiro momento, foi elaborado um texto a partir de uma tira cômica. Na sequência, o texto foi recolhido, analisado e, posteriormente, um a um, os alunos receberam orientações a respeito de suas produções, tendo como foco principal a presença dos processos fonético-fonológicos. Para encerrar essa proposta de intervenção, fizemos uma nova coleta de dados a partir de outra produção textual, para que, assim, fosse possível dimensionar o real impactos dessas atividades na escrita dos alunos.

Aula I – Tira cômica do Glauco

Observe a tira, a seguir, de Glauco. Depois, escreva um pequeno texto, empregando os verbos de ação para contar o que as personagens estão fazendo.

Figura 7 – Tira cômica do Glauco



Fonte: Livro didático: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português-linguagens*. Vol. 6, 6º ano do ensino fundamental. Ensino fundamental II. São Paulo: Atual, 2015. p. 240.

Aula II

Após a escrita do texto, em dupla, os alunos fizeram a leitura e a reescrita a partir dos apontamentos dos colegas. Nesse momento, a professora não fez nenhum tipo de interferência nas produções. Ao finalizar, a professora recolheu os textos que serão lidos e analisados para uma nova reescrita.

Aula III

Devolução dos textos individualmente. A professora orientou cada aluno sobre os problemas encontrados nos textos, para que eles façam uma reescrita e reestruturação dos textos. Nesse momento, o foco principal era a ortografia, observando a ocorrência dos processos fonético-fonológicos. Para isso, a professora auxiliará no processo, incluindo exemplos na lousa para facilitar o encaminhamento da aula.

Aulas IV e V

Houve a produção de texto escrito para a segunda coleta dos dados, com o objetivo de analisar e avaliar o avanço dos alunos com relação à ocorrência dos processos fonético-fonológicos em suas produções escritas. Após a coleta dos dados, foi feita uma nova análise do percentual de cada processo fonético-fonológico encontrado nas produções textuais.

Para iniciar a aula, será lido o conto “Clementina, a gata”²³ de Sylvia Orthof. Logo após a leitura, o tema abordado no conto será discutido e, em seguida, os alunos relataram, por escrito, um fato ocorrido com o seu bichinho de estimação²⁴. Ao escolher essa proposta, esperamos que os alunos relatem os fatos relacionados aos seus bichinhos, conforme a discussão oral iniciada pelo conto. Cada aluno quis falar sobre o seu animal de estimação, fato esse que facilitou o processo de escrita do texto.

²³ ORTHOF, Sylvia. **Os bichos que tive**. Cidade: Salamandra, 2006, p. 61

²⁴ A partir de uma breve sondagem, percebemos que todos os alunos possuem um animalzinho de estimação e que possuem várias histórias sobre eles para contar.

5.2 Relato reflexivo a partir da aplicação da proposta de intervenção

Ao elaborar e aplicar uma proposta de intervenção, devemos fazer uma reflexão com o objetivo de analisar como ocorreu a prática das atividades, observando se o trabalho foi significativo para o aprendizado dos alunos.

De modo geral, a proposta de intervenção teve a participação da maioria dos alunos, mas algumas ocorrências apareceram. O primeiro ponto foi a instabilidade na frequência, seguido de um cansaço por já ser no final do ano letivo. Mas, apesar desses contratemplos, o trabalho pode ser realizado de forma satisfatória. Os módulos de aulas foram desenvolvidos ao longo do mês de novembro, de forma sequencial, tendo a duração de três semanas.

Antes de iniciar a proposta, foi explicado aos alunos o objetivo dessas atividades e, na sequência, seguimos falando sobre linguagem, variação linguística e as suas especificidades. Na aula seguinte, trabalhamos a música “Trem – bala”, que despertou grande interesse por parte dos alunos. A maior dificuldade para trabalhar esse módulo foi com a tira cômica de Fernando Gonsales, pois os alunos não conheciam algumas palavras presentes na tira, caso que dificultou a compreensão do texto. Muitos não sabiam o significado de croquete, outros acreditavam que a grafia *cardeneta* estava adequada. A única palavra que causou um estranhamento imediato foi *bicicreta*. Já para as demais palavras, a professora teve que intervir com explicações e exemplos para facilitar a compreensão. Com relação a palavra *cardeneta*, a grande maioria identificou essa forma como adequada, alegando que nunca tinham ouvido a palavra caderneta. O mesmo aconteceu com croquete, só que nesse caso, eles nem sabiam o significado da palavra, não podendo identificar assim se estava ou não adequada.

Quando decidimos trabalhar com essa atividade do livro didático, o principal motivador foi a facilidade de acesso ao material, considerando que a escola possui poucos recursos. Mas, como já mencionado, a compreensão da tira foi dificultada pela falta de conhecimento do vocabulário, o que nos leva a refletir que, muitas vezes, escolhemos a atividade pensando na proposta a ser aplicada ao invés de considerar o público alvo. Ao passar esse momento inicial de leitura da tira, os alunos compreenderam que o papagaio usava formas estigmatizadas pela sociedade e, conseqüentemente, identificaram algumas falas de seus familiares, discutindo, a partir

daí, quais as palavras que são menos marcadas e quais geram o preconceito linguístico.

Assim, ao realizar essa atividade buscamos a conscientização da diferença entre os diferentes falares, pois é importante que se conscientize o devido respeito às características culturais das diversas regiões existentes no país. Dessa forma, “o trato inadequado ou até desrespeitoso das diferenças vai provocar insegurança e desinteresse do aluno.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42).

O segundo módulo apresentou atividades mais lúdicas, despertando um maior interesse dos alunos, principalmente dos mais novos. O jogo de palavras foi desenvolvido em um clima de competição, com todas as equipes muito concentradas, buscando concluir a atividade primeiro. Na sequência das aulas, os alunos também gostaram muito de desenvolver e brincar com o jogo da memória sobre os verbos, realizando, conforme determinado, todo o processo de elaboração das regras desta brincadeira.

Esse segundo módulo foi essencial para envolver ainda mais os alunos na discussão desse assunto, pois, através dessas atividades diferenciadas, eles tiveram mais estímulos para a aprendizagem.

O último módulo foi um pouco mais difícil, já que as produções textuais exigiam mais tempo e concentração para que fossem elaboradas. Dessa forma, após muitos esforços, os alunos finalizaram os relatos escritos sobre os seus animais de estimação. Com o término da aula, foram recolhidos 26 textos dos alunos que estavam presentes na aula, mas somente 24 faziam parte da pesquisa inicial.

Estando em uma comunidade carente, é muito recorrente a rotatividade de alunos, pois muitas famílias vão e vem em busca de melhores oportunidades de trabalho ou, até mesmo, para fugir de problemas familiares ou na comunidade. Assim, dos 28 alunos que participaram da primeira fase da pesquisa, dois foram transferidos, um desistiu e o outro estava internado devido a um acidente de bicicleta, restando somente 24 alunos participantes. Nos meses de agosto e setembro, dois alunos foram transferidos para essa turma. Mas, como eles não participaram do início da pesquisa, os textos produzidos na segunda coleta não foram quantificados.

Sendo assim, ao finalizar essa proposta de intervenção, percebemos que as atividades atingiram o objetivo proposto de trabalhar com a escrita dos diversos processos fonético-fonológicos presentes nos textos dos alunos. Sabemos também que há diversas outras possibilidades de abordar esse assunto, outros tantos recursos

disponíveis. No entanto, não há a pretensão de criar metodologias, e sim, mostrar uma, dentre as diversas possibilidades, que o professor tem para trabalhar com a sua turma, sempre com o foco no perfil dos seus alunos, adequando as atividades à necessidade de seu público.

Na sequência, elencamos os resultados levantados a partir da segunda coleta dos textos, analisando, através dos dados, se a proposta de intervenção apresentou menos incidências de marcas da oralidade na escrita.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

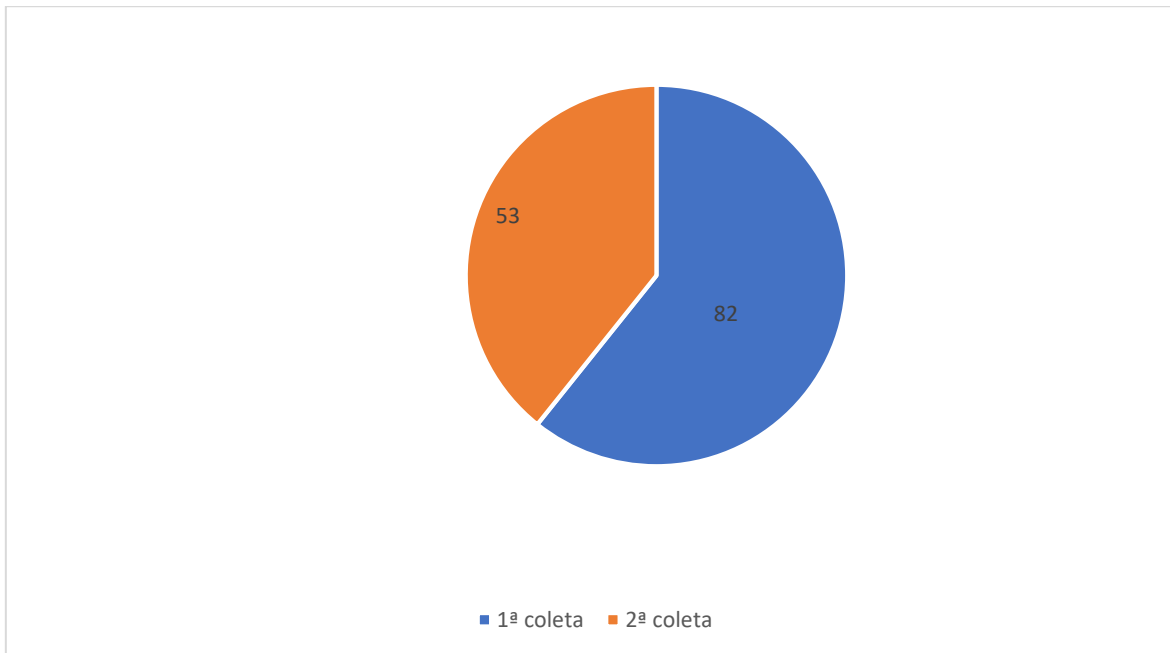
Neste capítulo, apresentamos uma análise dos resultados obtidos após as coletas de dados realizadas em produções escritas dos alunos. É importante ressaltar que, nessa segunda coleta, não são considerados as produções orais dos alunos, pois, conforme já mencionado, o objetivo deste estudo é minimizar as marcas de oralidade presentes nas produções escritas, fazendo com que o aluno reflita sobre o processo e as marcas da fala e da escrita.

Dessa forma, com a quantificação dos processos fonético-fonológicos presentes nos 24 textos escritos no segundo momento, produzimos uma análise descritiva e interpretativa das principais ocorrências, observando se houve ou não uma reincidência desse uso, comparando com os dados apresentados no capítulo quatro desta pesquisa. Para facilitar a compreensão da análise comparativa, alguns desses dados foram reapresentados neste capítulo, estabelecendo um paralelo com as informações obtidas na segunda coleta de dados.

Ao realizar a primeira coleta, identificamos um total de 256 ocorrências ao somar 172 casos da fala e 82²⁵ casos da escrita. Nesse segundo momento, ao observar somente a escrita, levantamos 53 processos fonético-fonológicos presentes nos textos recolhidos na segunda coleta, conforme se pode observar no gráfico 6.

²⁵ É importante ressaltar que ao realizar a segunda coleta de dados, somente 24 alunos refizeram os textos. Dessa forma, antes de realizar a análise comparativa com os dados da 1ª e 2ª coleta, desconsideramos as ocorrências apresentadas nos textos escritos desses quatro participantes. Sendo assim, das 93 ocorrências teremos somente 82 no gráfico.

Gráfico 6 - Quantidade²⁶ de processos fonético-fonológicos identificados nas produções escritas tanto na 1ª quanto na 2ª coleta.



Fonte: Própria autora

Ao observar esse gráfico, de modo geral, podemos identificar que, na 2ª coleta, houve uma redução na quantidade de processos fonético-fonológicos utilizados nas produções textuais dos alunos. Isso já pode ser relacionado diretamente com a proposta de intervenção desenvolvida com os participantes da pesquisa.

Com base nesses resultados, analisamos, na sequência, quais os processos ainda foram recorrentes e quais já tiveram uma redução significativa, mostrando, assim, como ocorreu a apropriação dos conceitos trabalhados nas atividades anteriores.

6.1 Traços contínuos e graduais presentes nas produções escritas

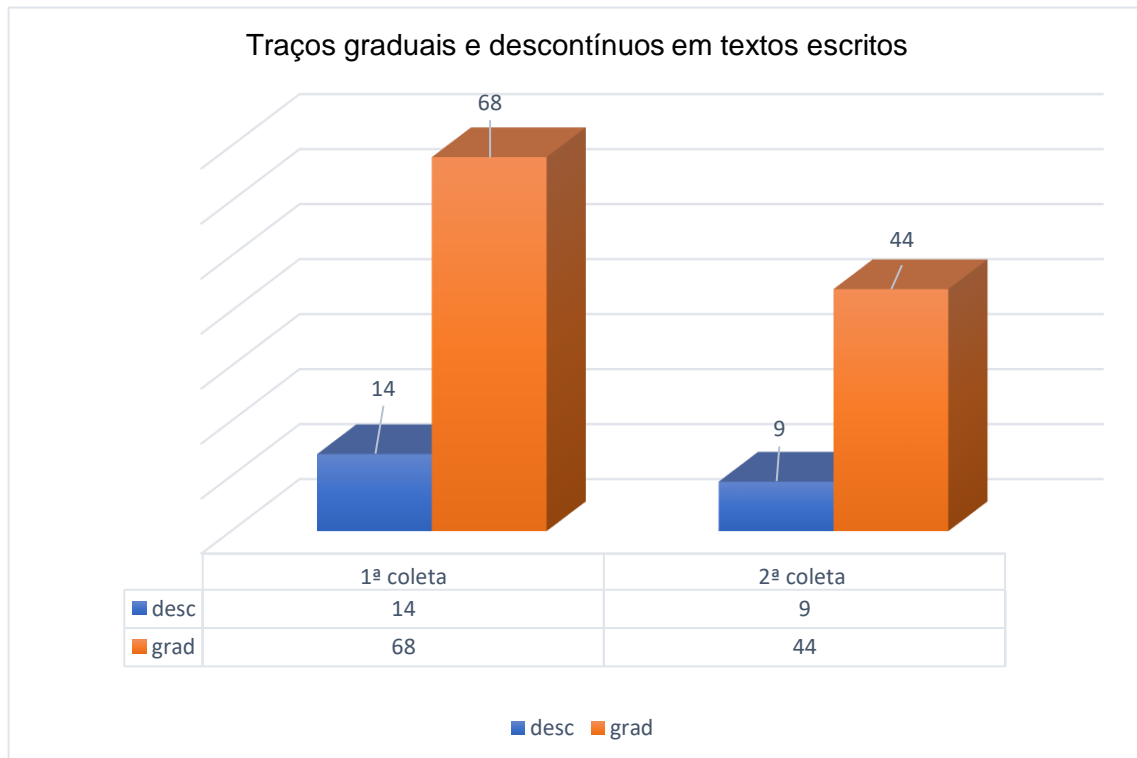
Na primeira coleta desta pesquisa identificamos que os traços graduais²⁷ foram mais recorrentes na fala e na escrita dos alunos, fato que norteou a elaboração

²⁶ Neste capítulo, os gráficos serão elaborados apresentando os números reais e não a porcentagem, para que assim se possa ter uma visão real da quantidade de ocorrências, tendo em vista que estamos trabalhando, nesse momento, com um recorte dos dados coletados.

²⁷ Ver gráfico 1 – p.51

da proposta de intervenção. Em relação à escrita, das 82 ocorrências levantadas na primeira coleta, 68 foram de traços graduais. Após a realização da segunda coleta dos textos, observamos que esse fato se manteve, pois foram constatados 44 traços graduais do total das 53 ocorrências presentes nos textos escritos.

Gráfico – Ocorrências de traços graduais e descontínuos presentes nos textos coletados na 1ª e 2ª coleta.



Fonte: Própria autora

Com relação aos traços descontínuos, podemos identificar que foram menos recorrentes nos dois casos, ficando aproximadamente em 20% do total das ocorrências, sendo 14 na primeira e 9 na segunda coleta.

Um outro ponto importante desta abordagem refere-se aos participantes, pois a maior parte dos traços descontínuos foram apresentados por eles mesmos na 1ª coleta, ocorrendo ainda a repetição de palavras que apareceram no primeiro texto, como “*trabiceiro*” e “*nóis*”, conforme o exemplo abaixo.

Informante 8

[...] “e a cabeça no trabiceiro e a cachorra dela viu ela morrendo” [...] (2ª coleta)

Um dia meu irmão estava brincando e eu estava dormindo e ele colocou as pirainha no *trabiseiro* e eu engoli” [...] (1ª coleta)

Como podemos observar nestes dois trechos produzidos pela informante 8, na primeira e na segunda coleta, tivemos a ocorrência da palavra *travesseiro*, no entanto, com uma pequena alteração na grafia. Além disso, incluímos essa mesma palavra nas atividades do módulo dois, da proposta de intervenção.

Apesar de trabalhar esses traços descontínuos, alguns alunos ainda mantiveram a ortografia, mostrando pouca apropriação em relação a esse conteúdo. Em contrapartida, notou-se que sete alunos não apresentaram nenhum tipo de variação na segunda produção, mostrando, assim, que a intervenção já contribuiu significativamente com o processo de escrita desse grupo.

6.2 Análise comparativa das principais ocorrências dos processos fonético-fonológicos

Ao levantar os dados da segunda coleta, ficamos surpresos ao observar que vários alunos não apresentaram nenhum tipo de ocorrência e outros tiveram uma redução significativa nos principais processos observados neste estudo. Assim, ao elaborar o estudo comparativo dos resultados, buscamos detalhar, de forma mais particular os textos produzidos²⁸ por todos os participantes desta pesquisa, para que assim possamos ter uma visão mais individual da evolução de cada aluno.

No quadro a seguir, apresentamos os principais processos fonético-fonológicos recorrentes na segunda coleta, estabelecendo um comparativo entre as duas ocorrências. Ao contrário do primeiro quadro, neste há somente os dados obtidos nas produções textuais escritas.

²⁸ Todos os textos selecionados para esta pesquisa estão disponíveis nos anexos.

Quadro 2 – Processos fonético-fonológicos identificados na 1ª e na 2ª coleta dos dados nas produções textuais escritas.

Processos fonético-fonológicos presentes nas produções escritas	1ª coleta (Total de 82 ocorrências)	2ª coleta (Total de 53 ocorrências)
	Quantidade	Quantidade
Aférese	14	6
Apagamento do -r	12	8
Monotongação	9	11
Síncope	10	3
Hipossegmentação	4	5
Hiperssegmentação	3	2
Alçamento do E	5	7
Ditongação	4	1

Rotacismo	1	2
Betacismo	2	1
Hipértese	1	0
Nasalização	1	1
Sonorização	1	1
Palatização	1	1
Despalatização	0	1
Alçamento do O para U	14	3

Como podemos perceber no quadro 2, a quantidade de ocorrências diminuiu em relação à primeira coleta, principalmente nos processos de aférese, apagamento do *-r*, alçamento do *o/u* e ditongação.

No processo de alçamento do *O* para *U*, houve uma redução bem significativa, com apenas 3 casos na segunda coleta, o que representa um aproveitamento de 81,25%. Em relação à aférese, a redução foi de 60% em relação a coleta inicial, diminuindo de 14 para 6 casos. O outro processo que também apresentou uma

redução de mais de 60% foi o apagamento do *-r*, tendo uma diminuição de 12 para 8 casos.

Na sequência, os principais processos fonético-fonológicos presentes nas produções escritas dos alunos serão apresentados.

6.2.1. Análise dos principais processos fonético-fonológicos identificados nas duas produções escritas dos participantes desta pesquisa

Nesta subseção, apresentamos os principais processos fonético-fonológicos presentes nas produções escritas dos alunos²⁹, tanto na primeira quanto na segunda coleta. É importante a observação da evolução de cada aluno, podendo, assim, mensurar quais processos apresentaram uma maior redução e quais mantiveram a mesma quantidade de ocorrências.

✓ Participante 1

Na primeira coleta, houve a presença de diversos processos, como: aférese, alçamento, palatização, hipersegmentação e hipossegmentação. Já na segunda coleta, o aluno apresentou um número menor processos, com uma recorrência em relação aos processos de aférese (*-tava*), palatização (*ezistinham*), alçamento (*durmir, mi*), síncope (*pasiano*), hipossegmentação (*de repente*) e hipersegmentação (*des de*).

²⁹ Os processos fonético-fonológicos relacionados à fala não serão apresentados nesta subseção, pois o principal objetivo é analisar a evolução na escrita após a aplicação da proposta de intervenção.

1ª coleta	2ª coleta
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Tava</i> - <i>Durmir</i> - <i>Tumolo</i> - <i>Mi</i> - <i>Ezistinha</i> - <i>Sanpaulo</i> - <i>Em tam</i> - <i>Des de</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Tava</i> - <i>Pasiano</i> - <i>Derepente</i> - <i>Musquito</i>

O verbo *estava* apareceu nos dois textos com a forma “-tava”. Mas, no segundo texto, logo no início, também ocorreu a forma *estava*, mostrando, dessa forma, que o aluno se apropriou da forma adequada. Outro fato importante no texto desse aluno refere-se à monotongação, pois, em nenhum dos textos, houve essa incidência, escrevendo *peixe, falou, voltou e ajudou*.

O mesmo ocorre com a síncope do *d*, em gerúndios, pois, no primeiro texto, temos as formas: *andando* e *fazendo*. Já no segundo texto, ocorre a oscilação com as formas *saindo* e *passando*, que não apresentaram a síncope, além da forma “*pasiano*” com a queda do *d*, conforme o trecho a seguir.

Ex:” Uma vez o sapo tava no lago e estava pasiano e derepente o mosquito também tava pasando” [...] (2º texto)

Nesse trecho apresentado, fica bem nítido que o aluno conhece as formas adequadas à escrita. Mas, em alguns momentos, aproxima-se da fala, levando à reflexão sobre uma falta de atenção ou, até mesmo, o desejo de finalizar rapidamente a atividade proposta, não atentando às variedades próprias da escrita.

✓ Participante 2

O texto produzido na primeira coleta pelo P2 apresentou poucas ocorrências relacionadas a segmentação não convencional das palavras (hipossegmentação – *dunada*), apócope (queda do -r em verbos no infinitivo – *ajudá*). No entanto, não será possível estabelecer a comparação com o segundo texto, pois foi transferido para outro colégio no início do mês de outubro de 2017.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>ajuda</i> ; - <i>dunada</i> ;	* Não realizou o 2º texto

✓ Participante 3

As duas produções textuais escritas do P3 apresentaram poucas ocorrências, como podemos observar neste quadro.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>Molher</i> - <i>Creixe</i> - <i>purai</i>	- <i>decidimos</i> - <i>Tíamos</i> (tínhamos) - <i>Tava</i>

Na primeira coleta, houve a ditongação em *creixe*, alçamento em *molher* e hipossegmentação e alçamento em *purai*. Já na segunda coleta os processos não se repetiram, pois surgiram aférese (-tava), alçamento do E (*decedimos*) e despalatização (*tíamos*). O segundo texto apresentou algumas palavras que poderiam ter repetido o mesmo processo apresentado no primeiro texto, no entanto isso não ocorreu, como podemos observar em *em cima* e *doente*.

Assim, ao analisar o segundo texto, podemos perceber que houve uma evolução da aluna por parte dos processos que foram apresentados na proposta de intervenção, principalmente o alçamento do U, monotongação e ditongação.

✓ Participante 4

Ao analisar a primeira produção textual do P4, de imediato, identificamos vários problemas relacionados à ortografia, organização e coerência ao apresentar os fatos. No entanto, somente os processos fonético-fonológicos foram definidos como alvo desta pesquisa, buscando avaliar a influência da fala da escrita. No texto em questão, identificamos que o aluno ainda não se apropriou, de maneira plena, do sistema de convenções da escrita, apresentando várias inadequações em relação ao uso do m/n e do l/u no final das palavras.

Com relação aos processos fonético-fonológicos, notamos a síncope do /d/ e o apagamento do /n/ em *brincar*, além da hipersegmentação na palavra *embora*. O segundo texto não foi realizado, pois o aluno deixou de frequentar o colégio logo após a primeira coleta, devido a diversos problemas de relacionamento com os colegas.

1ª coleta	2ª coleta
- brica - <i>em bora</i> - <i>fazeno</i>	* Não realizou o 2º texto

✓ Participante 5

A primeira produção textual apresentou um traço descontínuo com a ditongação de “*nós >nóis*”. Também houve a aférese em *-tava* e o alçamento em *muntei*.

A hipossegmentação aconteceu em dois casos:

Ex. 1: [...] “o primo dele foi *laver* como eu *estava*” [...]

Ex. 2: [...] “daí eu fui la *encasa* e daí minha mãe viu” [...]

Já na segunda coleta, não havia nenhuma ocorrência de processos fonético-fonológicos, apesar do aluno utilizar palavras como “ter” e “outros”, que poderiam gerar os processos de apagamento do -r e a monotongação. Assim, podemos perceber que o aluno assimilou o conteúdo trabalhado na proposta de intervenção.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>nóis</i> - <i>tava</i> - <i>muntei</i> - <i>laver</i> - <i>encasa</i>	* Não apresentou nenhuma ocorrência

✓ Participante 6

O participante 6 apresentou diversas ocorrências tanto na primeira quanto na segunda coleta, conforme se observa na sequência.

1ª coleta	2ª coleta
<ul style="list-style-type: none"> • Aférese: <i>-tava</i>. • Alçamento: <i>cimiterio</i>. • Apagamento do – r: <i>compra, chora, deita, anda, dormi</i> • Monotongação: <i>levo, mando</i> • Hipersegmentação: <i>de pois</i> • Hipossegmentação: <i>derrepente</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Monotongação: <i>sai; deixo</i> • Apagamento do -r: <i>mostra; pega</i> • Hipersegmentação: <i>a tropelada</i> • Hipossegmentação: <i>derrepente</i> • Síncope: <i>gosta</i>

Ao observar a segunda produção textual, encontramos diversos processos que já haviam ocorridos na primeira coleta e que não foram assimilados através das atividades da proposta de intervenção. Além dos processos mencionados, também identificamos problemas relacionados ao sistema de convenções da escrita.

Assim, para esse aluno, as atividades aplicadas não foram suficientes, pois não contribuíram para minimizar as dificuldades elencadas, havendo a necessidade de retomar no próximo ano letivo.

✓ Participante 7

No primeiro texto, o aluno apresentou poucos processos fonético-fonológicos. Identificamos a ditongação na palavra nós, que nesse caso é um termo marcado tanto na escrita quanto na fala, além da aférese (*-tava; tá*) e o alçamento do E. No segundo texto não registramos nenhuma ocorrência, comprovando, desta forma, que a proposta de intervenção foi positiva para minimizar a dificuldade deste aluno.

1ª coleta	2ª coleta
<ul style="list-style-type: none"> - nós - <i>tava</i> - <i>di novo</i> - <i>tá</i> 	*Sem ocorrência.

✓ Participante 8

Os textos produzidos na 1ª coleta apresentaram um número um pouco maior de ocorrências em relação ao segundo texto. No primeiro texto, identificamos o apagamento do -r final, da síncope com o apagamento do D e o betacismo em *trabiseiro*, que se trata de um traço descontínuo.

1ª coleta	2ª coleta
<ul style="list-style-type: none"> - <i>aparece</i> - <i>dormino</i> - <i>trabiseiro</i> - <i>com migo</i> - <i>derepente</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>selebro</i> - <i>ingual</i> - <i>trabiceiro</i>

No segundo texto, temos somente a ocorrência de palavras marcadas, ou seja, com um traço descontínuo. O primeiro processo é o lambdacismo com a palavra *selebro*. Também há a nasalização do termo "*ingual*" e a repetição do betacismo. Esse aluno manteve a escrita dos traços descontínuos, não apresentando nenhum traço

gradual, diferentemente dos demais participantes que a maioria das marcas foram graduais.

✓ Participante 9

O participante 9 não apresentou nenhum caso de processo fonético-fonológico em seus textos escritos. Apesar de ter registrado a ocorrência da ditongação em sua fala, não houve o mesmo registro na escrita, mostrando, assim, que o aluno já faz a distinção entre as duas formas de comunicação.

✓ Participante 10

O participante apresentou uma evolução no seu processo de escrita, pois ocorreu uma redução da primeira para a segunda coleta. No primeiro texto podemos notar o alçamento do O em computador, a hipersegmentação em *bisá vô* e a hipértese em *padaastro*.

Já no segundo texto, houve somente a ditongação na palavra nós (nóis), que, apesar de ser um traço bem marcado, é muito recorrente na língua falada dessa comunidade.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>Cumputador</i> - <i>padaastro</i> - <i>bisa vô</i>	- <i>nóis</i>

✓ Participante 11

No primeiro texto, o aluno apresentou somente um caso de monotongação com a palavra *fico*. A segunda coleta não foi realizada, pois foi transferido para outra escola antes da finalização da pesquisa.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>fico</i>	* não fez o 2º texto

✓ Participante 12

O primeiro texto escrito produzido por esse aluno apresentou algumas ocorrências como alçamento do O (*duente*), desnasalização em homem > *home*, aférese e alçamento em estava > *tavo*, além da síncope em piscina > *picina*. O texto também apresenta alguns problemas relacionados ao sistema de convenções da escrita, como *gente* > *jente*, *horível* > *orivel*, *havia* > *avia*. Isso mostra que esse aluno ainda possui várias dificuldades relacionadas à ortografia que devem ser exploradas de diversas formas ao longo de sua caminhada escolar.

O segundo texto não foi produzido, pois o aluno teve problemas de saúde e ficou um longo período afastado, não participando da finalização da pesquisa.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>Duente</i> - <i>Home</i> - <i>tavo</i> - <i>Picina</i>	* não fez o 2º texto

✓ Participante 13

Ao produzir os dois textos, o aluno mostrou que possui poucas marcas da fala em sua escrita. No primeiro texto, há o alçamento do O na palavra *escorreguei*, mas esse processo não se repete no segundo texto, mesmo com a ocorrência de palavras como *magrelinho*, por exemplo. No segundo texto, ocorre somente a hipersegmentação na palavra *enfim* > *em fim*.

Além disso, os dois textos apresentam pouquíssimos casos relacionados à ortografia de um modo geral.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>Escurreguei</i>	- <i>Em fim</i>

✓ Participante 14

O primeiro texto apresentou poucas ocorrências, sendo duas de hipossegmentação e uma relacionada ao alçamento do E. O texto dois não apresentou nenhuma ocorrência, apesar de ter usado a palavra triste que poderia propiciar a repetição do alçamento do *E*.

Ao observar o segundo texto, podemos inferir que as atividades desenvolvidas durante a pesquisa foram bem aproveitadas por esse aluno.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>mi</i> - <i>encima</i> - <i>anoite</i>	Não apresentou nenhuma ocorrência

✓ Participante 15

Os dois textos do aluno 15 apresentaram poucas ocorrências, principalmente o primeiro, pois identificamos somente a síncope na palavra cirurgia > *cirurgia*. No segundo texto, emergem dois processos: o primeiro indica o alçamento do E no termo conseguiu. Já a segundo indica que houve a palatização na palavra magrelinho > *magrelinho*.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>cirugia</i>	- <i>Consiguiu</i> - <i>magrelhinho</i>

Além disso, o aluno apresentou uma inadequação ao usar o tempo verbal ao redigir o verbo tentar, pois utilizou a marca do futuro (-ão) ao invés de indicar o passado (-am). Na frase, fica claro que o aluno tratava de um fato já ocorrido, no entanto, não utilizou a terminação verbal condizente com o acontecimento dos fatos.

Ex: [...] “então depois disso foi considerado traidor, tentarão matar ele, até que um dia *consiguiu* matá-lo, fizeram até um tumulto.”

Essa questão do uso do tempo verbal ³⁰foi trabalhado durante a proposta de intervenção, o que mostra que as atividades relacionadas a esse assunto devem ser ampliadas.

✓ Participante 16

Ao observar o primeiro texto desse aluno, verificamos a presença da ditongação ao redigir o pronome nós > *nóis*. No segundo texto, observamos, novamente, o uso do pronome nós, mas não houve nesse caso a repetição do processo.

Ex. texto 1: [...] “meu pai brigou com nois duas” [...]

Ex. texto 2: [...] “toda sexta-feira nos faziamos churrasco” [...]

³⁰ Ver atividade 5, módulo II, da proposta de intervenção.

Dessa forma, percebemos que houve um avanço na escrita desse aluno com relação ao uso dos processos fonético-fonológicos. Além disso, no segundo texto, não identificamos nenhum outro problema relacionado à adequação da ortografia.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>nóis</i>	Não apresentou nenhuma ocorrência

✓ Participante 17

Ao comparar os dois textos, fica evidente a evolução da aluna ao produzir o seu segundo texto. No primeiro, identificamos quatro tipos de processos fonético-fonológicos, fato que não se repetiu na segunda coleta.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>Nóis</i> - <i>_tava</i> - <i>Guspiu</i> - <i>Encima</i>	Não apresentou nenhuma ocorrência

A primeira ocorrência está relacionada à ditongação do nós > *nois*, processo que foi bem recorrente na fala e na escrita desse grupo de alunos. Na sequência, identificamos a aférese em estava > *_tava*, a sonorização do guspiu > *cuspiu* e a hipossegmentação da palavra em cima > *encima*.

✓ Participante 18

O processo de hipersegmentação e hipossegmentação foram os mais recorrentes nos dois textos desse aluno. No primeiro texto, temos a hipersegmentação das palavras *me arrumar*, *me deu*; e a hipersegmentação da palavra *depois*. No

segundo texto, identificamos a queda do -r em namorar e andar, além da hipersegmentação em danada.

Nos dois textos, notamos o processo de segmentação das palavras, o qual não foi abordado diretamente na proposta de intervenção, pois, após o levantamento, esse não foi um dos processos mais recorrentes nas produções da maioria dos alunos.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>Mearrumar</i>	- <i>Da nada</i>
- <i>De pois</i>	- <i>Namora</i>
- <i>medeu</i>	- <i>Anda</i>
	- <i>_tava</i>

Observamos, ainda, que esse aluno apresentou uma série de problemas com relação ao sistema de convenção da escrita, pois palavras com o mesmo som podem ser escritas por diversas letras (o som /s/ pode ser representado pelas letras s, ss, c, ç, x, z, sc, sç e xc), além da troca da consoante surda/ sonora, por exemplo, /f/ por /v/. Assim, é importante que o professor também reflita sobre algumas estratégias para trabalhar essas outras ocorrências que não foram abordadas nesta pesquisa.

✓ Participante 19

As duas produções textuais apresentaram uma grande incidência de processos fonético-fonológicos, conforme podemos observar no quadro a seguir. Na primeira coleta, há a ocorrência de traços descontínuos como *ermário* (armário), *sorto* (solto) e *subia* (assovia). Também ocorrem alguns casos relacionados à segmentação das palavras com a hipersegmentação em *me levou*, de vidros e quase tudo.

No segundo texto, constatamos o rotacismo em volta e a monotongação em colocou, pouquinho, tremedeira e quieta. O aluno também fez o apagamento do -r em pegar e ver, além da repetição do processo de hipersegmentação.

1ª coleta	2ª coleta
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Ermário</i> - <i>Sorto</i> - <i>Subia (assovia)</i> - <i>devidros</i> - <i>melevou</i> - <i>quasitudo</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Coloco</i> - <i>Poquinho</i> - <i>Pega</i> - <i>Vorta</i> - <i>Vé (ver)</i> - <i>Pufavor</i> - <i>Queta</i> - <i>Umtipo</i> - <i>Tremedera</i>

Ao observar os dois textos, percebemos que o aluno ainda possui muitas interferências da sua fala na escrita. Por isso, é necessário que o trabalho com os processos fonético-fonológicos seja explorado de uma forma mais ampla e contínua, para que, assim, essas questões possam ser mais contempladas de uma forma mais produtiva.

✓ Participante 20

Ao observar os dois textos, notamos que houve uma redução na quantidade dos processos fonético-fonológicos, restando, no segundo texto, somente dois casos de alçamento das vogais E, O,

1ª coleta	2ª coleta
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Desenquibrei</i> - <i>Quexo</i> - <i>Tiu</i> - <i>Tava</i> - <i>Encima</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>sobindo</i> - <i>lemdbe</i>

✓ Participante 21

Os processos identificados, na primeira coleta, foram reduzidos significativamente no segundo texto. No primeiro texto, ocorreram o alçamento em *passeando* e a hipossegmentação em *vem cá* e de repente. Também foram encontrados o apagamento do -r em *caçar* e a monotongação em *-meu*. No segundo texto, ocorreu somente a síncope em *gosto*.

1ª coleta	2ª coleta
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Venca</i> (<i>vem cá</i>) - <i>Pasiando</i> - <i>Derrepente</i> - <i>me</i> (<i>meu</i>) - <i>casa</i> (<i>caçar</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>goto</i> (<i>gosto</i>)

✓ Participante 22

No primeiro texto, encontramos o alçamento, a síncope do -r em *cirurgia* e a aférese em *estava*. No segundo texto, houve a repetição dos processos de aférese e a queda do -r final em *chorar*.

1ª coleta	2ª coleta
- cirugia - duia - tava	- chora - tava

✓ Participante 23

Ao observar os dois textos, percebemos uma redução dos processos fonético-fonológicos presentes no segundo texto. No primeiro texto, surgem a aférese em estava, a monotongação em jurou e o alçamento em cemitério.

No segundo texto, não houve ocorrência dos processos observados neste estudo.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>tava</i> - <i>juro</i> - <i>cemitério</i>	Não apresentou nenhuma ocorrência

✓ Participante 24

Ao observar os dois textos do aluno, houve, na segunda produção, uma maior quantidade de ocorrências, pois, além da aférese e do alçamento ocorridos no primeiro texto, houve a monotongação e a sonorização.

1ª coleta	2ª coleta
<p><i>-tava</i> <i>-machoquei</i></p>	<p><i>- tava</i> <i>- compro</i> <i>- desesperada</i> <i>- o (ou)</i> <i>- invexionado</i></p>

✓ Participante 25

No primeiro texto, observamos que o aluno teve diversas ocorrências relacionadas ao apagamento do -r no infinitivo e à monotongação. Ao analisar o texto referente à segunda coleta, identificamos que houve uma redução nos casos de apagamento do -r, restando somente um caso de monotongação.

1ª coleta	2ª coleta
<p><i>- fico</i> <i>- levo</i> <i>- tava</i> <i>- pesca</i> <i>- levanta</i> <i>- conto</i> <i>- fala</i></p>	<p><i>- fico</i></p>

✓ Participante 26

Os dois textos apresentaram uma pequena quantidade de ocorrências, tendo, no primeiro texto, um caso de alçamento e outro de nasalização. Já na segunda coleta, encontramos somente um caso de hipossegmentação da palavra de repente.

1ª coleta	2ª coleta
- mentira - vinherão	- derrepente

✓ Participante 27

Os dois textos apresentaram uma ocorrência mínima de processos, pois, no primeiro texto, tivemos aférese em *está* e, no segundo, a queda do -r no verbo *quer*. As duas marcas graduais são muito comuns na fala, em um contexto menos monitorado, contribuindo para que o aluno também apresentasse no texto escrito.

1ª coleta	2ª coleta
- <i>tá</i>	- <i>que_</i>

✓ Participante 28

O último participante da pesquisa também apresentou mais casos de apagamento de um segmento inicial da palavra (*está/estava*), hipossegmentação (o *que*), além da monotongação em *falou* e *ligou*. O primeiro texto também apresentou aférese, além do alçamento do O e do E.

1ª coleta	2ª coleta
- chuver - tava - di	- falo - ligo - tava - oque

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento dos processos fonético-fonológico presentes na fala e na escrita desse grupo de alunos e a verificação de que os traços graduais são mais recorrentes do que os traços descontínuos, elaboramos uma proposta de intervenção, que foi desenvolvida na segunda quinzena do mês de novembro de 2017. Os resultados são frutos do enfoque em atividades que trabalhem os traços descontínuos, mas que priorizem os graduais, principalmente na escrita, para que esses alunos identifiquem as especificidades dessas ocorrências, tanto na fala quanto na escrita e saibam quando e onde usar uma ou outra variante.

Conhecemos bem as muitas inquietações que permeiam a mente dos docentes comprometidos com uma educação pública e de qualidade, cujo papel seja realmente preparar os estudantes para enfrentar as necessidades que a vida lhes impõe. Sem dúvida, o domínio da escrita é uma dessas imposições da nossa sociedade. O indivíduo que não dispõe desse conhecimento, geralmente, é privado de exercer sua cidadania plenamente e deixa, conseqüentemente, de atuar em diversas práticas em que a escrita é necessária. Sendo assim, a reincidência dos desvios ortográficos com a qual nos deparamos, cotidianamente, nos textos dos alunos nos motivou a pesquisar quais fatores exercem maior influência na produção desses desvios.

Em vista disso, elegemos para a nossa análise vinte e oito textos produzidos por alunos do 6º ano de uma escola estadual, os quais constituíram o *corpus* deste trabalho. A hipótese de que os alunos representavam a fala na escrita se confirmou após o levantamento que indicou como a maioria dos desvios, os decorrentes da interferência da oralidade na escrita. Assim, os desvios ocasionados pela interferência da oralidade na escrita refletem a realidade fonética da variante que os estudantes dominam, por isso os desvios passam despercebidos aos escritores (e leitores) menos experientes.

Como os professores podem intervir nesses desvios, à luz dos conhecimentos da Sociolinguística e das disciplinas da Fonética e, principalmente, da Fonologia? Essa foi a pergunta básica norteadora desta pesquisa. Alguns casos de acréscimos que também mereceram atenção foram os que revelaram, na escrita dos estudantes, a transcrição de uma variação linguística estigmatizada socialmente. Alertamos que

essas ocorrências precisam ser tratadas com desvelo pelo docente, de modo que ele intervenha apresentando ao estudante a variedade culta, prestigiada, mas sem desconsiderar aquela utilizada pelo aluno, pois nela estão impressas as marcas da sua identidade e da comunidade com a qual ele vem, há muito tempo, interagindo socialmente.

Nesse ínterim, é necessário conceber a língua como instrumento de interação humana e mediadora da construção de conhecimentos e que a variação linguística é um fenômeno inegável que sempre existirá. Sendo assim, não pode mais deixar de ser alvo de discussão em sala de aula. É importante salientar que a atenção aos desvios de ortografia decorrentes da interface entre a oralidade e a escrita não deve ser restrita à fase de alfabetização, pois, como apresentado na análise, eles também são recorrentes nas séries subsequentes. Dessa forma, o professor de língua materna deve estar atento às produções escritas dos seus alunos e buscar não apenas corrigir os “erros”, e sim apontar os caminhos produtivos, ou seja, propiciar uma reflexão que desperte a consciência de que precisam também estar atentos no momento da escrita para que, ao se depararem com as dúvidas, possam recorrer aos saberes anteriormente construídos ou ainda buscar novas formas para solucionar os seus problemas.

O presente estudo insiste que o professor precisa – acima de tudo – ser um profissional capaz de construir conhecimento e alternativas para a aprendizagem de seus alunos. Precisa estar ciente de que, enquanto educador, deve investir no desenvolvimento profissional, como também nos estudantes, independentemente do nível de escolaridade em que ele esteja. Para o professor, tal investimento implica em pesquisar as várias possibilidades já existentes para o processo de aprendizagem das competências de leitura e escrita, e ainda, criar outras. Para os estudantes, é fundamental oferecer-lhes sempre oportunidades de leitura, apresentando-lhes diversas formas de letramento, até que eles próprios venham a descobrir o caminho que os conduzam ao desenvolvimento das suas habilidades.

Dados os limites deste estudo, não se tem a pretensão de propor soluções definitivas para os problemas detectados, mas apenas elencar algumas reflexões que possam contribuir para que o professor, no ensino de língua materna, reflita sobre a prática da oralidade e da escrita em sala de aula, de modo a intervir, apresentando ao estudante a variedade culta, prestigiada, mas sem desconsiderar aquela utilizada pelo

aluno, pois nela estão impressas as marcas da sua identidade e da comunidade com a qual ele vem, há muito tempo, interagindo socialmente.

REFERÊNCIAS

Aguilera, Vanderci de Andrade / Dircel Aparecida Kailer (2015): “**/R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar**”, em Kirsten A. Jeppesen Kragh / Jan Juhl Lindschouw (eds.), *Les variations diasystematiques et leurs interdependences dans les langues romanes*, Actes du Colloque DIA II à Copenhague (19-21 nov. 2012). Strasbourg: Société de linguistique romane/ÉLiPhi (Travaux de Linguistique Romane), 89-103.

ALMEIDA BARONAS, Joyce E.; LINI, Vanessa. **Quando a oralidade se faz presente na escrita: dados diacrônicos e sincrônicos**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 40 (2): p. 1073-1083, mai-ago, 2011. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v2_t49.red6.pdf
Acesso em: set de 2017

ALMEIDA, Edina. Fátima / KAILER, Dircel Aparecida: “**O /R/ em coda silábica nas Regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil**”, GSCP International Conference, Stockholm/ Uppsala (Suécia), 9-12 de abril de 2014 (no prelo).

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro & Interação**. 2ª Ed., Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem – Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 3ª Ed. Hucitec. São Paulo, 1986.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna – A sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora? sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança.** In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem., 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12602/9899>> Acesso em 17 de out. 2016.

_____. **O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita.** In: GORSKI, Edair M.; COELHO, Izete L. (Org.) Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC.2006.

Borges, Maria Isabel. **AS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA-AÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE** Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 21, p. 73 - 94, ago./dez. 2016. ISSN - 2238-921-0.

BRANDÃO, S. F. **Variação e mudança no âmbito do vocalismo.** In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J.; (Ed.). Panorama sociolinguístico do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-38.

BUSSE, Sanimar. **Língua portuguesa, diversidade e ensino: uma análise de contextos multilíngues.** In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, Goiânia, v, 4, p. 191-197. Anais. 2013. Disponível em: <<http://www.simelp.letras.ufg.br/anais.php>> Acesso em: 28 set. 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística.** 10ª. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica:** Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Variação e mudança no âmbito do consonantismo.** In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Ed.). Panorama sociolinguístico do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015. p. 39-64.

CAMACHO, R., G. **A variação linguística. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus.** São Paulo: SE/CENP,1988.

_____. **Da Linguística formal à Linguística social.** São Paulo: Parábola, 2013.

CAMPONEZ, Adriana Andrela. **A politização do urbano: a experiência dos moradores do Jardim União da Vitória na conquista dos direitos de cidadania e da cidade.** 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica.** São Paulo, SP: Memnon - FAPESP, 2000.

_____. **Alfabetização: Método fônico.** São Paulo, SP: Memnon - FAPESP, 2003.

CARVALHO, M.A.I; ALVAREZ, A.M.R. **Aquisição da linguagem escrita: aspectos da consciência fonológica.** Fono Atual. São Paulo, SP: Pancast, v 4, n 11, p 28-31, 2000.

CAVALCANTE, M. C. B; MELO. **Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática.** In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. (Orgs.). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006, p. 181-198. (Série estratégias de ensino, 2).

CYRANKA, Lúcia F. M. OLIVEIRA, Luís Carlos de. **A reeducação sociolinguística na sala de aula.** Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery- ISSN 1981 0377. Curso de Pedagogia - N. 16, JAN/JUL 2014. Disponível em: <http://re.granbery.edu.br/artigos/NTAw.pdf> Acesso em: 25 jul 17.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica.** Rio de Janeiro. 1976.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth. **Problemas de segmentação da escrita em séries avançadas: em busca de soluções através de ensino reflexivo.** In: XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre. Anais do XIV ENDIPE. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. v.1. p.1-19.

Garcia, Daiani de Jesus. **A influência da oralidade na escrita das séries iniciais: uma análise a partir de erros ortográficos.** Dissertação de mestrado. Pelotas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar projetos de Pesquisa.** Atlas, 5ª ed. 2010.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos** (1972). Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala.** In: Marcuschi LA, Dionisio AP (Org.). Fala e escrita. Belo Horizonte: Ceale; 2005.

_____; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas.** São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1998.

MONARETTO, V. N O. **O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais da fala do sul do Brasil**. Letras de Hoje, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar, 2000.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação, 2008.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educ. Pesquisa. 2005, vol.31, n.3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>> Acesso em: 22 de nov. 16.

VIEIRA, Marília Silva. **APAGAMENTO DE /D/: ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA SOB A PERSPECTIVA DO GÊNERO SEXUAL**. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado – Letras – UEMS/Campo Grande, v. 1, nº 4, jul. 2011. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011063729.pdf> Acesso em: 23/8/2017

ANEXOS

ANEXO 2 – Questionário socioeconômico³¹

Questionário social – alunos

Nome: _____

Série: _____

Gênero: () Feminino () Masculino

Idade: _____

Nasceu em qual cidade: _____

Orientação: Assinale com um “x” a alternativa que melhor se enquadra em seu perfil e responda as questões dissertativas, quando for o caso.

1. Quantas pessoas moram com você? (incluindo irmãos, parentes e amigos)?

a) () Uma a três b) () Quatro a sete c) () Oito a dez d) () Mais de dez

2. A casa onde você mora é: a) () Própria b) () Alugada c) () Cedida

3. Sua casa está localizada em qual bairro:

4. Você sempre morou neste bairro?

a) () sim b) () não Onde morava: _____

Segue

5. Seus pais ou avós já moraram na zona rural?

a) () sim b) () não

6) A sua família já morou em outro estado?

a) () sim Qual? _____

b) () não

³¹ Esse questionário foi respondido pelos alunos antes de realizarmos as coletas das produções. Segue sem preenchimento, pois é necessário preservar os dados dos alunos participantes da pesquisa

7. Qual é o nível de escolaridade do seu pai ou responsável por você do sexo masculino?

- a) () Ensino Fundamental
- b) () Ensino Médio
- c) () Ensino Superior. Curso: _____
- d) () Pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado).
- e) () Não estudou
- f) () Não sei

8. Qual é a profissão do seu pai ou responsável por você do sexo masculino?

9. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe ou responsável por você do sexo feminino?

- a) () Ensino Fundamental
- b) () Ensino Médio
- c) () Ensino Superior Curso: _____
- d) () Pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado). e) () Não estudou
- f) () Não sei

10. Qual é a profissão da sua mãe ou responsável por você do sexo feminino?

11. Você já reprovou alguma vez?

- a) () Não, nunca
- b) () Sim, uma vez
- c) () Sim, duas vezes

12. Como é o deslocamento de sua casa até a escola?

- a) () Carro
- b) () Ônibus
- c) () Transporte escolar
- d) () Outros. _____

13. O que você gosta de fazer em seu tempo livre?

14. Você tem acesso à Internet com frequência?

- a) Sim
- b) Não

15. Em caso afirmativo, quais os locais de acesso mais frequentes?

- a) Em sua própria casa
- b) Casa de amigos
- c) Lan houses
- d) Escola
- e) Celular

16. Você possui o hábito de ler?

- a) Sim. O que mais gosta de ler? _____
- b) Não

17. Assinale os tipos de materiais de leitura que você possui em casa.

- Nenhum
- Gibis
- Dicionários
- Livros De que tipo? _____
- Revistas De que tipo? _____
- Outros: _____

Anexo 3: Termo de confiabilidade e sigilo³²**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO**

Eu, Vanusa Fogaça de Freitas Prado, brasileira, casada, professora, inscrita no CPF/ MF sob o nº 041343669-17, abaixo firmado, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas ao projeto de pesquisa intitulado “ Os processos fonético-fonológicos presentes nas produções orais e escritas de alunos do ensino fundamental”, a que tiver acesso nas dependências do Colégio xxxx, município de Londrina, PR.

Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. A não apropriar-me de material confidencial e/ou sigiloso da tecnologia que venha a ser disponível;
4. A não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-me por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por meu intermédio, e obrigando-me, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e / ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

Informação Confidencial significará toda informação revelada através da apresentação da tecnologia, a respeito de, ou, associada com a Avaliação, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios.

Informação Confidencial inclui, mas não se limita, à informação relativa às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredo de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos e metodologia, fluxogramas, especializações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados da tecnologia supramencionada.

Avaliação significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a apresentação da dos itens “1;2;3 e 4”, acima mencionados.

³² Todos os documentos relacionados ao Comitê de Ética estão devidamente preenchidos e arquivados com os demais materiais desta pesquisa.

Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Local, ___/___/___.

Ass. _____

Nome do Pesquisador(a) Responsável

Anexo 4: Textos produzidos pelos participantes da pesquisa – 1ª e 2ª coleta – respectivamente.

Participante 1 – texto A - referente à 1ª coleta dos dados

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu tinha andado na descolado
 e fiquei sem o freio e eu embrei nenhuma
 coisa alanchada e eu fiquei com mecha mais
 depois que não aconteceu nada eu não falei
 mais mecha depois que se de chorar no
 mata mais a minha mãe falou que não existia
 mais que podia me fazer por os dias
 que não vou mais e as das de entum
 eu não tive mais nada de mecha mais
 eu não tinha mais mãe que me ajudou a superar
 a mecha em casa eu não fiquei com
 mecha.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Quando o ~~meu~~ meu va de
 sempre nasceu minha mãe foi no
 entum e a minha mãe falou que o
 temido do lado do meu va entum
 fazenda Lazzulha e a minha mãe pensou
 que era um animal não que depois a
 minha mãe falou que o Lazzulha que
 ele teve fazenda e Lazzulha que tem
 a minha mãe falou assim

Participante 1 – texto B – referente à 2ª coleta dos dados.

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

~~Eu sou um sapo~~

Eu sou um sapo e o mosquito
Um sapo tem pernas e dentes o mosquito
também tem pernas e dentes
ele se mexe com as pernas e foi ser
e não tem pernas e ai ele vai
a ventar o ar e depois o sapo tem pernas
do lado e viu o mosquito

Participante 2 – texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando meu irmão nasceu e quando minha mãe fazia uma festa de aniversário aprendida de mim e até hoje ela faz isso eu nasci em Florianópolis lá tinha um rio muito grande eu sempre fui sempre lá pescar e até hoje eu lembro que eu caí lá dentro quase morri quando eu me caí pra pescar numa lagoa e lá eu gostava de tudo todo mundo principalmente a mãe eu e meu tio lá tinha um homem que tinha um monte de galinhas eu gostava de catá-las e sair correndo eu sempre gostava de subir em árvores e comer laranja e outras frutas.
 Meu pai trabalhava de taxista.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Uma vez aconteceu comigo de minha mãe eu sempre fui sempre com minha mãe e quando eu sempre era ela sentada lá e ela sempre estava sentada numa pedrinha sempre chorando e quando ela me viu ela veio correndo pelas pedras e chorando de alegria.

Participante 3 – texto A

Produção de texto

Elabore um **relato** sobre a sua **infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Num dia, eu (cria) fui tirar foto com a foto do papai Noel, eu enchi os olhos de lágrimas, porque eu tinha muito medo do papai Noel, e até hoje eu tenho a foto desse dia.

Eu tinha 2,3,4 anos papai Noel aconteceu na creche que eu fazia

A FOTO COM
A FOTO DO PAI NOEL

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Uma mulher teve 12 filhas e a última é um lobizomen, na noite de lua cheia ele vai matando todos com sua serra. E na salada foi lua cheia, e lobizomen matou 11 pessoas, porque a última ele não matou ele foi morto por sua pessoa.
(Quem me contou foi minha avó^{ma} (mat))

LOBIZOMEN

Participante 3 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Lévy

Num dia, eu e meu pai fomos à casa da minha avó, ela ligou em nossa casa falando que podíamos ir buscar o cachorro, eu peguei três pelis que pedi para ir com meu pai até a casa da minha avó. Fomos de ônibus, pois não tinhamos carros e moto. Quando cheguei com meu pai na casa da minha avó, eu peguei as primeiras cachorros que vi. Fomos embora e decidimos que o nome dela seria Lévy. Ela era obediente, quando pagia até ela subia em cima do sofá, erguia as orelhas para cima e piscava sorrindo minha mãe brincava com ela.

Numa semana ela sentava muito, muito pelo. Meu pai deu ela ao Colerandro, e como ela era virgem, o João no xixi, um cachorro acabou cruzando com ela, ela ficou doente e morreu.

Como meu pai viu que eu estava muito triste, comprou um cachorro, e por fim o nome de Bitavem e até hoje lembro dela.

Participante 4 – texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu fui na casa da minha mãe eu fui
 brincar e ela ficou com o olho direito
 e a minha mãe levou eu no médico e eu fui
 em Brasília eu fiquei e dormi por uns 4 dias
 do eu acordar e tinha uma marca que
 meu olho direito e minha mãe levou eu
 no médico e eles disseram que não tinha nada
 com o olho esquerdo e eu fiquei muito
 feliz mas eu não gostei de ficar muito
 tempo do olho direito.

FIIMS

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

~~uma mulher que queria crianças~~
 um dia uma mulher que não podia
 ter filho daí ela tomou as crianças e
 contou das e as mães delas ia
 cobrar não achava isso mulher
 depois daquele se as crianças chorava
 ela de manhã um dia as crianças
 fugiram e contaram tudo para mãe
 delas as mães delas foi com a polícia
 denunciar e a mulher foi presa e
 depois ela recebeu das as crianças
 das do orfanato e

FIIMS

Participante 5 – texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu fui lá no caso do Sidney não teve
 brincando de Bicicleta e eu montei e eu fui
 e eu vim o curso e eu pulo porque eu
 as botas no curso e eu de machucado
 e eu não todo perno e o Sidney e o primo
 dele foi lavar roupa eu estava e daí eu fui
 lá endoso e daí muita mãe por e peguntas

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Participante 5 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Meu nome é [redacted] e eu
tenho um papagaio e um
cachorro e eu gosto muito
de ter um Bicho de
estimação e eu tenho alguns
e eu já tive vários Bichos
Cachorro, cachorro, passarinho,
etc... E eu queria ter mais Bicho,
mas eu só não tenho de gato
e resto dos outros eu gosto
de todos e eu gosto de alimentar
eles aqui comido do carinho
e eu gosto e fim...

Meus animais



Participante 6 – texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

minha infância quando eu fui na padaria com minha tia com pra
Bizi, quando eu e minha tia tava indo embora de repente veio
dois meninos na bicicleta um menino estava valendo ele me de-
rribou com o ombro dele, ai eu caí minha tia me levantou ai eu co-
mecei a chorar na rua cheguei na minha casa minha mãe e minha
vó mando eu deitar mais eu não conseguia deitar no sofá minha
e meu pai me levou no pai pra fazer raichis de pais fui no úpa ai
eu fiquei lá esperando de noite e nada. Depois eles me chama-
ram acama tava cheia de sangue ainda bem que não deitei na
que la cama fui embora intacto meu braço porque destrançou a minha
travicula dormi na cama da minha mãe não conseguia dormir fui do-
rmi no sofá não conseguia andar depois eu consegui graças a deus que
eu fui curada.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

A maneira do banheiro

Minha mãe contou a história 'A maneira do banheiro' que ~~em~~ todo
mundo suava com essa menina na escola. A menina ela se possessu
no cemiterio ela matou sua própria vida a Alma dela ficava no
banheiro das meninas da escola que suava elas, ela matava uma
cada vez quando ela terminou de matar as meninas ela nunca mais
foi sai da aquela escola e ninguém estuda mais lá.

Participante 6 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Era uma vez uma menina que gosta de cachorro mais sua mãe não gostava de cachorro, na saída da escola a menina encontrou um filhote e ela pegou e saiu correndo tão alegre na hora de chegar em casa, a menina foi mostrar o cachorro para sua mãe e jogou o cachorro na janela e falou pra menina nunca traga cachorro para casa, então sua filha foi correndo chorando e pegou o cachorro e levou um lugar bem escondido e ali ela fez a casa do cachorro e leva comida até uma hora sua mãe percebeu que ela está com cachorro.

Então sua mãe foi atrás dela e a menina não tinha pensado, ela deu comida e foi pra escola, então sua mãe foi bem escondida quando ela foi pegar o cachorro ele foi correndo na rua ela foi atrás correndo desesperadamente ela foi a tropelada e morreu então sua filha teve que morrer com sua mãe deixo criar o cachorro ela ficou muito feliz.

A MENINA e o CACHORRO

Participante 7- texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu era mais pequena eu fui para a praia com a minha mãe, tó, tó, tia, tio, prima prima, tia e nós fomos para a praia brava, mancha a praia brava era quando as ondas eram grande e a praia mancha as ondas são eram tão assim grandes era média; eu tinha me afogado e quando eu fui dormir tipo era na casa da minha tia mais a casa não era tão grande então nos dormimos na barraca no jardim daí eu dormi e eu acordei com que eu tinha me afogado devantei na barraca e fiquei excitado e pulando não eu vou morrer para de me fofa! pular por que minha mãe tá me pulando e todo mundo acordou do outro lado fomos para a praia de novo (brava tó e) eu nunca tinha ido para a praia e foi muito legal e emocionante. Foi o melhor dia da minha vida.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

(Quando eu) minha mãe me contou uma história muito estranha ela me contou que viu um acedeminho no jardim e era o saci pesco e eu fiquei tipo / tá tá tá bem? Mais continuando ela disse que ele era rápido e esperto pegou uma garrafa e Bem! pegou ele mais eu não acreditei e Depois eu perguntei o que ele tinha feito com a garrafa: ela mudou de assunto e foi embora então eu não acreditei não tipo é estranho você fala que pegou o saci pesco numa garrafa e achou que é mentira.

Fim

Participante 7- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

título:
meus
amados
Bichos

Quando eu era mais pequena eu tive vários
Bichos um cachorro dois gatos quatro peixes
mais de todos eu gostei mesmo era
a minha coelha que chama-se Perda Branca
era linda meu pai que me deu ela
ficou uns dois meses em casa eu lembro
ele para parecer fugiu tudo com ela
ela ficou numa gaiola Bem grande as
vezes mais minha mãe queria ela mais
em casa então eu tive que desistir
para meu pai ele deu ela para um
homem depois de 3 semanas perguntei para
meu pai o que tinha acontecido com ela
disse que o homem fez churrasco de coelha
e é mentira eu não sei mais tem mais
um Bicho que eu amei de t. Bem gato mas
minha mãe não queria mais nenhum Bicho
em casa daí ninguém queria meu gato
então soltei ele para viver em liberdade
sem apalhar de minha mãe agora vejo ele
de vez em quando e fico triste mas eu
amo todos meus Bichos

Participante 8 – texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

o meu irmão e eu
com o pai
Um dia os meu irmãos estão brincando
com minha e eu estava dormindo e de repente
os pais me tiraram do trabalho e eu fiquei
e quase morri e fui no (hospital) hospital
e eles tiraram o pai do meu pai
e o meu pai foi a cidade para
posto de saúde e eles colocaram um
furo no meu garganta e meu pai ficou
desesperado e o meu pai também ficou
e o meu irmão ficou chorando muito.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

o leão - homem

O meu tio e minha tia que eles estão
me muito e de repente eles viram um leão - homem
e eles correram e o leão - homem desapareceu
e o meu tio e o meu tio nunca mais
foi lá e o meu tio me contou um conto
e eles nunca mais voltaram lá e eles
quase fogem mas depois eles voltaram com
do de coisas e o leão - homem não apareceu
mas quando apareceu de um modo de aparecer
no animal aparece.

Participante 8 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Dois

Num triste dia o menino se estava
 morto no solo e o cachorro dele era
 muito apaixonado com ele e deu carinho
 no seu intermundo e ele estava com tu-
 mor no peito e do lado com o
 mãe amado e o idoso me brincava
 e o cachorro dele não do momento e no
 outro dia o menino foi acordar e não o
 cachorro virou o menino se quando ele morreu
 e o cachorro estava chorando também e foi
 isso que morreu triste pro menino e pro
 menino família. e o cachorro está no



Participante 9 – texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

fez o ponto

Quando eu era pequeno eu ficava sendo a minha mãe passar roupa, ela sempre falava: não coloca o mão no ferro que está muito quente. Um dia ela estava passando roupa e falou para mim não colocar a mão no ferro quente, mas quando ela foi pegar outra peça de roupa eu coloquei a mão no ferro, na mesma hora saiu a pele da minha mão.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

o caso do outro lado do rio

Um dia a noite a minha mãe ficava sendo um carro sempre estacionado do outro lado do rio. Quando ela ia dormir ela olhava pela janela e o carro estava lá toda noite mais de dez dias seguidos. Um dia ela estava lá fora na noite e o carro estava lá do outro lado da rua, aí a minha mãe falou para meu pai que um carro ficava sempre estacionado do outro lado do rio, quando ela foi mostrar onde o carro fica ele não estava mais lá.

Participante 9 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Quando eu era mais ~~pequeno~~ ~~pequena~~ eu sempre ia com os meus pais na Academia. Eu um dia falei para a minha mãe que eu queria um cachorro. Ai um dia quando eu cheguei da Academia com os meus pais, eu voltei para o quarto do meu irmão e percebi um inseto dentro de uma caixa ai quando eu vi de perto era um caderno. Ai eu chamei a minha mãe e falei para ela que tinha um cachorro dentro do quarto do meu irmão. Ai passou anos, eu hoje eu tenho 4 anos e este muito saudável. E sempre que eu chego da escola eu chego de sempre tuba um mimo.

Eu sou Meu cachorro.

Participante 10 – texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Eu em infância

Eu quando fui irrigar demorei (4 horas)
4 horas eu fui no caso da minha mãe
e eu brinquei a tarde inteira.
E daí eu fui no caso da meu padrinho
meu padrinho levou eu minha mãe e minha
irmã no caso da amiga dele eu joguei
no computador e depois fui nadar (na)
numa esplanada foi muito legal eu brinquei
muito e fui embora pro caso da minha
mãe e fui dormir.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

O caso

Eu minha mãe morava no distrito (na)
cidade ela tinha muito medo ela queria
brincar de coisa de laboratório ela
tinha muito medo muito medo ela ficava
com muito medo de (laboratório) laboratório e
Ela não dormia de noite ela trabalhava
com um laboratório laboratório.
Ela passou de coisa coisa de laboratório
e passou de trabalhar ela nunca mais

Participante 10 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

A galinha

Um dia a minha mãe
 ganhou uma galinha pra ela
 matar mas ela teve
 de matar a galinha ela
 gostou da galinha ela
 demorou muito pra matar
 a galinha ela levou pra casa
 da minha mãe e a minha
 mãe matou a galinha minha
 mãe esganou a galinha e
 não comeu ela

Participante 11 – texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Bom, vou contar uma história, quando aconteceu (pouco) eu era bem pequenininha. Foi das vergonha mais tudo. Lem, vou começar. Quando eu tinha 5 dias de nascimen-
to eu era alérgica a qualquer fralda, eu tinha que usar
da mais cara, da mexicana e outras quando eu fiquei
11 dias sem fazer o número e ~~eu~~ minha mãe
me levou no médico. Chegou lá ele disse que
eu era necrosada, e recomendou alguns remédios
 Tomei mais não adiantou, então minha avó fez um
chá bem doceinho, nem terminei já sou saltando um
atrás do outro, parecendo uma murchalhadora aí foi
com tudo quando soltei foi fralda em 10 fraldas.

E então é isso gente esta é minha história. Contar-
do agora é bem engraçado mais antes nos era dor de
mãos.

Título: Os meus probleminhas.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

A história da sororó

Uma vez minha avó me contou a história
da Loira do Lambreiro, vou contar.

Em uma noite de comemoração e casamento
de uma jovem ela estava na festa, e quando
deu vontade de ir ao banheiro, ela foi tranca-
a porta e foi umora ela foi tentar sair a porta
impermeável, e ficou presa, assim foi na festa fome e
nem rede, foi se alimentando de papel higiênico e
tomando água da privada.

Os anos foi passando até que ela morreu
e minha avó diz que qualquer Lambreiro é assem-
lhado pela Loira do Lambreiro.

Participante 12 – texto A

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Daí minha infância

Quando eu era criança eu queria ir na piscina do pai só que a gente não tinha dinheiro meu pai trabalhava muito para me levar e eu ficava até doente muito doente meu pai tinha que sair pedis me levar.
 Mas um dia o pai dele alimentou o safo de dele da, ele acabou e me levou foi o dia mais feliz da minha vida.

EM

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

O nome mal que viral fez -
 Quando eu era pequeno minha mãe dizia que lá me ajeite onde ela mora antes um homem pobre e ovel, ele era que eu de criança ela falou que todo o mês ele andava pelas ruas, um dia ele mandou eu ir buscar dinheiro do que era perto de casa dele, eu levei com medo a eu fui me e ele me chamou e eu fui com muito medo (p) só que eu (disse) dissei que ele era legal e minha mãe só falou para me arrastar.

Participante 13– texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu era mais pequena e morava em Cascaes num condomínio, eu estava jogando bola com meu pai mas eu senti uma dor no pé olhei para o chão e vi um dedo sangrando entre pra casa, como o chão estava molhado eu escorreguei e bati o pé no chão e também sangrou a sangria, ele daí eu fui para o hospital fiquei com 2 pontos no pé e o dedo enfraqueceu, no final eu perdi a minha bola de futebol.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Meu tio estava andando no meio do mato pegando milho, mandioca, maçã e outras coisas, quando chegou perto de um lago ele viu uma criatura de olhos vermelhos com escamas pretas que estava se aproximando dele e começou a falar dele e meu tio escapou e foi embora de lá e nunca mais voltou.

Participante 13 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Super
Magrelinho

Escrevi um texto a história de um cachorro que herdou que foi duas vezes preso a guerra, foi picado por uma cascavel e por um rato que morreu depois de picá-lo, comeu uma galinha morta, morreu com 20 anos defendendo seu dono de pitbull.

Depois que seu dono viajou, Magrelinho ficou muito triste e esperou por ele 5 anos. E até que em fim seu dono voltou, mas Magrelinho voltou a ser feliz, ele também um Dálmata e depois disso ele foi dogado e morreu queimado.

Participante 14 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Pingo um cachorro

Foi uma vez um cachorrinho largado na rua porque era muito feio e doente. Pingo não tinha lugar para morar, só um corredor até encontrar uma casa grande e bonita, foi correndo até ela para ser adotado, mas um cachorro preto e branco morava ali naquele lugar. Ele correu, correu até chegar a uma casinha feia e estranha, entrando nessa casa encontrou uma menina triste porque seu cachorro tinha sido atropelado pelo um caminhão, a menina ficou feliz de encontrar o pingo para ser seu amigo para sempre.

Participante 15– texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Uma vez eu fui fazer uma cirurgia na perna, não lembro em qual perna eu fui, mas eu só lembro que ele cortou a perna errada. Eu não lembro que o médico me deu anestesia pra não sentir dor, quando eu dormi eles me levaram para sala de cirurgia, e quando eu acordei eu já estava na quarenta, e minha mãe ficou muito ~~triste~~ nervosa.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

o mulher sem cabeça

É uma vez um ~~uma~~ situação, mas assim todo, ninguém mais a lei com medo (ela) as antigas delas falavam que já viram até aquelas o que dava muito medo e a mulher sem cabeça, elas falavam que toda sexta-feira de lua cheia ela aparecia e não sabia a um animal na floresta todas fugiam e relincha dela não era normal era mais ~~uma~~ grande coisa muito medo.

Participante 15- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Magrelhinha

Ele era um cachorro muito bom mais infelizmente ele morreu. Ele foi pra guerra, levou picada de cobra, comeu galinha morta, levou muitas mordidas de pitbulls reparando ligas mas ele foi traído pelas outras cachorros então depois disso foi considerado traído, tentaram matar ele até que um dia conseguiram matá-lo, fizeram até um túmulo.

R. I. P
Magrelhinha
d. 1995 - 2015

Participante 16– texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu era pequena eu minha mãe e meu irmão estavam em casa, eu ganhei um skate e eu fui lá na rampa da minha casa e meu irmão me empurrou da rampa e eu caí de cabeça e fiz um galó na cabeça. E minha mãe queria bater em mim e no meu irmão.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Bananas de pipamã, eu tinha, eu falei: Tassinã para ele: Você fala, ele falou: HA! HA! HA! E daí minha mãe pegou ele e jogou de no livro depois meu pai brigou com nós duas e eu ganhei um pica por mas já faz dez anos que eu tenho ele mas minha mãe me deu quando eu fiz aniversário eu ganhei um bolo de dois personagens sabe qual é Frozen e o slaf de binguetos.

Participante 16 – texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Raimunda a cachorra

Éra uma vez uma cachorra com cara de ratonana e ela se chama Raimunda e toda sexta-feira nós faziamos duzentos e apreciava um cachorro chamado musculoso e ele só tinha musculoso e esse nome quem deu para ele foi a minha madrinha e o meu padrinho, depois de duas sextas-feiras minha cachorra saiu correndo quando eu levei ela pra fora e musculoso passou e minha cachorra tinha acabado de tomar banho e colocou um vestido rosa e saiu correndo atrás do musculoso e correu para trás do bloco novo e ele pegou ela de jeito, depois ela apareceu em duas horas e levou duas chineladas.

Em dois meses minha madrinha descobriu que ela estava grávida minha mãe minha madrinha meu padrinho e eu cuidamos dela agora.

Ela come arroz, feijão, carne, frango, etc.

E ela ganha várias coisas tipo roupa, camisetas, faldas, doces, calcinhas, shorts, sabão, peruca, óculos, lala, ossos de liguêdo, casinha, caderno, um irmãozinho uma amiguinha e um pai.

Participante 17 – texto A

Produção de texto

11/2 20

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu era pequena eu peguei o pote de leite e comecei a comer minha mãe, táca dormindo e eu tá comendo o leite quando eu fui para a cama tinha uma barata na cabeceira daí eu acordei a minha mãe e ela comeu sem querer daí eu falei: Mãe Barata Barata! daí minha mãe quispiu e levou a barata daí eu tá se fiquei dans a vidada da minha mãe! KKKK

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Minha tia me contou que quando ela morava num sítio ela viu uma Boneca encima da casa e minha tia (prima) sabia uns barulho toda noite e ela ficava com muito medo quando minha tia viu acordei a Boneca não táva mais encima da casa!

Participante 17 – texto A

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

O coelho e o cachorro.

Em um belo dia, eu ganhei um lindo coelho e fiquei muito alegre porque ~~eu~~ ganhei um amiguinho de estimação.

E também tinha um cachorro de estimação, que se chamava "Latom". Dias ~~depois~~ depois, ~~eu~~ eu dei meu cachorro e ele ficou feliz e então ~~ele~~ comeu meu coelho. E quando acordei e vi ele morto eu fiquei muito triste porque ele que era um dos meus amiguinhos!

Participante 19 – texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

☺ *armario en cima de mim*

*a armario estava meio solto eu subi em cima dele para
pegar o campo meu quando a armario escapou
eu caí e a armario ~~esta~~ esta cheia de pratos e de copos derrubados
eu chamei minha mãe e ela pensou que é o meu irmão chamado
ela ela foi para cozinha e viu a armario caída ela levantou
e o meu irmão levantou a armario e me levou ao hospital,
quando a armario caiu tinha ~~to~~ pratos copos e o meu copo
quasi tudo era de vidro, mas tinha copos de plástico também.*

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

*quando você subia de noite aparecia o soci
percebe*

Participante 19- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

~~Q~~ Cicena

Uma cachorra que estava sem
mãe e tinha um coco que dava coxerões
e minha irmã pegou uma pata e Brown
e ela colocou o nome da cachorra de Nina
e o meu pai estera um papinho selado
e a minha mãe ~~colocou~~ falou para ele
pega uma cachorra para mim quando
o ~~meu~~ coco foi embora daí meu pai ~~colocou~~
~~de~~ destina e falou para coco voltar de novo
um tempo e a coco chegou e o meu pai foi
ver as cachorras saiu tudo da comissão
e ficou na frente de meu pai e ele viu
uma cachorra que estava queta na quantinha
e pegou ela daí levou para dentro e o
coco foi embora meu pai disse que
eu cuide dela e ela foi ficando grande.
e ela ficou com um tipo de berradeira e
o meu pai comprou quisto e colocou
santinha picada e deu para ela comer.

Participante 20 – texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Infância
 Quando eu era menor eu tinha pedido para minha mãe pegar o jogo de panelinha que estava encima do guarda roupa. Ao que disse que depois ela pegava porque estava ocupada daí eu abri a porta do guarda roupa me pendurei na porta pisei os pés na suca da gaveta e pisei as mãos encima do guarda roupa. Na hora que eu estava conseguindo pegar o brinquedo eu desequilibrei eu caí e bati o queixo. Meu queixo e ele ficou inchado e inchado. Na hora que a minha mãe viu ela ajudou eu e meu pai foi pegar o gelo.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Meu tio uma vez foi passear com um bul abandonado e viu uma pessoa atrás daí ele entrou de novo e não falou mais daí ele começou a correr e apareceu ele a ele segurou o corpo para a casa daí a identificação ficou na porta de casa.

Participante 20- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Tom meu gato

Tom é um gato engraçado. Tem 2 anos. Toda vez que vou dormir ele está na minha me esperando e também eu sei ele fica na minha cama daí ele vai lá na janela me esperando chegar que chego ele começa miar da janela do apartamento. Ai ele vê que estou saindo ele fica lá na porta hora que eu entro em casa ele me lembra e me cheira.

Participante 21- texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Era uma vez Eu estava com um dente na mão e foi para alguma coisa para colar o dente e perto da minha casa tinha uma data eu entrei dentro da data e achei um ferro então peguei o dente e fui colar no ferro mas não entrou porque o ferro era bem grosso e eu estava com um fio de fio de dente então peguei algumas pedras e coloquei perto do ferro para segurar o ferro então pise nele e o ferro entrou dentro do meu pé e peguei e gritei mãe, mãe minha quando ela veio e tirei o ferro minha mãe gritou eu não sabia e apertei meu pé espantou um roque parecia uma bola.

Eu morei com a minha Mãe e meu Pai) Mãe e meu Pai mora com a mulher dele, e minha irmã mora com a Mãe dele

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Era uma vez um menino que estava falando na floresta sozinho até que o curupira e o rati-para apareceram e o menino ficou correndo achando que eles iam atrás dele e de repente ele se viu numa lagoa de fogo atrás dele ele correu que não era um lago ele só queria proteger a floresta do homem e fugiu o menino nunca mais quis andar naquela floresta pode ser grande pode ser pequena mas só sei de uma coisa é história que o povo conta.

Participante 21- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Eu tenho um cachorro que se chama Juca e eu ~~tenho~~ uma gata que morreu e outro cachorro chamado requinho ele também morreu só fiquei com o Juca ele é muito brincalhão e ~~o~~ o nome da gata é ~~(?)~~ Perla ela ~~foi~~ criou um gatinho morto que nasceu errado e o miúdo gata ficou com câncer de mama e a teta dela ficou impedida e cada vez mais ia crescendo e ela morreu o requinho ele pulava o muro de casa e o muro não é baixo e ele comen um ovo que furou todo as tripa dele e eu gata muito do Juca

Participante 22- texto A

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu fiz cirurgia eu tinha medo na cirurgia era muito ruim porque tinha de mais eu suava de dor e também relava e muito suava mais eu me dei eu fui no médico e eu estava muito preocupado e o médico disse: - Já mandei do seu amigo! aí eu ~~fiquei~~ fiquei durante aí eu fiz a cirurgia e depois de uma semana depois descobri que minha tia estava com contos de mauco foi tipo uma cirurgia expressa pelo meu e minha família e foi isso mesmo que aconteceu.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Minha tia contou que um aparelho
o muller veio pelo de cabeça ~~o~~ pelo
noite de la cheia ai o padre viu pelo
o aparelho de porta ele contou aise
no porta e teve quando pegou na casa
interio minha tia que falou e eu
não sei se é verdadeiro mais sobre
história de terra ano 17 de maio.

Participante 22- texto B

Produção de texto *A despedida de Dal.*

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Eu tenho um gatinho que se chama Dal e ela gostava de passear então um dia levei ela no casacoinho dela e lá em potencial e do ero muito feliz quando cheguei lá fui cumprimentar minha tia e ela e eu não vi ela e ela foi na rua e tá vindo um ônibus e quando veio pintinho falou olha a dal lá quando eu vi ela tá no chão cheio de sangue eu comecei a chorar e comecei a pensar muito no Dal tenho muitos saudades dele ano de meus de ele sei que onde está com Deus ele está muito bem.

Participante 23- texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Era um dia normal, mas foi eu
 fui para casa da minha mãe pq tá a relata
 uma churrasco. Foi minha mãe que a ideia de
 alugar a churrasco 3 Bolas. E minha churrasco
 a festa tá na churrasco altaita.

Nesse dia eu estava mas na ca-
 mpinha que tinha tinha uma pedaga de
 garrucha quebrado da minha tia largou a
 pi, e na mesma dia minha irmã comp-
 rou minha prima na piscina fundada na
 e meu outro tia estava na piscina e com-
 quebrou a filamento.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Tinha um dia que eu e minha fam-
 ilia tinha ido visita meu pai e meu primo
 Ryan que eu primo menina de levan-
 ta e um homem alto bastante tudo de pe-
 ito atre do tumulto do meu pai e eu e m-
 me tias não dia nada e com isso minha
 tia jamais foi a gente foi embora quan-
 to a gente saiu a gente foi embora que tin-
 ha alguma coisa meu primo.
 Mas eu tinha muita mais história
 do caso que não digo.

Participante 23- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Era um dia normal eu
e minha mãe e meus irmãos
vamos comer e dando na sua lei.
achamos dois filhotes de gatos,
mas quisemos pra criar um filhote
com a nome de Gigi e o outro
Geraldina. Mas a Geraldina não deu
L muito. No outro dia de manhã.

Doi a Gigi ficou muito de raiva

Participante 24- texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu era pequeno minha mãe falou que eu não podia entrar brincando com a minha prima de arizãozinho e teve uma hora que minha prima deixou o arizãozinho dela cair lá no corredor do meu caso e lá fora muito escuro e ela começou a me chamar gritando e eu também vi ela dois olhos vermelhos brilhando e então a gente começou a correr e no porta do meu caso tinha um portãozinho pequeno e eu mechoquei minha prima depois fui pegar meu giz e o meu quadro pro nós desenhar e de repente apareceu um arizão atrás de mim.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Minha mãe disse pro mim que minha avó contou pro ela quando ela era pequena. Ela disse diz que algumas mulheres que se apaixonou pelo homem veio muito bem coloco.

Participante 24- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Meus lindinhos

Eu tenho 2 coelhos e 1 gato, o meu coelho que tenho 10 anos era o mais velho e se chamava Chocolate, e o meu outro coelho que era o mais novo tinha 4 anos e se chama Pipoca. O meu gato tinha 1 ano e se chama Bêlica. Quando eu saía do escola e do mercado, do casa do minha tia etc, o Chocolate avia e pulava em mim todo alegre e o Pipoca abanava o rabicho e o meu gato pulava em mim brincando. Uma vez que o Pipoca estava chorando todo os noites e minha mãe e meu pai acharam que era o sinal dele: incontinência e meu pai foi cortar o pelo dele que estava mais longo dele e eu que do lado do olho dele estava furado e então meu pai comprou remédio e passou a gente foi olhar e o olho dele ficou cheio de bolhas e minha mãe disse que tinha que remover ele e eu comecei a chorar e meu pai disse que não precisava e então passaram dias e o Pipoca não queria mais comer e a gente ficou de tudo mais mais adiantado e então no dia 17/12/2017 as 18:40 ele ficou trêmulo em tudo e eu fui me levantar e quando fui tocar o corpo dele já era 1:04 fui ver ele todo duro e frio no chão sem se mexer e os bichos tinham entrado no olho dele e eu desesperado liguei para minha mãe que estava trabalhando, e eu muito chorado chorando feio. Quando meu pai foi entender ele foi um dos muito muito pertence o animal ele era meu Bêlica.

Participante 25- texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Um dia minha mãe pegou eu
comendo coco de gelinho doí. Minha
mãe ficou preocupada e levou eu no
medico doí nota dele nota.
Meu tio me conto que um amigo dele
tiro no nota com os outros doí ele
deitou coí um melancia no cham e
ele ficou por tras el ele viu a labo somem,
ele contou isso quando eu tinha 6 anos

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Um homem
foi perca el lro de noite
e quando ele se acordou doí ele foi
se levantar ele viu uma mulher tras
do oxirel e era de noite e ele tiro
sezinho e a mulher correu tras doí
e contou ele meu tio que contou doí
doí lição com melancia com blani dormi

Participante 25- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe. *minha cachorra*

Um dia, minha mãe pegou uma cachorra
e o nome dela era Pequim. Ela sempre ficou
presa por que quando ela não conhecia a
pessoa ela mordeu um dia ela saiu no
seu quintal e ela morreu atropelada por
um caminhão de lixo.

Participante 26- texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Na minha infância foi assim e o Um dos relatos mais importantes foi quando minha mãe me levou a igreja e eu pedi para que ela deixasse eu ir de mim mesma e mesmo assim ela não deixou. Minha irmã mais velha por isso ficou muito triste que ela me pediu, eu fui, na verdade eu me esqueci e quando fui na casa de meu amigo, minha mãe brigou muito comigo e fiquei de castigo por um mês sem ver televisão.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Em um belo dia lá estava eu todo tranquilo, mas de repente eu senti um barulho muito estranho lá fora quando eu estava que eu não queria estar tudo reverendo, então eu fui lá fora e fiquei do lado de fora da janela e depois de mais duas horas quando eu fui embora.

Participante 26– texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

O Bobê chorou
 Era uma vez um menino chamado Lucas que morava no Rio de Janeiro e que tinha 9 anos.
 Ele não tinha um cão ele só fazia seu passeio matinal no parque que ficava próximo a sua florista.
 Um dia ele e seus amigos foram comprar e chegando lá todos foram embora e de repente ele viu um cachorrinho chorando; ele foi até lá e lá ele descobriu a razão graças a Bobê.
 Ele levou o filhote para sua casa, Bobê se divertiu muito com seu novo dono; Quando Lucas foi fazer seu passeio matinal, Bobê foi atrás dele e não pediu, Bobê encontrou no dono e voltou para sua casa, Bobê e Lucas viveram felizes para sempre.

Participante 27- texto A

Produção de texto

Elabore um relato sobre a sua infância com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Quando eu tinha 6 anos meu pai me colocou em cima de um muro, e eu tinha muito medo, meu pai falou que era para mim segurar que ele ia pegar o celular para tirar foto de mim e eu falei não. Quando ele p saltou com o celular, ele disse que eu estava caída no chão daí ele me pegou no colo e chamou o táxi, e cheguei no hospital e eu tinha torcido meu pulso e tinha machucado o meu pé, e demorei dois dias para sair do hospital.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um caso que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Dois irmãos combinaram de ir para uma chácara com a seus namorados, quando eles foram chegando lá a casa era mal iluminada, o rádio aparecia uma vez ouvindo música, e eles não conseguiram dormir, apareceram muitas aranhas e eles resolveram ir embora, eles mandaram uma aranha chamada Maria tirar foto e quando chegaram em casa foram ver a foto uma menina apareceu na foto.

Participante 27- texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

O Teto

O Teto é o cachorro de minha tia, ele é muito bravo, ninguém pode ir na casa de minha tia que ele faça merda, e ele gosta de muito carinho para entrar na casa, tem que sempre acariciar porque ele merda. Quando minha tia sai ele o Teto cuida da casa se deixa a minha tia e os meus primos, quando alguém abre ou fica perto do portão ele avança, ele é muito ruim com gente de fora não pode abraçar minha tia ou meus primos, ele sempre foi assim.

FIM

Participante 28– texto A

Produção de texto

Elabore um **relato sobre a sua infância** com base nas informações que foram registradas durante a pesquisa realizada com seus familiares. Fique atento ao que foi estudado sobre esse gênero.

Uma noite

Eu lembro de um dia que era aniversário de ano novo e eu, minha irmã, minha mãe, meu padrasto e meu pai... enfim, quase toda a família estava na casa da minha avó (mãe do meu pai). Estava tendo um churrasco lá e estava com tempo de chuva. Depois os amigos foram chegando, agente estava comendo carne... e a piscina estava cheia... Então começou a chover e meus primos pularam na piscina e depois entrou a família inteira na piscina, e deu coisa (ano novo)... esse ano novo foi b mais legal de todos.

Produção de texto

Elabore um texto relatando um **causo** que foi registrado durante as entrevistas com seus familiares. Observe com atenção as características deste gênero.

Minha avó me falou que quando minha mãe desobedeceu ela, a minha avó disse para ela que um bicho ia pegar ela... Um dia a minha mãe desobedeceu ela de novo e ela tapou na porta de quarto da minha avó e uma coisa foi e chegou ela para trás. Depois desse acontecimento minha mãe nunca mais desobedeceu minha avó.

Participante 28– texto B

Produção de texto

Agora é a sua vez de contar a sua história! Elabore um relato sobre um momento marcante vivido com o seu bichinho de estimação. Seja criativo! Após a escrita, os textos serão socializados entre os colegas de classe.

Sully
 Sully minha cachorrinha é muito especial para mim.
 Um certo dia, minha mãe me ligou do trabalho dela e falou:
 - Gaby, tenho uma surpresa para você!
 É quando ela chegou do trabalho, por volta das 16:30, eu perguntei:
 - O que é a surpresa?
 Ela disse que estava chegando. Dez minutos depois um rapaz de moto brasileira em frente a minha casa, eu e ela saí para ver o que era e ele tinha uma caixinha (ehow ehow) de dentro da caixinha que estava em cima da moto. Hoje ela tá muito grande e tá com 1 ano e 4 meses. Amo muito ela.